

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PGGHC

CLEBER AUGUSTO GONÇALVES DIAS

Urbanidades da natureza:
os esportes e a cidade do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLEBER AUGUSTO GONÇALVES DIAS

Urbanidades da natureza:

os esportes e a cidade do Rio de Janeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo.

Rio de Janeiro
Setembro de 2007

D541 Dias, Cleber Augusto Gonçalves.
 Urbanidades da natureza : os esportes e a cidade do Rio de Janeiro /
 Cleber Augusto Gonçalves Dias. Rio de Janeiro : UFRJ, 2007.
 f. : il

 Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio
de Janeiro, 2007

 Orientador: Victor Andrade de Melo

 Esportes – Rio de Janeiro,RJ. I. Melo, Victor Andrade (Orient.) II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais. III. Título.

CDD: 796.01

FOLHA DE APROVAÇÃO

Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Aprovada em: 21 de janeiro de 2008 e recomendada para publicação.

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, IFCS/ PPGHC, UFRJ

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva, IFCS/ PPGHC, UFRJ

Prof. Dr. Edmundo de Drummond Alves Junior, Dep. de Educação Física, UFF

Aos meus pais, por terem dedicado suas vidas à educação dos filhos.

“Rio, meu Rio querido que tudo guarda: os entes puros e as almas danadas, e que me ensina a viver como se deve viver e como eu vivo, só desejando ser o homem das tuas ruas”.

Di Cavalcanti

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo empreender uma comparação entre o desenvolvimento histórico de duas modalidades de esportes na natureza – a saber, o surfe e o montanhismo – e a evolução urbanística da cidade do Rio de Janeiro. A idéia central é que uma comparação entre diferentes aspectos da constituição de uma cidade, tais como são sua geografia e seus esportes, pode nos conduzir a um ponto privilegiado de observação do fenômeno urbano. A cidade, nesse caso, é compreendida para além do espaço meramente físico sem, contudo, desconsiderá-lo. Sua definição, nesses termos, tende a compreender, além da sua própria materialidade, formas de uso e de apropriação, bem como o processo de produção de estilos de vida. Articulações dessa ordem nos permitem construir alguns nexos explicativos mais gerais. Em outras palavras, o olhar simultâneo para a cidade e suas práticas, traz à tona algumas aproximações simbólicas entre essas duas esferas sociais. Tais aproximações ou afinidades, dizem respeito a alguns aspectos macrosociológicos do período a que se refere este estudo, nomeadamente, as décadas de 1960 e 1970. Nota-se, por exemplo, a predominância de um recorte de classe muito particular. De acordo com as transformações político-econômicas daquela época, cujo resultado foi a concentração de renda e o fortalecimento das classes médias, vê-se a cidade se desenvolver em função dos desejos desse estrato. No esporte, do mesmo modo, aparecem novos simbolismos capazes de pôr em prática essa nova estrutura de necessidades, marcadas pelo desejo de exibição de um novo-riquismo. Do mesmo modo, vê-se tanto a cidade quanto o esporte expressando uma crescente valorização pelo novo, pelo tecnologicamente mais avançado. Ter-se-a ainda uma certa inclinação a incorporação de padrões de socialidade tipicamente norte-americanos. A exemplo das outras afinidades, trata-se de algo que vai se manifestar tanto na cidade quanto nos esportes. No primeiro, através de planificações urbanas funcionalistas que privilegiam o uso do automóvel, as vias expressas, um certo isolamento e a presença de áreas verdes, bem ao estilo dos subúrbios estadunidense. No segundo, com novos esportes, como o surfe. Quarta aproximação pode-se notar na exaltação de uma nova sensibilidade ecológica, que induz a criação de bairros sob matrizes urbanísticas comprometidas com a preservação, tal como a Barra da Tijuca, ou a prática de esportes que acontecem em ambientes naturais, tais como surfe e montanhismo. Por último, a articulação desses elementos que, juntos, se tornarão sinônimo de modernidade e sofisticação dos costumes. As fontes para essa pesquisa foram jornais e revistas da época e, no caso dos esportes, entrevistas com esportistas envolvidos com tais práticas àquela época e documentos dos clubes de montanhismo.

PALAVRAS-CHAVE: esportes na natureza; cidade; 1960-1970.

ABSTRACT

This work had as objective to undertake a comparison the historical development of two modalities of sports in the nature - to know, surfing and the mountaineering - and the urbanistics evolution of the city of Rio de Janeiro. The central idea is that a comparison between different aspects of the constitution of a city, such as are its geography and its sports, can in leading them to a privileged point of comment of the urban phenomenon. The city, in this in case that, is understood for beyond the space mere physicist without, however, to disrespect it. Its definition, in these terms, tends to understand, beyond its proper materiality, forms of use and appropriation, as well as the process of production of life styles. Joints of this order in allow to construct them some more general clarifying nexuses. In other words, the simultaneous look for the practical city and its, two social spheres bring to tona some symbolic approaches between these. Such approaches or affinities, say respect to some macrosociological aspects of the period the one that if relates this study, nominated, the decades of 1960 and 1970. It is noticed, for example, the predominance of one clipping of very particular classroom. In accordance with the politician-economic transformations of that time, whose resulted it was the concentration of income and the strongment of the middle classes, it is seen city if to develop in function of the desires of this conditions. In the sport, in a similar way, they appear new capable symbolisms of putting in practical this new structure of necessities, marked for the desire of exhibition of its conditions of new-riqs In a similar way, the city is seen how much the sport expressing in such a way an increasing valuation for the new, for the technological most advanced one. To still have it a certain inclination the incorporation of typically North American standards of socialidade. The example of the other affinities, is about something that goes to manifetar itself in such a way in the city how much in the sports. In the first one, through funcionalistas urban planificações that privilege the use of the automobile, the express ways, a certain isolation and the presence of green areas, well to the style of the suburbs United States. In as, with new sports, as surfe. Fourth approach can be noticed in the dither of a new ecological sensitivity, that induces the creation of quarters under compromised urbanistics matrices with the preservation, such as the Barra da Tijuca, or the practical one of sports that they happen in natural environments, such as surfing and mountaineering. Finally, the joint of these elements that, together, will become synonymous of modernity and sophistication of the customs. The sources for this research had been of the time and, in the interview, magazines and periodicals case the sports with involved esportistas with such practical to that time and document of the mountaineering clubs.

KEY-WORDS: sports in the nature; city; 1960-1970.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	10
INTRODUÇÃO	13
A CIDADE	18
A cidade que ninguém viu.....	18
E o lugar da natureza?	24
O ar agreste da cidade	27
A nova antiga maneira de morar	30
Modernidade e modernismo arquitetônico.....	34
O MONTANHISMO	40
Fome de pedra	40
A Escola Técnica de Guias e a turma de 65	45
Muita fome de pedra	50
Escalada esportiva e uma nova estrutura de conflitos.....	57
“Montanhismo” e Antônio Ivo Pereira.....	63
Americanização	73
O SURFE	86
Precedentes.....	91
Transição	95
Surfistas propriamente ditos: a Geração Surf.....	101
Pier de Ipanema: surf e contracultura.....	113
Profissionalização.....	122
CONCLUSÕES.....	138
BIBLIOGRAFIA E FONTES	149

AGRADECIMENTOS

Não é tarefa fácil redigir texto de agradecimento. Sobre isso muitos já falaram. Aqui, a exemplo de quase todos os trabalhos acadêmicos, foram muitas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para sua realização.

Deveria começar citando o nome de Victor Andrade de Melo. Na condição de orientador, fez-se presente de maneira atenta e carinhosa ao longo de todo o trabalho. Ao mesmo tempo, nunca obstruiu, em nada e em nenhuma medida, a liberdade das escolhas acerca dos caminhos a serem percorridos. Mais que isso, sua empolgação diante de tudo é sempre tão contagiante que tem nos ensinado – a mim e a todo um grupo de jovens estudantes – que fazer do pensamento um ofício pode ser um fascinante projeto de vida. Ter sua amizade tem sido uma honra e trabalhar sob sua orientação um privilégio.

Especial agradecimento também a Edmundo de Drummond Alves Junior, amigo e sempre professor. Devo-lhe as primeiras e pacientes lições oferecidas ainda na graduação. Sua enorme capacidade de realização aliada a uma humildade e gentileza desmedida tem se constituído em inestimáveis ensinamentos, que extrapolam em muito os estreitos limites do mundo acadêmico.

Devo muitíssimo a esses dois homens e essas poucas palavras não expressariam toda minha gratidão.

Aos professores Gilmar Mascarenhas, Marcos Alvito e Francisco Carlos Teixeira da Silva, que em diferentes momentos ofereceram suas generosas ajudas para este trabalho. A incorporação de suas críticas e sugestões certamente evitou muitos descompassos.

Devo mencionar também um punhado de bons companheiros dos quais estive cercado durante esse período. Em primeiro lugar ao meu grande parceiro Wecyslei do Espírito Santo, com quem desde muito antes do meu ingresso na pós-graduação já

confabulava sobre teorias, idéias, sonhos e projetos. Parte disso tudo está nas páginas que se seguem. Do mesmo modo Álvaro do Cabo, André Schetino, Maurício Drummond e Ricardo Pinto dos Santos.

Desses irmãos que a vida me deu roubei, sem autorização, muitas idéias, anotadas às pressas num caderno em meio às reuniões ou – o que aconteceu mais frequentemente – rabiscadas a esmo num guardanapo qualquer durante algum dos nossos muitos efusivos encontros, sempre bem regados, claro. Se quisesse, poderia chamá-los “interlocutores privilegiados”. Mas conhecendo suas índoles e sabendo de seus costumes prefiro chamá-los meus comparsas. Se este trabalho tiver algum mérito é a eles que devem ser concedidos os créditos. Os equívocos ficam todos por minha conta. Além disso, nosso convívio fraterno e festivo – e tão fraterno quanto festivo – transformou o mestrado numa experiência singular. Ali levamos até as últimas conseqüências as palavras de Umberto Eco, para quem “fazer uma tese é, antes de tudo, divertir-se”.

Passado algum tempo esse bando se organizou – ou quase – e formou um grupo de estudo sobre história do esporte, que hoje já se constitui como o “Sport: laboratório de história do esporte e do lazer”. A esses, se juntaram mais tarde as graciosas presenças de Aline Amoedo, Juliana Garcia, Isabella Buarque, Vivian Fonseca e também do nosso eterno calouro Kimon Speciale. Devo-lhes também meus agradecimentos.

Tive ainda a felicidade de contar com a contribuição de outros grupos, como é o caso do Anima, com quem há mais de três anos tenho o prazer de conviver. Nossa experiência tem nos ensinado como pode ser rico e prazeroso o trabalho coletivo.

Transitei ainda por um outro espaço bastante fértil constituído por um grupo de alunos com quem pude conviver no período em que lecionei na Escola de Educação Física da UFRJ. Hoje, seguimos juntos, dessa vez no Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Natureza, estabelecido, exatamente, em função das nossas demandas. Espero, realmente,

estar lhes sendo útil também.

Agradeço ainda a Gisa, que em meio a meus altos e baixos, idas e vindas, sempre manteve inabalável seu afeto e companheirismo. Aos meus compadres Jonathas e Alessandra, cuja amizade tão verdadeira foi uma das poucas coisas capaz de me fazer fugir tantas vezes das intermináveis jornadas de estudo. À Débora Profeta e Elisangela Lima, secretárias do Centro Excursionista Brasileiro, pela solícita ajuda na consulta aos materiais do clube. A Claudia, por ter disponibilizado seu tempo de maneira tão amigável para me ajudar com o acervo do Centro Excursionista Light. À Cláudio Aranha, do site Montanhas do Rio e responsável pelo projeto História Oral do Montanhismo Brasileiro, que ofereceu ajuda desde o momento que tomou conhecimento deste estudo. A toda a direção do Centro Excursionista Brasileiro e do Centro Excursionista Rio de Janeiro, pela confiança e pelo esforço em facilitar meu acesso aos arquivos dos clubes. À amiga Marília Bandeira que, além de ter me cedido gentilmente seu acervo particular da revista Brasil Surf, tem me oferecido à chance de compartilhar um universo quase infinito de novas interrogações. À Lourdes e Marcos, cujas presenças no Largo de São Francisco é responsável pelo melhor churrasquinho do Rio de Janeiro e quiçá do planeta, fornecendo ao longo desse período todos os substratos necessários a elaboração de uma tese.

Por fim, devo o mais profundo agradecimento a todos aqueles que abriram a porta das suas casas, ofereceram seu tempo, seus arquivos, seus depoimentos e suas memórias para a história de que trata este trabalho: André Ilha, Antônio Paulo Faria, Arduíno Colassanti, Cláudio Carrozino, Fernanda Guerra, Giusepe Pellegrini, José Garrido, Reinaldo Benker, Rogério de Oliveira, Marcos da Silveira, Miriam Garrido e Waldinar Menezes. Um pergunta induz a uma troca e uma resposta instituiu uma dívida. Sem suas pacientes contribuições esse trabalho não teria sido possível.

INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho foi investigar os mecanismos históricos pelos quais esportes praticados em ambientes naturais foram assimilados no Rio de Janeiro. Com essa finalidade, surfe e montanhismo, mais particularmente, foram tomados como objeto de estudo. No Brasil, esses esportes constituem uma expressão relativamente nova das configurações do fenômeno esportivo, sobretudo em sua relação com a natureza e com valores e práticas ambientalistas. Nesses termos, eles estão ligados à difusão e a consolidação de uma estrutura de sentimentos particular, que de acordo com os argumentos que vou apresentar de agora em diante, foi produzida no e pelo ambiente urbano.

O trabalho sobre esses esportes em outras frentes de investigação, onde um trabalho de campo me colocava em relação direta com esse universo de referências¹, me sugeria que o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970 havia sido particularmente importante para a sua consolidação histórica. Nessa época, apareceram e se desenvolveram novas modalidades, que traziam consigo símbolos e concepções esportivas que reivindicavam um estatuto de inovação e originalidade. Foi nessa época também que esses costumes passaram a mobilizar um crescente contingente de jovens metropolitanos que, muitas vezes, as elevavam ao estatuto de “filosofia de vida”. E é por isso mesmo que este trabalho se concentra, exatamente, nesse período.

A assimilação e subsequente popularização desses símbolos constituem, em alguma medida, uma transformação na maneira como o esporte se apresenta socialmente. Tais re-significações acompanham e integram amplas transformações que se desdobram na vida social em sua totalidade, dialogando com as peculiaridades do seu momento histórico. Ao mesmo tempo, esses elementos lançam desafios teóricos originais para a sua análise. À

¹ Ver DIAS, Cleber; ALVES JUNIOR, Edmundo. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói, RJ: EdUFF, 2007.

medida que os esportistas saem em busca de novos ambientes para sua prática eles acionam uma nova territorialidade.² Na prática, dispensa-se edificações específicas e potencializa-se o uso do espaço público como um lugar esportivo. Logo, o seu desenvolvimento estabelece uma profunda relação com as dinâmicas de ordem espacial, especialmente aquelas das cidades. No limite, estudá-los, é estudar novas formas de uso e apropriação do espaço urbano.

Para formular de outra maneira, podemos dizer que esses esportes são dotados de um caráter eminentemente urbano, mesmo que praticados na natureza. Nesse caso, entende-se que a sua urbanidade, isto é, suas interfaces com o mundo das cidades, está para além do simples fato de acontecerem dentro ou fora dela.³ A busca pela natureza aliás, bem como o esporte em seu sentido moderno, são produtos do crescimento das cidades e sua expansão está atrelada a uma cultura especificamente urbana. Mesmo em casos mais particulares, como é o montanhismo, que costuma acontecer em ambientes mais afastados dos grandes centros – embora não seja exatamente esse o caso do Rio de Janeiro⁴ – é o contexto das cidades que parece lhes impulsionar.

Não por acaso, a fundação do primeiro clube de alpinismo do mundo (*The Alpine Club*) ocorreu em Londres, em 1857, no contexto da maior cidade do mundo à época, que chegou a ser classificada como um lugar sujo e mal-cheiroso⁵, motivando alguns de seus cidadãos a buscarem refúgio no contato com a vida selvagem. A apreensão da natureza com finalidades de lazer sempre aconteceu de maneira bastante idealizada, e quase sempre buscando um contraste com o mundo das cidades. No início do século XIX a rainha Maria Antonieta freqüentava uma casa de verão em Versalhes, que simulava uma aldeia

² MASCARENHAS, Gilmar. A leviana territorialidade dos esportes de aventura. In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloísa. (orgs.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

³ DIAS, Cleber; ALVES JUNIOR, Edmundo. Esporte, cidade e natureza: um estudo de caso. **Licere**, Belo Horizonte, vol. 9, n. 1, p. 37 – 53, 2006.

⁴ Segundo dados da Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ), do total de duas mil vias de escalada do território fluminense, mais da metade estão concentradas na área urbana da capital.

⁵ RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

normanda e era dotada de vários artifícios para imitar uma paisagem natural. Nas duas viagens anuais que fazia ao local, tentava “fazer de conta que era uma camponesa, tomando sorvete numa mesa de mármore, colhendo flores no jardim ou segurando uma vara de pescar na beira do lago artificial”.⁶

De modo mais geral, portanto, a evolução do esporte – na natureza ou não – dá-se sempre através de uma complexa rede interdependente com o ambiente das cidades. Foi por intermédio delas que determinadas práticas de lazer chegaram e se difundiram, tais como o próprio esporte, que iam encontrando receptividade cada vez maior entre a população urbana. Em última instância, pode-se mesmo dizer que o lazer moderno é uma invenção urbana, pois foi somente no ambiente das cidades (modernas) que práticas desse tipo encontraram condições para seu desenvolvimento. Entre essas condições podemos mencionar as possibilidades de farta divulgação, distribuição e comercialização.

Contudo, o papel da cidade na ascensão do esporte não foi meramente de uma unidade geográfica passiva com uma grande população de residentes que fornecia jogadores, espectadores e consumidores potenciais. O desenvolvimento urbano influenciou diretamente a cultura esportiva e as instituições atléticas dos seus habitantes, que por sua vez impactaram certos aspectos da edificação da cidade.⁷

No Rio de Janeiro do início do século XX, por exemplo, mudanças nos hábitos esportivos se integravam a um conjunto de profundas alterações urbanísticas que estavam em curso naquele momento, nomeadamente as reformas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos. Em conjunto, tais mudanças diziam respeito a um impulso modernizador que se manifestava, tanto nas concepções urbanísticas que seriam colocadas em jogo através das reformas, quanto na valorização de novos hábitos, entre eles, a assimilação de

⁶ RYBCZYNSKI, Witold. **Esperando o fim de semana**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 149.

⁷ RIESS, Steven. **City Games: the evolution of American urban society and the rise of sports**. University of Illinois Press, 1991.

novos esportes.⁸

Assim, ambas as mudanças respondiam a um mesmo estímulo geral: o do desejo de modernização. Não por acaso, era assídua a presença de Pereira Passos nas regatas, associando sua imagem aos símbolos de uma das práticas mais modernas à época: o remo. O esporte era, pois, importante ferramenta para os projetos de modernização da sociedade brasileira, se mostrando elemento capaz de forjar novos estilos de vida urbanos em um amplo espectro da população.

Sob este marco conceitual me surgiu a inquietação de tentar saber como seria na ocasião do seu aparecimento a articulação entre os esportes mais contemporâneos, tais como os esportes na natureza, e as mudanças urbanísticas que lhes acompanhavam. Quais os sentidos históricos que a incorporação dessas práticas assumiam diante da vida na cidade? Quais os códigos de conduta esportiva orientaram novas formas de uso e apropriação do espaço urbano? Como esses atores dialogaram com o processo de construção de novas urbanidades, ou, em outras palavras, como esses personagens contribuíram na constituição de um novo complexo de caracteres comportamentais da cidade?

Na tentativa de apreender essas questões, tentei contrastar o desenvolvimento histórico de dois esportes na natureza com a evolução da malha urbana da cidade, tentando concebê-la não apenas como um palco ou um cenário. Para além disso, tentei focá-la como “um observatório das relações entre os homens”⁹; expressão material e imaterial de uma série de aspectos da vida social, “focos de produção de formas simbólicas, criadoras e recriadoras de novos significados e valores”.¹⁰

⁸ MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, 1999; LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**. São Paulo: Autores Associados, 2001; MELO, Victor. **Cidade sportiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁹ LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 17.

¹⁰ CORRÊA, Roberto L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 178.

No período do qual me ocupei, o Rio de Janeiro testemunhou uma ampla reestruturação, impondo profundas alterações na sua paisagem e nos modos de vida da sua população. Nesse quadro, os esportes, e mais especificamente os esportes na natureza, se apresentaram como partícipes dessa dinâmica.

A CIDADE

A principal hipótese deste trabalho é que a urbanização praticada no Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1970 foi um importante elemento para se explicar o aparecimento e a difusão dos esportes na natureza. Existem outros, claro, mas ainda assim, não seria incorreto destacar este em especial, pois o modo pelo qual cresceu a cidade naquele período ofereceu um conjunto de circunstâncias materiais propícias ao aparecimento de uma economia moral disposta ao consumo simbólico da natureza, o que, evidentemente, favorece o florescimento de certos hábitos, como o de praticar esportes na natureza.

Em suma, ao assumir uma forma urbana particular, a cidade criou uma ambiência cultural favorável para a difusão e o desenvolvimento desses esportes. Nesse sentido, e paradoxalmente, é a ausência de natureza que promove o desejo de natureza. Mais do que isso, esta fisionomia urbana também será capaz de dramatizar uma determinada escala de valores, que estabelece uma série de afinidades eletivas com os valores encarnados por esses esportes. Desse modo, os esportes na natureza se apresentaram como elementos capazes de dar coesão ao novo projeto arquitetônico que se construía no Rio de Janeiro, integrando-se poderosamente aos seus estilos de vida. Mas que forma urbana era essa afinal? Que valores esta nova paisagem materializava?

A cidade que ninguém viu

Em 1960, a cidade do Rio de Janeiro testemunharia um fato que marcaria irreversivelmente seus rumos. Em 21 de abril daquele ano, o Distrito Federal foi transferido para Brasília, tirando do Rio de Janeiro sua função de capital e constituindo-lhe como Estado da Guanabara. Este acontecimento foi capaz de desencadear uma série de

efeitos profundos e significativos para o conjunto geral da vida na cidade.

Em primeiro lugar porque a nova conformação institucional assumida pela ex-capital garantiu mais recursos financeiros para os seus futuros administradores. O Estado da Guanabara acumulou a arrecadação de impostos estaduais e municipais, além de ter boa parte dos seus serviços custeado pela União.¹¹ Isento de arcar com certas despesas, o novo governo teria recursos disponíveis para outros investimentos.

Esta situação, somada a posição estratégica da cidade no mapa político nacional, que oferecia grande visibilidade a suas lideranças políticas, além da possibilidade de adquirir o *status* de governador de uma região que tinha apelo como caixa de repercussão nacional, desencadeou ampla mobilização pelo seu controle. Sabia-se que ali, na antiga capital federal, poderia se construir uma grande alavanca para a projeção de políticos.

Carlos Lacerda, ciente da situação, lançou sua candidatura ao governo da Guanabara. Depois de eleito, Lacerda se empenhou em associar sua imagem à eficiência administrativa, a fim de assegurar uma futura campanha presidencial. Uma das marcas do seu governo seria então sua capacidade de realização, sobretudo na condução de obras e outras reformas urbanas. “Foram mais de mil obras. Quase uma para cada dia de governo”.¹²

Muitas dessas obras tocaram no sistema viário da cidade: inaugurou o Túnel Santa Bárbara e o Major Rubens Vaz, iniciou a construção do Túnel Rebouças, concluiu a primeira parte da avenida Radial Oeste, ampliou a avenida Suburbana e entregou o Trevo dos Marinheiros, sem mencionar obras mais pontuais como a construção de diversos viadutos sobre a linha férrea, entre outras. Considerando-se somente os túneis e viadutos, o governo de Lacerda totalizou mais de 19 construções.¹³

¹¹ MOTTA, Marly Silva da. **Saudades da Guanabara**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 59.

¹² VEJA RIO. **30 anos sem Lacerda**. São Paulo, 27 de novembro de 1995, ano 5, n. 48. p.8.

¹³ Ver PEREZ, Maurício Dominguez. **Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Odisséria, 2007.

Mais do que simplesmente construir este ou aquele túnel, este ou aquele viaduto, Lacerda tentou, explicitamente, associar suas realizações a uma determinada imagem pública. A representação que se pretendia nesse caso era a da eficiência administrativa, do bom uso do dinheiro público, de uma gestão racionalizada e pautada por uma neutralidade tecnicista voltada para o progresso e para o desenvolvimento, enfim, um governo moderno e inteligente.

Nesse sentido, a forma como eram apresentadas essas obras são emblemáticas. O Túnel Santa Bárbara, por exemplo, que liga os bairros de Catumbi e Laranjeiras, foi oferecido à época como o maior e mais moderno da América do Sul, construído com novas metodologias de perfuração que passaram a ser aplicadas em outras construções posteriores, além de ter sido o primeiro a contar com certas inovações tecnológicas como um complexo sistema de ventilação e exaustão composto por ventiladores, aparelhagem de radar, contagem de veículos, sinalização luminosa, recebimento independente de eletricidade, geradores de emergência, bem como circuito fechado de televisão para monitoramento de enguiços e acidentes. Tido como o primeiro grande túnel da cidade, com 1.357 metros de extensão e 18 metros de largura, foi também o primeiro a demandar a criação de equipes de operação, monitoramento e administração. Não por acaso, sua inauguração foi brindada como um marco na evolução técnica dos túneis na cidade.¹⁴

É apenas um exemplo, mas que ilustra bem o tipo de convicção que orientava essas realizações. Do mesmo modo, a receptividade da população também exhibe as expectativas gerais. Na inauguração de algumas delas chegou a se realizar grandes festas carnavalescas, com o governador sendo recebido “com grandes aplausos e carregado em triunfo pelo povo entusiasmado”.¹⁵

A abertura das obras à visitação, que se tornou costume àquela época, é outro

¹⁴ HOJE a abertura ao tráfego do Túnel Santa Bárbara. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de abril de 1964, p. 13.

¹⁵ CATUMBI e Rio Comprido saudaram o seu renascer com carnaval em julho. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1963, p. 6.

exemplo no mesmo sentido. Na construção do Túnel Rebouças, já fora do governo Lacerda, logo no primeiro dia de visitação contou-se mais de 10 mil veículos. O entusiasmo era tanto que a Secretaria de Obras decidiu distribuir panfletos com recomendações aos motoristas na entrada do túnel: “não se deixe impressionar com ruídos maiores ou cheiros”.¹⁶ As pessoas se declaravam impressionadas com a grandiosidade e sofisticação da obra: “Numa verdadeira euforia, com seus ocupantes gritando vivas e batendo palmas, surgiu na Lagoa um automóvel chapa GB – 70 – 55, conduzido por Alípio Gomes de Souza, que disse ter sentido um arrepio ao cruzar o Túnel Rebouças”.¹⁷

Em geral, foi esta a postura da população perante as grandes obras naquele período. O início da construção da ponte Rio-Niterói também foi marcada por esse sentimento de deslumbramento diante do “notável monumento do progresso brasileiro”. Durante as obras desta “maravilha da engenharia nacional” chegou a instituir-se um passeio turístico para ver e comentar o trabalho das máquinas. O passeio, feito de barco, custava 25 cruzeiros e chegava a ser procurado por mais de 100 pessoas por dia. Nele, a construção era apresentada como “a obra do século”, destacando-se a monumentalidade e chamando atenção para a sua altura. Através das explicações oferecidas pelos guias do inusitado passeio, tomava-se conhecimento de que “de lá de cima até o fundo do mar cabem três Maracanãs superpostos [...] Foi a primeira vez que se usou raio laser no aprumo dos pilares”.¹⁸

Na primeira semana em que a ponte esteve aberta ao público, viram-se grandes congestionamentos. “De ponta a ponta, ela estava apinhada de motoristas que partiam das duas margens dispostos a pagar alegremente 20 cruzeiros de pedágio pelo simples prazer de cruzar a baía e voltar para casa, sem outro propósito do que a comemoração das

¹⁶ POVO ganha, mas Negrão perde com abertura do Rebouças. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1967, p. 24.

¹⁷ 10 MIL VEÍCULOS atravessam o túnel Rio Comprido-Lagoa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1965, p. 5.

¹⁸ VEJA. **Diversão carioca**. São Paulo: Abril, n. 257, 08 de agosto de 1973, p. 58.

novidades”.¹⁹

Era como se houvesse – e parecia mesmo haver – uma ambiência propensa ao fascínio diante da novidade, da tecnologia e da modernização. Ainda mais para uma geração recém chegada do interior e que experimentava pela primeira vez a excitação de viver a vida das grandes cidades. Para essas pessoas, “as grandes obras da engenharia urbana se transformam em espetáculo, reúnem público e ganham admiradores”.²⁰

O espetáculo das cidades, portanto, exercia fascínio e causava perplexidade. Grandes arranha-céus, pontes e túneis, além de outras sofisticadas obras da engenharia, eram oferecidos ao desfrute embevecido de cariocas, que as saudavam como indescritíveis maravilhas. Todas essas reações exprimem o entusiasmo ante a idéia de viver numa cidade “mais moderna” (que tentou ser explorado não só por Lacerda, mas pelos políticos da época em geral; eles próprios mergulhados nessa atmosfera). Em parte, é isso inclusive que explica a admiração e o arrebatamento da população.

Desde a transferência da capital para Brasília nota-se esta inclinação à supervalorização de elementos ligados à idéia do moderno. Por ocasião do início de algumas obras, falava-se que a Belacap – como ficou sendo conhecida a antiga capital, em contraste com a Novacap – finalmente assumiria aspectos de uma cidade moderna, de uma cidade nova.

O Rio de Janeiro perdeu o título de Capital da República, mas está vestindo roupagens novas para não perder o prestígio de “Cidade Maravilhosa”. Está evoluindo urbanisticamente, adquirindo formas novas de grande beleza, remodelando-se enfim, para tomar aspecto de grande cidade moderna. Com os três bilhões que JK deu ao Rio, veremos, em breve, a Cidade-Estado ganhar características de metrópole do século XX, com pistas elevadas, rampas cruzando-se no espaço, “free-ways”, acabando com o velho drama do tráfego, túneis aproximando bairros hoje distantes e ligando as Zona Norte e Sul em poucos minutos [...] o Rio fará uma operação plástica na sua aparência, e então veremos a beleza da Natureza à beleza criada pela mão do homem. Surgirá daí quase que uma nova cidade [...] No futuro, quando todo o plano estiver executado, ter-se-á no Flamengo e Glória uma visão de cidade de Flash Gordon.²¹

¹⁹ VEJA. **As aventuras das obras públicas**. São Paulo: Abril, 05 de março de 1975, p. 60.

²⁰ Ibid.

²¹ O CRUZEIRO. **Rio faz operação plástica**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 25 de novembro de 1960, p. 83.

Destaca-se que a construção de túneis, *free-ways*, pistas elevadas ou “rampas que se cruzam no espaço” são elementos vistos e apresentados como dotados de grande beleza, instrumento de evolução, possibilidade de dotar a cidade de um aspecto moderno ou, mais ainda, de grande cidade moderna, metrópole do século XX. Nesse momento, no entanto, a idéia de uma “nova cidade” é apenas uma visão, um projeto, um desejo. Mas em 1965, por ocasião do IV Centenário da cidade, já se falava de um “novo Rio” como uma realidade, “uma cidade que se renova a cada curva de seus caminhos”:

Eis uma vitrina do Rio aniversariante. As fotos contam o Rio de 1965, reformulado, na sua juventude de 400 anos. 270 bilhões de cruzeiros, apenas no setor de obras públicas, representam o enxoval da cidade, o que ela vestiu em cimento e ferro para receber seus convidados nacionais e mundiais. Aqui, desfilam os detalhes nobres do Novo Rio: os decotes do Parque do Flamengo, os túneis compridos e modernos, equipados com radar, as praias artificiais [...] o Rio que foi rejuvenescido para o seu IV Centenário”.²²

A imagem da cidade seria marcada então por um rastro luminoso que corta os céus, produzido por um avião que lança chuva de prata sobre a cidade. “A pureza antiga da arquitetura religiosa da Igreja de Santa Luzia é uma ilha do passado entre os edifícios dos Ministérios, gigantes de concreto, na Esplanada do Castelo”.²³

Interessante nesse caso é que, tanto os modernos planos urbanísticos, quanto os costumes identificados como sofisticação terão papel de destaque. Ao lado da exaltação dos gigantes de concreto, tem-se também a consagração de “coisas novas”. Ou seja, essas sensibilidades serão compostas, ao mesmo tempo, pelos novos lugares e pelos novos hábitos, onde os esportes na natureza assumiriam alguma centralidade.

O Rio é a cidade que se renova a cada curva de seus caminhos. O homem fez a nova praia de Botafogo: estava criada a paisagem nova, com o velho Corcovado ao fundo. O Arpoador nasceu com o Rio; nova é a perspectiva e novos são os elementos humanos que dão vida e movimento a paisagem; novo é o surf, que, na manhã de sol do Arpoador, rapazes e mocas praticam.²⁴

²² O CRUZEIRO. **Rio passarela do século**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 30 de janeiro de 1965, p. 52.

²³ Ibid

²⁴ O CRUZEIRO. **O Rio que ninguém viu**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 16 de janeiro de 1965, p. 74.

E o lugar da natureza?

Com o passar dos anos o otimismo dá lugar a incerteza. À medida que se exibem as consequências das rápidas transformações, surge um forte sentimento de crítica. Aquela imagem entusiasmada diante do lugar do futuro, “vestida em cimento e ferro”, é substituída por uma outra, hesitante e perturbadora.

Obras públicas destinadas ao tráfego de automóveis ou a construção de edifícios de muitos andares, antes, tidos como símbolo de desenvolvimento, eram agora avaliados como grandes equívocos. “A cidade foi soterrada numa infinidade de viadutos, cujo principal resultado parece ter sido o de transferir engarrafamentos de um lado a outro das ruas”.²⁵

A cidade superpovoada é caótica e cresce sem planejamento. O impulso empreendedor agora é uma “obsessão construtiva” que deforma a cidade. O cimento, antes sinônimo de modernidade, é agora o responsável pela desfiguração da natureza. São essas as representações que se edificam a partir do final dos anos 60. “O verde engolido pelo cinzento, a forma da cidade se altera dia por dia, numa obsessão construtiva que em vez de aprimorá-la, parece desfigurá-la gradativamente”.²⁶

Em 1950 estimava-se que a população urbana do Brasil fosse de pouco mais de 18 milhões de pessoas. Em 1960, essa estimativa já era de 32 milhões, tendo 14 milhões de brasileiros migrado para as cidades, o que corresponde a 36% de toda a população rural daquele momento. Em 1970, esse número atingiu os 52 milhões, quase triplicando, em vinte anos, a população urbana total.²⁷ Foi aí a primeira vez que o número de pessoas vivendo em cidades superou a do número de pessoas que viviam no campo, sintomas de

²⁵ VEJA. **Rio, uma nova etapa: finalmente, apenas uma cidade**. São Paulo: Abril, n. 342, 26 de março de 1975, p.56.

²⁶ VEJA. **As novas maravilhas do Rio**. São Paulo: Abril, n. 261, 05 de setembro de 1973, p. 68.

²⁷ MELLO, João Manuel Cardoso de, NOVAIS. Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 581.

uma profunda alteração que estava em curso.

Essa urbanização acelerada deixava suas marcas. O cotidiano dessas cidades passa a ser visto, subitamente, como “rodeado de tormentos”, “um pesadelo de multidões”. Problemas de poluição, de tráfego, de superpopulação, de violência e de isolamento passavam a ser a tônica da vida nas cidades, compondo um cenário percebido por muitos como aterrador. “Atravancado, perigoso, hostil, o centro das grandes cidades vai se transformando num lugar procurado somente quando indispensável”.²⁸

É nesse cenário, marcado por esses efeitos mentais, que o desejo por uma nova cidade incorpora, sobremaneira, a idéia de natureza. Por um lado, surgem novas formas de sociabilidade pública que, entre outras coisas, sedimentam o hábito de buscar a natureza com finalidades de lazer. Por outro, as planificações urbanas intensificam suas considerações por essas demandas, amplificando o movimento de trazer a natureza para dentro das cidades.²⁹

Assim, a jardinagem, o campismo, os exercícios ao ar livre, a prática de esportes na natureza ou a construção de parques e áreas verdes aparecem como alternativa ao enervante e atormentado cotidiano das cidades. “Vasos de plantas em suas casas e apartamentos ajudam a enfrentar o cenário do concreto da cidade”.³⁰ Camping clubes ou hotéis fazendas eram lugares “onde adultos e crianças ficam livres da sufocante falta de espaço dos apartamentos, da irritante paisagem de concreto, da pressa neurotizante, do barulho, do ar poluído”.³¹ Da mesma forma, com os exercícios ao ar livre, pois “A cidade grande está empurrando os brasileiros para fora de casa – para correr, andar de bicicleta,

²⁸ VEJA. **Centros urbanos: um caso a resolver**. São Paulo: Abril, n. 335, 05 de fevereiro de 1975, p. 38.

²⁹ Para detalhes, ver: DIAS, Cleber; MELO, Victor. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente. In: Victor Molina; Jose Fernando Tabares. (Orgs.). **Ocio y ciudad: dialogos para la construccion de espacios ludicos**. Medellin: Civitas, 2007, p. 69-90.

³⁰ VEJA. **Atração do verde**. São Paulo: Abril, 18 de agosto de 1976, p. 75.

³¹ VEJA. **O turismo sob as lonas**. São Paulo: Abril, 08 de janeiro de 1969, p. 49.

fazer ginástica”.³² Práticas como o montanhismo e mesmo o surfe também eram boas justificativas para, nas palavras de um surfista, “sair da poluição e do massacre”.³³ Em suma:

A idéia de lazer, como costuma ser formulada nos dias de hoje, sugere a necessidade de fuga do trabalho, algo terrível que esmigalha o homem [...] Parece que um fim de semana no campo ou na praia, melhor ainda, doces férias, são remédios adequados para quem gastou energias na repetição de ações absolutamente monótonas em escritórios e fábricas.³⁴

No plano urbanístico, personagens como o arquiteto Marcos Vasconcellos passam a condenar a explosão demográfica e a ganância imobiliária, militando a favor da manutenção da paisagem natural da cidade e contra a sua alteração arquitetônica.³⁵ Outros profissionais faziam mesmo. Nessa época, um grupo de arquitetos organizou um trabalho fotográfico intitulado “Rio: cidade agredida”. Tratava-se de uma exposição com 12 grandes painéis, acompanhados por textos sobre os problemas do planejamento urbano e que deviam funcionar como uma espécie de protesto.³⁶ Mais ou menos no mesmo sentido, entre 1969 e 1979, seis parques foram criados na cidade: o parque da Chacrinha, da Pedra Branca, Darke Matos, do Grajaú, de Marapendi e da Catacumba.

Contudo, não se deve subestimar nem a força daquela “obsessão construtiva”, nem aquela ânsia de viver numa cidade mais moderna. Com efeito, nenhum desses dois elementos parece ter se dissipado. A diferença talvez seja que a medida da combinação entre algumas das noções sínteses daquela modernidade desejada tenha se alterado. Nesse caso, era como se o pêndulo da balança do impulso modernizador da cidade oscilasse entre tecnologia e novas formas urbanísticas de um lado, e a natureza de outro. E o fato das representações de natureza terem se acentuado a partir do final da década de 60 não significa que os outros elementos que constituíam o *pathos* daquele discurso de

³² VEJA. **O suor entrou na moda**. São Paulo: Abril, 03 de novembro de 1979, p. 51.

³³ VEJA. **Festa de ferias**. São Paulo: Abril, 02 de junho de 1976, p. 82.

³⁴ VEJA. **Férias? Em todo o Brasil a explosão demográfica praiana**. São Paulo: Abril, n. 332, 15 de janeiro de 1975, p. 11.

³⁵ VEJA. **Entrevista: Marcos Vasconcellos**. São Paulo: Abril, 14 de novembro de 1973, p. 6.

³⁶ VEJA. **Paisagem agredida**. São Paulo: Abril, 08 de dezembro de 1976, p. 66.

modernidade tenha sido diluído. A bem da verdade, a idéia de se construir uma cidade mais moderna nunca prescindiu nem das sofisticações e progressos urbanísticos e arquitetônicos, nem da celebração da beleza cênica e paisagística fornecida pela natureza. Esses sempre foram símbolos de modernidade.

No caso do período que estamos tratando aqui, conciliava-se “as mais modernas tecnologias desse gênero no mundo” com “projetos de grande beleza”. Os feitos realizados “eletronicamente” pretendiam “ressaltar ainda mais a exuberância da natureza da Cidade Maravilhosa”. O parque que seria inaugurado no aterro do Flamengo, em 1965, era um anúncio claro nessa direção. Além da extensão de área verde disponível à população, que o converteria no “mais novo jardim dos cariocas”, ter-se-ia também um complexo e avançadíssimo sistema de iluminação assinado por Richard Kelly – uma autoridade internacional no assunto – e que incluíam grandes postes dotados com “lâmpadas de vapor de mercúrio de mil watts e envolvidos por tambores antiofuscantes”.³⁷

O conjunto das obras do aterro, que conjugavam o bucólico com a tecnologia avançada, deveria representar, portanto, uma efetiva prova de modernização da cidade. Do paisagismo de Burle Marx as construções de Afonso Eduardo Reidy, passando pela iluminação de Richard Kelly, tudo deveria transformá-lo numa grande e magnífica obra de vanguarda a céu aberto. Mas a grande construção nesse sentido foi, sem dúvida, a ocupação da Barra da Tijuca.

O ar agreste da cidade

Em 25 de abril de 1969 o governador da Guanabara, na ocasião Francisco Negrão de Lima, anunciava o “Plano de urbanização para a Barra da Tijuca e Baixada de

³⁷ OLIVEIRA, Carmem L. **Flores raras e banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Jacarepaguá”, o chamado Plano Lúcio Costa.³⁸

Sob os auspícios desse plano, a Barra da Tijuca se apresentava como a possibilidade de dar nova dimensão ao projeto de fundar uma nova cidade ou uma cidade mais moderna. Mais do que criar um novo bairro, o projeto para a urbanização da região foi recebido como “um ato de insubordinação ao paço Imperial da Praça XV”.³⁹ Ou seja, de certo modo, ele encarnava um ideal de apagar e esquecer o passado da cidade, projetando-lhe o futuro. Considerando-se a radicalidade e a inovação urbanística proposta pelos seus traços pretendia-se “adquirir nova dimensão distinta da anterior cidade condicionada pela Colônia”.⁴⁰ Os túneis e viadutos que facilitavam o acesso à região pela Zona Sul foram saudados como realizações que “modernizariam um Rio de 400 anos”.⁴¹

Em outras palavras, era como se o plano de Lúcio Costa fosse “a garantia de que um novo Rio vai nascer dentro do Rio, não mais nas circunstâncias caóticas em que a cidade tem crescido até hoje”.⁴² Já em 1968, um editorial do Jornal do Brasil comentava:

A esperança de ver o Rio urbanisticamente passado a limpo dimensionou a Barra da Tijuca como a área selecionada para não permitir os erros sistemáticos que presidiram ao crescimento da cidade. Na Barra depositam os cariocas as melhores esperanças de dotar o Rio de uma face onde se espelhe o próprio futuro. É por ali que deveria chegar toda uma nova concepção de vida urbana, liberta de todas as falhas que praticamente inviabilizaram os bairros novos, nos quais a especulação e os interesses mais desenfreados desfiguraram as possibilidades de existência nos padrões que hoje são reclamados pelas grandes cidades.⁴³

O editorial chama a atenção para a necessidade de não permitir os erros do passado, de passar a cidade a limpo. Ao mesmo tempo, aponta um possível desejo da população carioca de ver projetada na grande e bela área disponível uma “uma nova concepção de vida urbana” mais ajustada aos padrões reclamados a uma grande cidade, um lugar onde se

³⁸ Ver LEITÃO, Gerônimo. A construção do eldorado urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988. Niterói: EdUFF, 1999.

³⁹ UNIDADE. Plano da Barra restitui ao Rio sua... **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1969. p. 12.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ O CRUZEIRO. **O Rio caminha para a Barra**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 25 de setembro de 1969, p. 12.

⁴² LÚCIO Costa faz da Barra capital do Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1969. p.5.

⁴³ JORNAL DO BRASIL. **Omissão**. Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1968, p. 6.

espelhe o próprio futuro.

Como se vê, o tema da “cidade do futuro” será recorrente. Interessante é que parte disso tudo se fundamentaria na celebração da natureza. Não por acaso, uma das principais inovações urbanísticas deste plano foi, precisamente, as relações entre área livre e área construída, que permitiu um “redimensionamento de áreas verdes no interior das cidades”.⁴⁴

Lúcio Costa, na tentativa de estabelecer “critérios de urbanização capazes de motivar e orientar o desenvolvimento ordenado da região” elegeu o verde e a ocupação não-predatória como questões centrais para sua planificação.

A Reserva biológica aspirava à preservação de toda essa área como parque nacional. E de fato, o que atraía irresistivelmente ali, e ainda agora, até certo ponto, atrai, é o ar lavado e agreste; o tamanho – as praias e duna parecem não ter fim; e aquela sensação inusitada de estar num mundo intocado, primevo. Assim o primeiro impulso, instintivo, há de ser sempre o de impedir que se faça lá o que seja for. Mas, por outro lado, parece evidente que um espaço de tais proporções e tão acessível não poderia continuar indefinidamente imune, teria mesmo de ser, mais cedo ou mais tarde, urbanizado. A sua intensa ocupação é, já agora, irreversível. A primeira dificuldade que se apresenta, portanto, ao urbanista, é esta contradição fundamental. A ocupação da área nos moldes atuais, com bairros que constituíssem no seu conjunto praticamente uma nova cidade, implicaria na destruição sem remédio de tudo aquilo que a caracteriza. O problema consiste então em encontrar a fórmula que permita conciliar a urbanização na escala que se impõe, com a salvaguarda embora parcial, dessas peculiaridades que importa preservar.⁴⁵

Desde sua divulgação, essa característica do plano de Lúcio Costa foi uma das mais ovacionadas. A maneira como a Barra da Tijuca foi projetada e recebida sempre girou em torno de um discurso preservacionista que supervalorizava o contato com a natureza. No fim, isso se tornava um elemento de vanguarda urbanística e comportamental, ícone do que havia de mais moderno e atual.

O plano piloto da Barra da Tijuca emociona na transpiração do amor do artista pela natureza, a ser recriada como argila nas mãos divinas do homem chamado Lúcio Costa. Alegria pela conjugação da ciência verdadeira com a beleza simples do estilo da exposição. E empolga na antevisão de futuro em que a urbanização respeitosa

⁴⁴ REZENDE, Vera F; LEITÃO, Gerônimo. **O plano piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá: intenções e realizações após três décadas**. Rio de Janeiro, CREA-RJ/UFF, 2004, p. 10.

⁴⁵ COSTA, Lúcio. **Plano-piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca: pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**. Guanabara: Agência Jornalística Image, 1969, p. 13.

preservará a paisagem.⁴⁶

A nova antiga maneira de morar

Todas essas representações impregnaram-se poderosamente no novo bairro, onde, dali em diante, a maioria dos empreendimentos imobiliários também faria algum tipo de referência tanto a idéia “do novo” quanto a idéia da “natureza”.

No caso do “novo”, tratava-se de algo que se apropria dos elementos simbólicos prestigiados pela “antiga cidade” e atribui-lhes uma outra configuração, livrando-os do que eles poderiam ter de ruim ou de ultrapassado, como a proximidade com favelas ou a alta densidade populacional. É esse o significado de iniciativas de construção como os condomínios *Nova Ipanema* e *Novo Leblon*.

No momento em que o condomínio Nova Ipanema foi inaugurado, o gerente geral da Caixa Econômica Federal, Almir Machado, que financiaria a incorporação, classificou o empreendimento como “a nova antiga maneira de habitar”.⁴⁷ O projeto, que custou 75 milhões de dólares foi anunciado pela imprensa como tendo sido desenvolvido com base no Plano Lúcio Costa e com o objetivo de “criar uma nova maneira de morar, com integração total com a natureza, espírito de vizinhança através de espaços comunitários”.⁴⁸

Destacou-se também aquilo que foi chamado como a característica renovada do projeto, isto é, a presença de bosques e campos de esporte entre os edifícios. “Com 500 mil metros quadrados, quatro mil árvores, seiscentos coqueiros adultos distribuídos entre os três edifícios (com 432 apartamentos de três e quatro quartos) onde os arquitetos optaram por uma escala humana, orientada para a família e as crianças”.⁴⁹

Da mesma forma exaltou-se a inauguração do condomínio Novo Leblon,

⁴⁶ LÚCIO Costa faz da Barra capital do Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1969. p.5.

⁴⁷ NOVA IPANEMA é inaugurado no “laboratório” da Barra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1975. p. 5.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid.

classificado como um projeto humano: “o projeto foi levado a efeito, a fim de proporcionar à população carioca uma nova opção de vida, novo sentido para as atividades comunitárias e nova forma de lazer [...] Tudo foi planejado para permitir desfrutar total visão paisagística e integração com a natureza”.⁵⁰

Os elementos arquitetônicos responsáveis pela produção desse novo estilo de vida são as próprias características evocadas pelo modernismo arquitetônico, especialmente a ênfase na ventilação, iluminação e áreas verdes. Tem-se também a supervalorização do lazer através de um estilo de vida ativo e, além disso, que possibilite o contato com a natureza.⁵¹ Amiúde, as pessoas que buscavam viver no novo bairro estavam mesmo a procura de “sair do burburinho da cidade”, de “ter mais natureza”. No Novo Leblon pretendia-se, explicitamente, “toda uma nova perspectiva para a real maneira de morar diferente da atual, onde o esporte e a natureza passam a fazer parte do cotidiano”.⁵² Edison Musa, arquiteto responsável pelo projeto declarou: “estamos satisfeitos porque neste novo bairro, o Homem vai viver, realmente, com a natureza”.⁵³ Eram essas as dimensões que eram enfaticamente destacadas.

O mais novo empreendimento imobiliário da Barra da Tijuca – bairro Novo Leblon – teve como primeira preocupação, segundo o arquiteto Edison Musa que o planejou em conjunto com Edmundo Musa, e equipe, conciliar quatro aspectos fundamentais para o equilíbrio psicológico e sociológico do Homem: morar, trabalhar, circular e distrair-se, objetivos estes ressaltados, já, na carta de Atenas (Le Corbusier – CIAM) ao discorrer sobre os princípios da ecologia e do urbanismo. Baseado nestes quatro pilares, o projeto foi levado a efeito, a fim de proporcionar à população carioca uma nova opção de vida, novo sentido para as atividades comunitárias e nova forma de lazer [...] Tudo foi planejado para permitir desfrutar total visão paisagística e integração com a natureza [...] Um dos objetivos do projeto – devolver o homem ao seu habitat natural. 8 mil árvores, mais de 100 mil m² de área ajardinada. E cada edifício teve seu posicionamento estudado a fim de aproveitar integralmente luz, ar e a paisagem da lagoa, mar e montanha.⁵⁴

⁵⁰ UM PROJETO humano: Novo Leblon. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1976. p. 5.

⁵¹ Interessante anotar que a incorporação da Barra da Tijuca no imaginário da cidade foi impulsionada, num primeiro momento, como lugar de veraneio. Mais tarde, quando da sua ocupação propriamente residencial, perceber-se-ia uma permanente articulação entre essas suas dimensões, a do divertimento e a da moradia. Note-se que até hoje, os anúncios publicitários apelam para essa relação: “more onde você gostaria de passar as férias”, onde a proximidade do mar parece dar uma característica de bem viver ao bairro.

⁵² Ibid.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

A valorização do lazer e do divertimento pode ser notada através da ênfase atribuída aos espaços especificamente destinados a essas finalidades, tais como quadras esportivas, por exemplo. No plano de urbanização é mencionado que seu objetivo era o de conceber um plano urbanístico adequado a um programa de caráter recreativo, residencial e turístico, onde a efetiva ocupação com motivações residenciais juntou-se ao crescente uso como área de lazer. Os empreendimentos imobiliários executados na região refletem tais aspirações.

Na mesma edição em que a inauguração do condomínio foi anunciada, encontra-se um grande anúncio publicitário que divulga a venda de apartamentos no novo empreendimento. Nesse anúncio, além das imagens de crianças brincando e correndo livremente pelos espaços verdes ao lado de casais desfrutando amorosamente os fartos espaços de lazer oferecidos pelo condomínio, pode-se ver também a imagem de um surfista carregando sua prancha em direção ao mar.

Na prática, o *modus vivendi* que estava sendo sugerido por aquelas “novas formas de morar” estava atrelado, tanto a farta possibilidade de lazer, quanto ao contato com a natureza. Na verdade, esse novo estilo de vida era formado, exatamente, pela combinação desses simbolismos. Nesse caso, valorizava-se um lazer ativo, dinâmico, e tanto mais valorizado se feito em contato com o outro elemento estruturante deste novo *habitus*: a natureza, “onde o esporte e a natureza passam a fazer parte do cotidiano”. Daí a presença tão precoce do surfe nessas propagandas. Trata-se de uma prática que decodifica os ideais que estavam em jogo na construção daquele imaginário: a natureza, a vida ativa e orientada aos prazeres (o lazer), dinâmico, atual, moderno, jovem, livre, em suma, feliz. É uma prática que acaba se prestando muito bem a dramatização dos valores desejados para aquele novo lugar.

De acordo com estudo realizado por Valquíria Padilha e Lara Carneiro o uso da

palavra lazer tem sido cada vez mais utilizado pelas estratégias publicitárias de venda de imóveis. Mais do que isso, essas estratégias colocam esses termos “como um dos principais itens de atração dos possíveis compradores”, onde o objetivo é “vender ilhas de prazer”.⁵⁵ Da minha parte, acrescentaria a utilização das noções de bucólico, de verde e de natureza, que aliados a um estilo de vida ativo, isto é, esportivo e pautado na fruição do lazer na natureza, parece aumentar ainda mais a eficácia comunicativa desses anúncios.

Dali em diante, o *ethos* que se pretendia naquele novo bairro estaria sempre atrelado a simbolismos desse tipo, propenso a incorporar hábitos de lazer (esportivos) tidos como originais e inovadores, especialmente aqueles que estivessem ligados ao usufruto da natureza exuberante do lugar.

Logo depois que foi inaugurado, o condomínio Novo Leblon foi palco de uma nova mania que empolgava, sobretudo os mais jovens, o windsurf. A lagoa de Marapendi, naquele trecho, deu lugar aos precursores deste esporte. Aos sábados e domingos, o local ficava, durante todo o dia, colorido pelas velas das pranchas, cujos praticantes se aproveitavam da tranquilidade do local para deslizarem pelas águas, empurrados pelos ventos habitualmente fortes.⁵⁶

Até os dias de hoje a Barra da Tijuca é um bairro que evoca elementos simbólicos ligados ao binômio esporte-natureza para a constituição de uma identidade específica. Além do destaque que as empresas do mercado imobiliário atribuem as áreas verdes, também poderemos encontrar determinados monumentos que explicitam essa estruturação identitária. No entroncamento da avenida Sernambetiba com a avenida Ayrton Senna, de frente para o mar, encontra-se o “monumento ao surf”, escultura do artista plástico Maurício Bentes composta por várias pranchas de surfe. Nas proximidades do posto de salvamento número dois, também à beira-mar, encontra-se uma estátua de bronze representando um praticante de vôo livre em homenagem ao esportista Pepê.⁵⁷ Em julho de

⁵⁵ PADILHA, Valquíria; CARNEIRO, Laura. Vendem-se ilhas de prazer: o lazer nos anúncios publicitários de apartamentos de alto padrão. *Impulso*, Piracicaba - SP, v. 39, p. 69-82, 2005, p. 70.

⁵⁶ GONÇALVES, Ayrton L. **Barra da Tijuca: o lugar**. Rio de Janeiro: Thex, 1999, p. 131.

⁵⁷ Pepê era o apelido de Pedro Paulo, famoso piloto de asa delta brasileiro que se sagrou campeão do mundo nesta modalidade e que morreu durante um campeonato (ver capítulo 3). Tratava-se de um jovem de múltiplas atividades esportivas, que incluíam, além da asa delta, o surfe. Pepê, também tinha um quiosque de

2007 um projeto de lei de autoria do vereador Carlo Caiado foi aprovado e sancionado pelo prefeito do Rio de Janeiro criando, no Recreio dos Bandeirantes, o “Bairro Temático do Surfe”. A lei tinha como objetivo “beneficiar o segmento do surfe, já enraizado na cultura da cidade, com identificação para os jovens, uma economia própria e tradicionalmente, um esporte ligado a saúde e ao meio ambiente”. Nas palavras do seu idealizador:

a implantação de um mobiliário urbano específico, identificado com a cultura do surfe fará desta área da cidade, não só como um novo atrativo turístico, mas como se diferenciará do restante da região, por possuir seus aspectos urbanísticos, traços e formas que a identifiquem como o surfe.⁵⁸

Maurice Halbwachs já comentou sobre o papel que estátuas e outros monumentos podem desempenhar na definição de uma memória coletiva.⁵⁹ Provavelmente, a contigüidade que esportes como surfe e vôo livre estabeleciam com “a natureza” serviu para que o bairro se valesse deles como um instrumento de consolidação de um novo estilo de vida. Até hoje a Barra da Tijuca é o único lugar da cidade onde a prática de kite surfe está autorizada. É também nas lagoas do bairro o único lugar da cidade onde poderíamos encontrar praticantes de windsurfe. Parece que àquela nova maneira de viver elegeu o contato com a natureza como um dos seus elementos definidores, o que se reflete nos costumes esportivos adotados na região. No limite, a cultura esportiva da Barra da Tijuca dá coesão ao projeto arquitetônico e urbanístico daquele novo lugar.

Modernidade e modernismo arquitetônico

Como resultado desse conjunto de transformações urbanísticas pode-se destacar, basicamente e além daquele impulso modernizador, outros três traços. Todos eles, quando vistos de maneira articuladas, têm destaque para a compreensão dos recentes arranjos

sanduíches naturais na praia da Barra da Tijuca, mais precisamente no trecho onde hoje se encontra uma estátua em sua homenagem. As pastas e molhos criados pelo atleta alcançariam grande sucesso dentro do novo modismo gastronômico ligado a produtos naturais. Atualmente, o trecho da praia que abrigava seu quiosque é conhecido como praia do Pepê.

⁵⁸ BAIRRO DO SURFE. Nasce mais um bairro no Rio... **Caminho das viagens, Recreio e Barra:** Informativo Mensal, Rio de Janeiro, ano VI, n. 77, julho de 2007, p. p.

⁵⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

esportivos do Rio de Janeiro. O primeiro diz respeito, amiúde, ao tema da natureza, substantivo para este trabalho.

O modernismo brasileiro, sobretudo aquele praticado pelo próprio Lúcio Costa, já havia ensaiado outros projetos no sentido de permitir ao homem um reencontro fraterno com a natureza. É esse, por exemplo, o caso do Parque Guinle, no Rio de Janeiro. Do mesmo modo construções realizadas em áreas de importantes parques verdes, como o Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro ou o Parque do Ibirapuera em São Paulo, levam a assinatura de arquitetos modernistas. Mas, curiosamente, o contato com a natureza pretendido pelo modernismo brasileiro era, por assim dizer, “artificial”. Pretendia-se um contato com a natureza, desde que esta estivesse devidamente domesticada.

No Rio de Janeiro daquele período, a natureza pretendida também dizia respeito muito mais a uma sofisticação própria ao mundo urbano do que qualquer outra coisa. Por ocasião da divulgação do plano de urbanização para a Barra da Tijuca, Lúcio Costa declarou: “sou um apaixonado da cidade, um sujeito metropolitano. Saindo um pouco da cidade perco o equilíbrio, não me dou bem. Gosto da densidade urbana – mas ela tem que ser compensada com espaços vazios para a pessoa desabafar. Esse jogo de trazer o bucólico para dentro da cidade é que é fundamental”.⁶⁰

A partir daquele momento, e mais do que nunca, ser urbano, também dizia respeito a estar em contato com a natureza, mas sem nunca abrir mão das comodidades do mundo urbano. E o desejo de natureza em nada contraria o desejo de cidade. O espaço urbano já não se distingue do espaço natural. “A cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; não seria pertinente definir, a este respeito, uma separação absoluta”.⁶¹ No mesmo sentido, podemos citar Henri Lefevre para quem “a vida urbana compreende mediações originais

⁶⁰ O Cruzeiro, 25 de setembro de 1969, p. 11.

⁶¹ LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998, p.33.

entre a cidade, o campo e a natureza”.⁶²

Esta mediação entre a cidade e o campo, o urbano e o natural, são de tal ordem que as representações sobre a cidade já não podem ser compreendidas sem referência as representações imaginárias de natureza, de campestre ou de selvagem. O estilo de vida urbano moderno se aproxima de um ideal de natureza.

Os canteiros arborizados, os bosques e os jardins ornamentados testemunham a maneira como ocorre essa interpenetração entre mundo urbano e mundo natural. Trata-se, em última análise, da racionalização e domesticação da natureza. Esta aparece agora devidamente controlada. Mais que isso, a domesticação da natureza será um pré-requisito para sua coroação como lugar de contemplação estética e paisagística, onde a incorporação plena da natureza ao mundo das cidades passa a significar a possibilidade de mantê-la como um estímulo permanente para a modernidade.

Esta modernidade, contudo, estava mais disponível para uns do que para outros. Nessa época, com o aumento do contingente populacional, testemunha-se o aparecimento de novas estratégias de diferenciação social. Intensifica-se, inclusive, a ostentação de certos hábitos de lazer como símbolo de *status* e prestígio, o que toca também, e talvez sobretudo, os esportes na natureza.

Mas as alterações da estrutura urbana também são bastante ilustrativas sob este aspecto. Muitos dos túneis inaugurados nessa época restringiam o acesso aos ônibus, garantindo-o apenas aos automóveis. De maneira geral, a reforma daquele período “procurou ordenar o desenvolvimento urbano, adaptando a cidade a uma nova dinâmica social e econômica que tinha na difusão do uso do automóvel seu símbolo máximo”.⁶³

Outras construções públicas, como a ponte Rio-Niterói, não cumpriam, do mesmo

⁶² LEFEVRE, Henri. **O direito à cidade**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004, p. 68.

⁶³ SANTOS, Angela Moulin S. Penalva. **Economia, espaço e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 141. Entre 1957 e 1964, o número de licenciamento de veículos cresceu mais de 120% [REZENDE, Vera, **Planejamento urbano e ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 50].

modo, um papel relevante no transporte público de massas. Segundo dados divulgados pelo DNER em 1975, 83% do fluxo total da ponte eram de carros particulares. Grosso modo, a ponte servia “para passeios de fim de semana, turismo e não atende à população de nível social mais baixo, que continua preferindo às barcas”.⁶⁴

Ironizando a construção como um luxo arquitetônico, ela chegou a ser tratada como “avenida Ipanema Búzios”, “apenas uma suntuosa passarela para o fim de semana”. Além disso, muitas dessas construções induziram a especulação imobiliária. Nesse sentido, a busca e a construção de certas áreas residenciais, como a Barra da Tijuca, por exemplo, tendiam a estar enviesadas por motivações de ordem simbólica, ou seja, o desejo de exclusividade oferecido por condomínios seletivos e à beira-mar.

O perfil básico das pessoas que buscavam a região, tanto para a moradia, quanto para o lazer, era composto, na sua grande maioria, por um público economicamente privilegiado. Segundo pesquisa realizada pelo metrô e divulgada pelo Jornal do Brasil em 1976, 54% dos proprietários de automóveis freqüentavam a Barra da Tijuca e suas praias. A distância e a precariedade dos transportes públicos para a região reforçava a necessidade do uso do automóvel, um bem material cuja posse ainda podia ser concebida como um privilégio das classes médias. Do mesmo modo, o público de pessoas que adquiriam imóveis, também era constituído pela mesma faixa de renda.

O comprador médio de casas e apartamentos na Barra para morar – há os que compram com vistas à especulação imobiliária – é um profissional liberal, entre 30 e 40 anos, casado e com filhos, com salários entre Cr\$ 25 e Cr\$ 30 mil. São pessoas que querem fugir do burburinho da cidade e dar a seus filhos mais espaço e mais natureza.⁶⁵

O último dividendo dessa ampla reestruturação urbana do Rio de Janeiro que deve ser citado para os fins deste trabalho é a busca por referências estrangeiras. Nesse ponto, nota-se um importante deslocamento, que diz respeito a uma progressiva identificação com

⁶⁴ VEJA. **As aventuras das obras públicas**. São Paulo: Abril, 05 de março de 1975, p. 60.

⁶⁵ VIVER FORA DO RIO. Opções para... vão da Barra até Niterói. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1976. p. 30.

as influências vindas dos Estados Unidos.

Ao estourar a Segunda Guerra Mundial, o predomínio da cultura francesa, em todas as suas facetas, era marcante entre nós. Paris, romanticamente visualizada como em terna *belle époque*, era o centro mundial das letras, das artes, dos prazeres... A catástrofe militar a isolar-nos da Europa e a ligar-nos mais de perto aos Estados Unidos, assinalou sob a premência das circunstâncias, mudanças de rumos.⁶⁶

Na prática, reforçava-se mundialmente a adoção de modos de vida marcados pelas características norte-americanas, o *american way of life*. No Rio de Janeiro, o estabelecimento de um estilo de vida tendo a cultura americana como parâmetro vai se manifestar, por exemplo, nos novos meios de comercialização, que passam a ter os *shopping centers* como referência. Do mesmo modo, o uso exagerado de expressões na língua inglesa é outro exemplo. Vê-se também o automóvel – símbolo maior do americanismo – apresentar-se como o artefato mais imprescindível para a “nova vida” carioca.

A exemplo de outros aspectos, aqui também a Barra da Tijuca será um exemplo acabado dessas dinâmicas. “Os imperativos do lazer e do consumo se traduzem no espaço urbano, especialmente na Barra da Tijuca, bairro ícone da conjugação pós-moderna entre trabalho e lazer [...] povoada de outdoors luminosos, a Barra da Tijuca convida seu morador a um imaginário de consumo e de lazer”.⁶⁷ Não por acaso, nos dias de hoje a Barra da Tijuca é o bairro que tem o maior índice de motorização da cidade, com 800 veículos para cada 1000 habitantes, enquanto no restante da cidade a média é de 300.⁶⁸

A Barra da Tijuca é feita de pistas de alta velocidade, grandes *shopping centers*, pequenos núcleos para pequenas compras, revendedoras de carros importados, condomínios de prédios e casas totalmente muradas, outdoors, luminosos e redes de restaurantes onde tudo, ou quase tudo está escrito em inglês. Paradigmático deste modelo é o *shopping center* chamado *New York City Center*, o NYCC - réplica do *shopping center* do estúdio de cinema UCI, em Los Angeles – onde, na porta de sua versão barratijucana está instalada uma reprodução de um dos mais importantes ícones

⁶⁶ DA CUNHA, Ruy Vieira. **França – crise e esperança**. In: JORNAL DO BRASIL. A Guerra de nossos dias. Caderno especial. Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1968. p. 9.

⁶⁷ FREIRAS, Ricardo; NACIF, Rafael. Comunicação, consumo e lazer: o caso da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. In: FREIRAS, Ricardo; NACIF, Rafael (orgs.). **Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.23.

⁶⁸ VEJA RIO. **A força da Barra**. São Paulo: Abril, ano 15, n. 45, 15 de novembro de 2006, p. 21.

norte-americanos: a Estátua da Liberdade. Naquele ambiente, a sinalização, o nome dos estabelecimentos, os cinemas multiplex e a *steak house* australiana, estão indicados e nomeados em língua inglesa.⁶⁹

Se no Rio de Janeiro de Pereira Passos buscava-se a transformação da cidade na “Paris dos Trópicos”, a Barra da Tijuca resultou na “Miami dos Trópicos”, conforme o lugar fora reconhecido a partir dos anos 90. Nas reformas do início do século XX construiu-se um teatro que era uma réplica da Ópera de Paris. No mais novo lugar da cidade, preferiu-se a réplica da Estátua da Liberdade, situada em um *shopping center* – outra expressão do americanismo.

Contudo, não se passa de uma determinada condição urbana para outra simplesmente através de um conjunto de obras ou construções. Deve-se pensar para além do espaço urbano. “A cidade como espaço público, ou seja, como lugar de comunicação de diferentes grupos sociais, apresenta mutações, já que esses diferentes grupos estão fazendo apropriações distintas desse espaço”.⁷⁰ Portanto, além dos bens materiais construídos nas cidades (monumentos, museus, praças ou planos urbanísticos), que indubitavelmente são referências espaciais que conferem uma significativa dimensão social a essas edificações, o uso atribuído ao espaço por cada grupo social pode fazer com que esses lugares ganhem uma dimensão simbólica inédita. É essa dimensão que analisaremos a partir de agora, através da história de um grupo de atores urbanos específicos que se firmaram como importantes agentes transformadores do espaço da cidade: os surfistas e os montanhistas, ou os atletas da natureza.

⁶⁹ LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Nova sociedade emergente: consumidores de produtos ou produção discursiva? São Paulo: **Cadernos de Campo**, 2004, n. 12.

⁷⁰ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Apresentação. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org.). **Cidade: história e desafio**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 7.

O MONTANHISMO

No período a que se refere este trabalho, o montanhismo passou por algumas profundas mudanças. Uma delas diz respeito a sua progressiva esportivização. Jean Pierre von der Weid, importante partícipe dos acontecimentos desse período, fala desse “momento de transição” onde “as atividades mais recreativas e turísticas cederam lugar às desportivas”.⁷¹

Até o início dos anos 60, os clubes de excursionismo⁷² da cidade se dedicavam a organização de atividades bastante diversificadas, como passeios a Ilha de Paquetá ou piqueniques nas então desertas praias da Barra da Tijuca. Pouco a pouco, o montanhismo, que sempre figurou como uma das atividades principais desses clubes, foi assumindo uma supremacia cada vez maior.

Além disso, o objetivo de uma escalada deixava de ser chegar ao alto de uma montanha simplesmente. Dali em diante, mais do que isso, buscava-se uma nova maneira de dimensionar o esporte, enfatizando-se o processo da escalada em si, e não apenas os seus resultados. Surgia a crença de que o importante numa escalada era o próprio ato de escalar, ou seja, a maneira pela qual se subia passaria a ser tão importante quanto o próprio ato de subir.

Fome de pedra

No início dos anos 60, um grupo de escaladores ligados ao Centro Excursionista

⁷¹ WEID, Jean Pierre von der. **Horizontes Verticais**. Rio de Janeiro: J. P. Weid, 2006, p. 37.

⁷² Dada a diversidade de formas de expressão do montanhismo, existem várias designações e a própria União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA) o reconhece. Nos países andinos, por exemplo, utiliza-se o termo “andinismo”, por entender-se que as técnicas utilizadas para se escalar montanhas da Cordilheira dos Andes são consideravelmente distintas daquelas usadas para se escalar outros tipos de montanha. Na Europa, e particularmente nos Alpes, prevalece o termo “alpinismo” e na Cordilheira do Himalaia, “himalaismo”. “Montanhismo” é tido como o mais geral dos termos pro dizer respeito ao que há de mais elementar a todas essas técnicas: a ascensão de montanhas. Pela características que as instituições desse esporte assumiram no Brasil num determinado momento histórico valeu-se do nome excursionismo. Por tradição, muitos clubes mantêm a denominação.

Rio de Janeiro (CERJ), se destacaria por uma série de feitos esportivos. Suas proezas chamavam atenção pela forma de escalar que materializavam, sensivelmente diferentes do que se costumava fazer até ali. Eles escalavam explorando outras possibilidades como, por exemplo, escalar pelo exterior da montanha ao invés de subi-las, como era de praxe até então, pelo seu interior, através das “chaminés” (grandes fendas na montanha). Ao invés disso, buscava-se escaladas que pudessem ser feitas “ao ar livre” e que privilegiassem os “paredões”. Esse processo passaria a ser reconhecido no Rio de Janeiro pelo nome de “rochedismo”. Giuseppe Pellegrini, um dos seus protagonistas, descreve-o como uma espécie de “fome de pedra”. Dois processos basicamente o influenciaram: o primeiro; ligado à escassez de fendas para se escalar; e o segundo, ligado a influências internacionais.

No montanhismo subir uma montanha intocada ou, no mínimo, por um caminho nunca antes experimentado é tido como a quintessência do esporte. Conquistar uma nova montanha, como dizem os montanhistas, é o ato supremo almejado por qualquer esportista que se preze. Mas à medida que as possibilidades de montanhas intocadas ou caminhos originais foram se extinguindo, novas possibilidades para a realização desse prazer foram sendo cogitadas. É nesse sentido que aparece o rochedismo como conceito. “Acabou chaminé pra conquistar. Mudou o conceito por que escasseou a chaminé. Se tivesse mais centenas de chaminés talvez tivesse demorado mais. Então o que sobrou foi a parte externa”.⁷³

Por outro lado, o início de viagens ao exterior abria a possibilidade de apropriação de novas concepções, que naquela época, já diziam respeito a essa busca por novas possibilidades de conquista.⁷⁴ Livros, revistas, catálogos de venda de equipamentos e

⁷³ PELLEGRINI, Giuseppe. Entrevista ao autor em fevereiro de 2007.

⁷⁴ Ricardo Menescal, fundador do Centro Excursionista Carioca, já nos anos 50 promovia excursões para o exterior, sobretudo para a Cordilheira dos Andes. Nessas viagens, estabeleciam-se intercâmbios com outros esportistas mais experientes e estreitavam-se os laços com suas instituições. Essa rede internacional de

mesmo alguns filmes passavam a circular mais intensamente e com eles, novos modelos e concepções esportivas. “Naquela época você tinha os grandes escaladores, os mitos: Leonal Terray, Walter Bonatti... Você via aquelas escaladas externas e aquilo motivou”.⁷⁵

A articulação dessas duas dinâmicas conduziu os montanhistas brasileiros para o exterior da montanha, para a experimentação das suas paredes rochosas. Um marco desse processo, uma espécie de ensaio do que viria nos anos seguintes, foi a conquista do Paredão Baden Powel, em 1960.

Os trabalhos do dia da conquista couberam a Guilherme e Harold, auxiliados por Waldemar e Carlos. Chegando ao paredão pela chaminé Ivo Pereira, para economizar tempo, tratamos de soltar o tronco de duas cordas de 30m, que foram levados com alguma dificuldade até o último platô conquistado. Deste platô Guilherme partiu para outro 3m acima em agarra. Colocou um grampo. Daí Guilherme completou com mais dois lances na garra até o platô fino, colocando dois grampos. Caminhando, fomos até o fim do platô fino onde Guilherme depois de [ilegível] na garra horizontal chegou ao platô maior ao qual foi dado por Waldemar o nome de Ana Maria. Depois, enquanto Carlos punha o último grampo, os outros três foram pelo platô até a parte em que se poderia continuar a escalada. Com auxílio de Harold e algum perigo, Guilherme e Waldemar foram mesmo sem corda por lances difíceis de agarra e fissura até o cume. Eram por volta das 17 horas. Estava conquistado o Paredão Baden Powel.⁷⁶

No relato desta escalada já se nota uma certa predileção pelas escaladas com agarra e que oferecessem, ao mesmo tempo, dificuldade e desafio. Destacam-se “os lances difíceis de agarra” ou com “algum perigo”, onde a passagem por uma chaminé foi apenas um recurso para “economizar tempo”. As paredes de rocha ao ar livre já começavam a exercer fascínio para aquele grupo de escaladores, o que representaria uma mudança significativa para os gostos da época, com influências até os dias de hoje.

José Garrido, que ainda no início dos anos 60 entraria em contato com esse grupo e se envolveria ativamente no curso dos acontecimentos avalia da seguinte maneira: “as escaladas antigamente eram predominantemente escaladas por chaminé. Eram escaladas

relacionamentos permitiu-lhes, por exemplo, escalar o Aconcágua ou freqüentar a Escola de Aspirante a Guia de Chamonix, na França. Tudo isso intensificava o fluxo de informações, garantia um progressivo aprimoramento técnico e estimulava a incorporação de novas concepções. Ver CENTRO EXCURSIONISTA CARIOCA. Entrevista com Ricardo Menescal – por Ivon Calou. **Boletim Informativo**. Ano 56, n. 6, out. 2002.

⁷⁵ Pellegrini, op.cit.

⁷⁶ CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO. **Relatório de Excursões**. Livro XV, 11 de dezembro de 1960, p. 53.

internas, fissuras e chaminés, e não externas. Hoje, raramente, o pessoal até foge de chaminé”.⁷⁷ Assim, escaladas com aquelas características do Paredão Baden Powel, pouco a pouco iriam se estabelecer como um modelo ideal de prática, sem com isso, descartar completamente a subida por chaminés, que segue até hoje como um recurso possível, mas em geral, pouco atraente.

Nessa época passou-se a fazer a escalada de interna para externa, que realmente é mais bonita. A chaminé pra quem não sabe fazer é horrível, mas pra quem sabe fazer é uma delícia. Mas é evidente que a escalada externa é mais bonita, é outra técnica que é mais exposta, você está em um abismo, está pairando...⁷⁸

Aqui, a dimensão estética parece também ter sido particularmente importante para a cristalização do rochedismo. A possibilidade de apreciar o panorama durante toda a subida – o que faz a escalada externa “mais bonita” –, aliado a vivência mais aguda da sensação de vertigem, a sensação de estar exposto, de estar por sobre o abismo, pairando, são todos elementos que podem ser enumerados como influentes para sua popularização. Cada um deles é mais condizente com as sensibilidades da época, cada vez mais preocupadas em interagir com a natureza e buscar experiências que denotassem sensação de liberdade.

Vimos, por exemplo, como a forma como se projetava a cidade passava a considerar a necessidade de garantir a presença de espaços verdes. De maneira geral, esse período testemunhou a aparição de um imaginário urbano marcado pelo desejo de natureza, o que favorecia práticas ligadas a esse corolário de idéias, tal como o montanhismo. Em outras palavras, era a percepção mais ou menos negativa do ambiente das cidades quem impulsionava práticas e costumes marcados por esses simbolismos.

Nesse contexto, tudo o que pudesse romper com o “círculo vicioso da vida nas cidades” seria agradável. É esse o caso, por exemplo, dos esportes e dos exercícios em geral, que se popularizavam na medida em que permitiam a movimentação dos corpos

⁷⁷ GARRIDO, José. Entrevista ao autor em fevereiro de 2007.

⁷⁸ Pellegrini, op.cit.

“empenados no círculo vicioso criado pela vida das grandes cidades”⁷⁹, “emperrado pela vida sedentária das metrópoles”.⁸⁰ Mais particularmente, comportamentos esportivos como os do montanhismo também caminhariam na direção de intensificar esses imaginários, integrando-se plenamente a cada um deles.

A maneira como Denise Emmer relata suas memórias sobre um dia de montanhismo no Pão de Açúcar, exemplifica a manifestação dessas dinâmicas nesse esporte. O gosto pela emoção, a atração pelo perigo, o impulso de lançar-se ao desconhecido, a possibilidade de contato íntimo e direto com a natureza e até um certo exibicionismo permitido pelo novo padrão externo de escalada são elementos que podem ser percebidos como os mais valorizados por essa esportista que ingressou no montanhismo no final dos anos 60, portanto, em meio àquela atmosfera com “fome de pedra”.

No livro de memórias, a autora, que viveu com Giuseppe Pellegrini depois de conhecê-lo em atividades do CERJ, deixa transparecer em vários momentos sua preferência pela escalada de agarras em detrimento daquelas em que se subia através de um cabo de aço fixado ao longo da montanha – o que era comum naquela época, as chamadas “vias ferratas”. Em um desses relatos se lê:

Após alguns metros erguendo-me pelo cabo, avistei o Pellegrini tentando dizer-me algo que não entendia. Prendi-me ao grampo mais próximo na intenção de ouvi-lo melhor, mas o vento distorcia sua voz e suas palavras soavam como um rádio fora de estação. Ao perceber que eu não o entendia, sinalizou com os braços imitando os movimentos de um felino. Continuei a não decifrar sua mensagem, quando resolvi então me adiantar ao grampo seguinte, que distava somente cinco metros. - Solte o cabo! Tente escalar! A clareza da sua frase chegava agora aos meus ouvidos com espanto e surpresa. Ele queria que eu escalasse aquela parede íngreme, de agarras tão pequenas, como jamais havia visto ou feito? - Não tenha medo. Se não conseguir, agarra-se ao cabo. E não se esqueça de que está com segurança de cima. Vamos! Coragem! Foram necessários poucos segundos de reflexão para que eu resolvesse aceitar o desafio de escalar em livre. Porém, a proximidade do cabo e a segurança de cima davam-me a tranquilidade de que precisava. E, afinal, faria o que pudesse e da forma que pudesse. Retirei o par de luvas, metendo-o no bolso da calça. As mãos livres sobre a rocha davam-me outra perspectiva da escalada. Sem querer me afastar

⁷⁹ VEJA. **Mais ginástica**. São Paulo: Abril, 04 de dezembro de 1974, p. 50.

⁸⁰ VEJA. **O suor entrou na moda**. São Paulo: Abril, 03 de outubro de 1979, p. 51.

do cabo, notei pequenas agarras que seguiam à esquerda como um segredo minúsculo. Apostei na própria intuição, arriscando as primeiras passadas. O velho tênis não era o melhor calçado para o que pretendia, obrigando-se colocar os pés em posição aderente e aplicar ainda mais força aos meus braços já exauridos. Todavia, o prazer, como de hábito, vencia obstáculo, e eu passava por lances de grande beleza, ainda que desconhecendo o grau de dificuldade. E, dessa vez, quando o bondinho passou sobre a montanha, não o saudei com um aceno, absorta que estava nas formações da parede onde pudesse equilibrar-me⁸¹.

Essa “outra perspectiva da escalada” de que fala Emmer está relacionada a presença de “lances de grande beleza”, pelas “mãos livres sobre a rocha” e também a necessidade de se estar atenta as formações da parede que pudessem oferecer equilíbrio já que o apoio não é mais oferecido por um cabo de aço, mas pela própria montanha. O fato de não precisar estar agarrada a um cabo de aço certamente promove essa sensação de liberdade, a impressão de se estar com o corpo livre, “usando mais o corpo”, para não mencionar o desafio e a sensação de vertigem.

Em 1965, a respeito dessas “novas tendências do montanhismo carioca” podia-se ler em um artigo publicado no Boletim do Centro Excursionista Brasileiro (CEB) que dizia: “vem predominado ultimamente, em alguns montanhistas bons, a idéia de que a beleza dos lances está mais no risco e na sua dificuldade”.⁸²

A Escola Técnica de Guias e a turma de 65

Além de serem mais condizentes com as sensibilidades da época, ciosa por liberdade e natureza, um outro elemento favoreceu a consolidação dessa concepção: a criação de um novo modelo de formação para a Escola Técnicas de Guias do CERJ. Na verdade, essa iniciativa pode ser interpretada como um esforço de dar suporte institucional a um conjunto de convicções que estavam sendo acionadas e postas em prática através da forma como aquele grupo fazia seu esporte. Nesse sentido, Giuseppe Pelegrini e Carlos Russo conceberam, sistematizaram e implementaram, no final dos anos 50, uma espécie de

⁸¹ EMMER, Denise. **Memórias da montanha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 101.

⁸² MEIRELLES, Thiers. Segurança em Montanha. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim informativo**. n. 283, nov./ dez. 1965, p. 7

novo currículo para formação de um montanhista. Este novo modelo pedagógico se caracterizava, fundamentalmente, pelo destaque aos “desafios de verdade”. De acordo com o depoimento do próprio Pellegrini:

Nós criamos um novo conceito de escola de guia. A escola de guia anterior se baseava muito em campo-escola, lá no Morro da Bica, em Cascadura. Ia-se, sei lá, 10, 12, 15 vezes no campo-escola. Então a pessoa ficava muito adestrada, até em lances bem difíceis, mas de baixa altura, muito daquela situação dali. E nós notamos que quando você chegava em alturas – a 100 metros, 200 metros – tinha muita gente que o rendimento caía violentamente. Então nós passamos a criar um conceito de que nós íamos ao campo-escola para treinar descidas e técnicas, verificar a posição do pé e da mão, toda a ergonomia necessária, mas logo depois da terceira vez vamos para pedra: Stop, Galoti, Maria Fria, vamos embora...⁸³

Na avaliação de Marcos da Silveira: “A escola de guia do Pellegrini era uma escola sistemática, onde tudo era explicado com muita atenção, e depois, os alunos tinham que passar por verdadeiros testes onde era sagrado pegar uma escalada que se cruzasse à noite de baixo de chuva, para que o aluno soubesse que ele era capaz de resistir”.⁸⁴ Em retrospecto, o próprio Pellegrini avalia aquele modelo de formação de guias de montanha como alguma coisa “quase militarizada, porque era muito rigorosa e rígida. Não podia faltar, não podia isso, não podia aquilo, era um treinamento muito... Para os dias de hoje talvez não se aceitasse”.⁸⁵ Waldinar Santos de Menezes, que foi aluno da escola de guias nesse período de transição corrobora: “A gente era exigido muito, a gente era exigido ao máximo, e foi uma escola de guia que deu outras contribuições”.⁸⁶

Essas “outras contribuições” de que fala Waldinar Menezes têm relação direta com aquele modelo de formação que estava sendo praticado, pautado na idéia da exigência e da exposição a testes de resistência em situação real, na pedra. Isto porque sob a tutela desse novo modelo formou-se no CERJ um grupo de montanhistas muito hábeis e cada vez mais arrojados, que influenciariam enormemente as maneiras de se escalar dali em diante, sempre no sentido de consolidar, por exemplo, escaladas difíceis e quase sempre por

⁸³ Pellegrini, op.cit.

⁸⁴ SILVEIRA, Marcos da. História do montanhismo brasileiro. Depoimento, 09 de janeiro de 2006, CD 1.

⁸⁵ Pellegrini, op.cit.

⁸⁶ MENEZES, Waldinar Santos de. Entrevista ao autor em fevereiro de 2007.

paredões, bem de acordo com as tendências que vinham se manifestando. E é certo depreender que o gosto desses novos montanhistas por essas formas de escalar foi influenciado pela maneira como foram treinados na Escola Técnica de Guias do CERJ.

Em 1965 formou-se um grupo de esportistas que ficariam conhecidos como a “melhor turma de guias que o CERJ já teve”. De acordo com José Garrido, integrante dessa geração de esportistas, foi a “melhor turma de guia que já teve. Ao meu ver, que já conheci outras, foi a melhor turma de guias que já teve”.⁸⁷

Nomes como Cláudio Carrozino, Cláudio Vieira de Castro e Waldemar Guimarães aparecem com destaque. Esse grupo desenvolveu, pelo treinamento que lhes foi oferecido, habilidades que lhes permitiam a realização de escaladas muito mais difíceis e tecnicamente desafiadoras. De certo modo, isso acabou pondo o grupo em evidência e junto com eles tudo o que sua nova forma de escalar representava, isto é, a valorização de um determinado modelo de escalada pautado sob aqueles parâmetros de exposição ao ar livre, contato direto com a montanha e assim por diante.

Sob a orientação da direção técnica do CERJ, tendo à frente Pellegrini, lançaram-se em um sem número de desafios que chamariam atenção da comunidade montanhista da cidade. No mesmo ano de sua formação como guias, portanto em 1965, inauguraram doze novas vias de escaladas, “uma para cada mês do ano”, o que era um feito impressionante para a época, dando-lhes ainda mais visibilidade. A “fome de pedra” os conduzia a uma “febre de conquistas”. Quando da divulgação de uma dessas realizações, comentou-se sobre o quão impressionante era esse “rush de conquistas”.

Fato notável é que esta constitui a nona façanha dos cerjenses no corrente ano, o que perfaz uma por mês. Levando-se em conta que os trabalhos da conquista de uma montanha, além de demorados, constituem-se em grande esforço físico para os desportistas, causa admiração como pode ser possível tantas frentes de atividades.⁸⁸

⁸⁷ Garrido, op.cit.

⁸⁸ PEREIRA, Antônio Ivo. Irmão menor do Leblon: Paredão Vera Regina. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1965, Edição Esportiva, p. 4.

Nesse ponto, devemos assinalar que o montanhismo, a exemplo de quase todos os esportes, é uma modalidade onde o reconhecimento e o prestígio vem com a exibição da capacidade de se realizar proezas. Como nos fala Jon Krakauer “as figuras mais celebradas do esporte são sempre aquelas que mais arriscam seu pescoço e saem vencedoras”.⁸⁹ Nesse sentido, as realizações do CERJ no ano de 1965 e ao longo de quase toda a década de 60 seriam razões objetivas para tornar-lhes figuras reconhecidas entre os montanhistas. A forma como muitas dessas conquistas eram apresentadas destacavam, exatamente, a sua dimensão heróica; o fato de serem a “escalada mais arrepiante” ou com “perigosíssimos lances”.

Por ocasião da conquista do Diedro Saint-Exupéry, no Corcovado, falou-se de uma “proeza notável”, que venceu “toda sorte de dificuldades” e que teria representado “grande desgaste físico” para os “arrojados montanhistas”. A escalada, com 180 metros de altura e realizada em onze horas, foi recebida como a “escalada mais tecnicamente difícil do Rio, sendo, além disso, a mais impressionante, por se desenrolar sempre sobre abismos de mais de 450 metros”.⁹⁰ Diz-se que num momento da escalada, José Garrido, um dos integrantes da equipe, permaneceu parado esperando seus companheiros por “oito horas, coberto pela bruma, molhado pela garoa e fustigado continuamente pelo vento inclemente”.⁹¹

Da mesma forma, quando da conquista da chaminé Pellegrini, no Pico Menor de Friburgo, destacou-se o fato de terem os montanhistas carregado mais de ½ tonelada de equipamentos e víveres. “Foi a maior equipe de esportistas que empreendeu uma conquista de tal porte”.⁹² Falou-se do acampamento-base, que se localizava a vinte quilômetros da estrada, que, por sua vez, estava a duas horas de caminhada da base da montanha.

⁸⁹ KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 272.

⁹⁰ PEREIRA, Antônio Ivo. Segunda conquista de quinto grau no Corcovado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1965, Edição Esportiva, p. 4.

⁹¹ Ibid.

⁹² PEREIRA, Antônio Ivo. CERJ: nova conquista de quinto grau. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1965, Edição Esportiva, p. 4.

Comentou-se também do frio intenso que tiveram que enfrentar, além das “impressionantes fissuras em negativo”, numa escalada de “55 horas cruciantes, apenas aquecida pela chama do entusiasmo”. No fim, tratou-se de um feito que “projetou no esporte novas estrêlas como resultado da orientação do clube na renovação de valores”.⁹³

Toda essa estrutura discursiva favorecia a disseminação dos valores que estavam subjacentes àquelas realizações. Eram escaladas apresentadas como uma relativa novidade, realizadas “com uma outra imagem”, “muito difíceis”, “coisas de louco”, “mirabolantes”. Nesse sentido, um nome que é mencionado com regularidade é o de Waldemar Guimarães, o Valdo. Tecnicamente muito hábil, ele pôde ter acesso a um volumoso conjunto de informações ligadas ao montanhismo. Tendo um irmão que trabalhava no Itamaraty e ele próprio trabalhando em empresas de aviação civil, pôde viajar bastante. Assim, acumulou mais de 800 livros sobre montanhismo, muitos importados da Europa, naquele que hoje compõem, provavelmente, o maior acervo desse gênero no Brasil e que se encontra disponível na biblioteca do CERJ.

As informações vinculadas nesses livros eram, basicamente, de ordem técnica e de novos materiais. Ali, toda uma outra concepção de montanhismo colocada em prática por alpinistas símbolos daquela geração como Cesare Maestri, Gaston Rebuffat ou Walter Bonatti, eram apreendidas e “traduzidas” para o cenário nacional. Não por acaso, muitos livros desse acervo bibliográfico são de autoria desses esportistas, alguns inclusive autografados.

Entre aqueles montanhistas do CERJ tais concepções esportivas se materializaram através da tentativa de escalar com rapidez, em lugares desconhecidos e usando apoios artificiais “só em último caso”. Interessante que algumas das principais realizações esportivas da turma do CERJ em termos de inovação foram mesmo idealizadas pelo Valdo,

⁹³ Ibid.

o mais imbuído daqueles ideais. Talvez o maior exemplo prático dessas convicções seja, além do Diedro Saint-Exupéry, a conquista da Face Leste do Pico Maior de Friburgo.

Muita fome de pedra

Por volta de 1967, o legado da “turma de 65” (ou as suas “outras contribuições”) se estenderia a outros clubes. Nessa época, Jadyr Santiago, formado guia montanhista no CERJ, se transferiu para o Clube Excursionista Carioca (CEC). Para o novo clube, Jadyr levou uma série de conhecimentos que tinha aprendido no convívio com a turma de 65 do CERJ. Particularmente, importou, não sem algumas modificações, parte daquelas concepções de formação de guias.

Assim, uma maneira peculiar de conceber o montanhismo, que aquele tempo representava uma transformação no esporte, começaria a se manifestar também no CEC. Ali, iniciando-se um novo processo de formação de montanhistas, surgiu um grupo de jovens que iriam se relacionar com o esporte de uma forma ainda mais original, sem desconsiderar completamente possíveis continuidades e permanências.

Antes de tudo, foi preciso uma mudança no próprio estatuto do clube, que não permitia que menores de 18 anos frequentassem a escola de guias. Jadyr Santiago animou os jovens que queriam frequentar o curso, ao mesmo tempo em que forçou uma mudança no estatuto. Jadyr cumpriu, portanto, um importante papel na articulação entre “a jovem e velha guarda”. “Jadyr teve este grande mérito, forçar o rompimento das regras para dar oportunidade àqueles jovens. Não fossem essas mudanças, o clube teria perdido a maior oportunidade de sua história”.⁹⁴

Nomes como Rogério de Oliveira, Marcos da Silveira e, fundamentalmente, Rodolfo Chermont iam encontrar, graças a essas mudanças, espaço e acolhida dentro das

⁹⁴ Weid, op.cit., p. 29.

estruturas institucionais do montanhismo. Esses jovens representaram “uma reviravolta nas realizações do Carioca, empurrando os limites das escaladas no Rio”.⁹⁵ Aparentemente pouco familiarizados às tradições esportivas estabelecidas, operaram “uma grande transformação”.

Os novos guias ocuparam o espaço aos poucos deixado pelos antigos. Novos sócios, muitos deles jovens e excelentes escaladores, vieram e trouxeram grande vitalidade ao esporte. As excursões recreativas perderam espaço, e a figura do guia recreativo aos poucos desapareceu. Ficaram apenas os guias de montanha [...] O CEC retomou as conquistas com técnicas novas.⁹⁶

Essa reviravolta operada sob as “técnicas novas” pode ser vista como uma radicalização do que já estava em curso no montanhismo carioca como um todo, especialmente entre os esportistas vinculados ao CERJ. “A vitalidade que se via no Carioca não era única. A mesma transformação se operava nos outros clubes, em maior ou menor grau”.⁹⁷

Amiúde, a reviravolta com técnicas novas dizia respeito a uma drástica diminuição na utilização de artifícios para a ascensão de montanhas. Buscava-se uma maneira de escalar que pudesse ser ainda “mais natural”, ainda “mais livre”. Para a realização dessas expectativas, a simples eleição de vias externas (os paredões) logo se mostraria insuficiente. Era preciso escalar pelos paredões e, mais ainda, fazê-lo com o mínimo de apoios artificiais possíveis. Já não se tratava mais de usá-los somente em último caso. Agora, de forma um tanto mais radical, tratava-se mesmo de não usá-los nunca. “Começou a surgir a idéia de que o elegante era subir sem tocar nos grampos. Grampos eram só para a segurança. Nós estávamos com essa questão: como fazer a escalada sempre subindo, se possível, sem se apoiar nos grampos”.⁹⁸

A forma como, por exemplo, o Paredão Baden Powel havia sido conquistado logo

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid., p. 39.

⁹⁷ Ibid., p. 40.

⁹⁸ Silveira, op.cit.

no início dos anos 60, seduzia por tratar-se de uma via externa, e nesse sentido, permitir maior sensação de liberdade por realizar-se “ao ar livre”, mas, ao mesmo tempo, desencantava por ainda ter sido realizada com algumas técnicas antigas como a utilização de troncos de árvores e mesmo um pequeno cabo de aço que se usou na parte de baixo. O grupo de montanhistas do CEC anunciava a pretensão de levar ao extremo as concepções iniciadas pelo grupo do CERJ.

A partir de 1968, a presença dos novos e jovens integrantes do Clube Excursionista Carioca, conhecidos como a “ala jovem do Carioca”, garantiria a continuidade e o aprofundamento desse desenvolvimento, e de maneira cada vez mais intensiva e extrema. No fim deste ano, já se anunciava que sócios do CEC iniciavam trabalhos para a conquista do Paredão Íbis, Paredão Universal e Lagartão, sob o comando de Félix Kuen, Jadyr Santiago e Jean Pierre von der Weid, respectivamente. No ano seguinte, já se comentaria de um “Carioca dinâmico”, onde o Departamento Técnico do clube, na gestão de George White, se esforçava para ativar rápida e simultaneamente uma série de novas conquistas que estavam sendo empreendidas pelos seus sócios, quase todos da “ala jovem”. Entre elas pode-se citar, além das três já mencionadas, a Fissura Maurice Herzog, a Fissura do Inglês, o Paredão Sombra e Água Fresca, o Paredão Bip-Bip e o Paredão Roda Viva.

Chamam atenção os “pitorescos nomes” com que eram batizados cada uma das novas escaladas. De certo modo, esses nomes traduziam o espírito do grupo, mais esportivo e descontraído, marcado pela presença de grande quantidade de jovens que, até nisso, fugiam as convenções. Ao invés de nomes sóbrios e homenagens a determinados personagens, preferiam-se nomes mais lúdicos como “Sombra e Água Fresca”, referindo-se a tudo que não se encontrava naquela escalada. Além disso, a maioria dessas realizações representava grande nível de dificuldade técnica, sendo, por isso mesmo, recebidas como “sobejas provas de capacidade”.

Posição de destaque obtiveram os montanhistas Luis Bevilaqua Penna Franca, Rodolfo Chermont e Rogério Ribeiro, do Clube Excursionista Carioca ao vencerem o Paredão Roda Viva, em 6 de setembro passado. Elementos da ala mais jovem do CEC, deram êles sobejas provas do que a sua pouca idade presumivelmente impediria se não fôsse a firme orientação recebida dos seus instrutores aliada, naturalmente, ao entusiasmo e prudência dos seus discípulos.⁹⁹

Importa salientar que tudo isso integra uma dinâmica de desenvolvimento histórico do esporte mais abrangente e que perpassava, com suas peculiaridades, grupos (no plural) de praticantes, situados, fundamentalmente, no CERJ e no CEC. Não por acaso, alguns integrantes desses dois clubes passaram a escalar juntos com alguma regularidade. Portanto, ao lado da “ala jovem do CEC”, montanhistas do CERJ, sobretudo os da “turma de 65”, também continuaram ao longo da década de 60 nesse processo. Desenvolveu-se, inclusive, saudável rivalidade. Sempre que algum deles conquistava nova via ou montanha, deixavam no seu cume a flâmula do clube ao qual faziam parte. Em contrapartida, os membros do outro clube tentavam repetir o feito e, caso o conseguissem, traziam de volta a flâmula que havia sido deixada anteriormente, substituindo-a pela sua própria. Na seqüência, como fraternal provocação, iam a sede do clube “adversário” para devolver-lhes a bandeira. Ao mesmo tempo, algumas pessoas desses diferentes grupos escalavam juntos, como era o caso, por exemplo, de Garrido e Chermont, acentuando o intercâmbio e o reforço mútuo das novas convicções.

E da mesma forma que a reformulação da Escola Técnica de Guias no CERJ representou a criação de um suporte institucional necessário para a efetivação prática de certas concepções esportivas, o grupo do CEC tenderia a caminhar na mesma direção. Mais do que ter alterado o estatuto do clube e ter permitido a entrada de jovens de 14, 15 e 16 anos, sua ala jovem conseguiria, no início dos anos 70, ter o seu controle administrativo, ocupando assim posições chave na elaboração de diretrizes e parâmetros técnicos do clube.

⁹⁹ PEREIRA, Antônio Ivo. Vitórias do CE. CARIOCA. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1969, Edição esportiva, p. 8.

Com a eleição de Jean Pierre von der Weid como presidente, abriu-se uma janela para que vários membros da mesma geração pudessem tomá-lo de assalto. A nova direção teria, por exemplo, Jadyr Santiago na secretaria, e George White e Marcos da Silveira na tesouraria. Emblematicamente, uma das primeiras medidas oficiais anunciadas pela nova direção foi o de determinar a retirada completa dos cabos de aço do Paredão K-2, via de escalada que “pertencia” ao clube. Também não por acaso, um dos encarregados para a tarefa foi Rodolfo Chermont, outro jovem integrante do grupo, tido como o mais prodígio daquela geração.

Nesse sentido, a idéia de “desmontar” as “vias ferratas” – vias de escalada que se fazia através do apoio em cabos de aço – era a idéia de desfazer-se de antigos hábitos e tradições, a favor de novas tendências, cada vez mais desejadas. Nessa época, entre o final dos anos 60 e início dos anos 70, montanhistas tanto do CERJ quando do CEC começaram a retirar cabos de várias escaladas.¹⁰⁰ Ao mesmo tempo, a maioria das novas vias de escaladas, divergindo dos costumes, não contava com nenhum cabo de aço, tornando-as mais condizentes com as novas concepções que estavam se estabelecendo.

O desuso na utilização de apoios além daqueles oferecidos pela própria natureza significa, em outras palavras, a valorização de escaladas que apresentassem um maior nível de desafio, ao mesmo tempo em que se fizessem, no dizer dos montanhistas, “em livre”. Por isso, cabos de aço, troncos de árvores, escadas e outros materiais que serviam como recursos nas ascensões foram, pouco a pouco, sendo inutilizados. Trata-se da construção de um *ethos* mais aventureiro no montanhismo; um certo gosto pelo contato mais íntimo e intenso com a natureza, o que evidentemente também representa uma mudança nas próprias sensibilidades com relação a esta. A avaliação era de que com a utilização de “recursos artificiais” (escadas e cabos de aço, principalmente), subia-se nesses e não na

¹⁰⁰ A título de exemplo, cita-se: Secundo Costa Neto, Chaminé Galotti, Paredão CEPI e IV Centenário.

montanha. Um depoimento bastante emblemático nesse sentido é o de Marcos da Silveira, referindo-se a escalada da Face Sul do Garrafão, em 1975.

Nós queríamos escalar aquela parede de uma vez só. Qual é a graça ali? O equipamento novo nos permitia, com muito menos peso, fazer uma escalada onde a grande dificuldade passava a ser, não a técnica de segurança, mas a de encontrar o caminho com rapidez suficiente para que a chuva não nos pegasse. Eram outras dificuldades. A pergunta que mais me faziam naquela época era: e se por acaso você não conseguir passar em um lance? Eu volto e deixo para outro. Essa era a resposta inadmissível até ali, porque o grampo sempre garante na próxima investida e eu já estudei mentalmente o lance. Eu vou lá, forço, se não, eu ponho grampinhos. Quer dizer: eu não vou pôr grampinhos. Eu não vou subir em artificial fixo se não for possível. Eu admitia, e admito até o artificial fixo numa extensão muito pequena, mas não sair enchendo de grampinhos porque eu não fui capaz de subir. Então essa mudança de paradigma era bastante clara.¹⁰¹

Nesse momento, de acordo com esse depoimento, já se notava então uma mudança de paradigma bastante clara. As respostas inadmissíveis até ali, que diziam respeito a desistência da escalada diante de uma possível incapacidade de realiza-las com recursos próprios, se ancoravam na noção de que a luta com a natureza deveria ser mais justa, sem o apelo exagerado a recursos materiais. Estes últimos deveriam servir apenas para a segurança, e nunca como auxílios a ascensão: “Eu não vou sair enchendo de grampinhos porque eu não fui capaz de subir.”. Nesse caso, não limitar os meios empregados para se subir uma montanha destituiria o esporte de sua própria esportividade. Conforme se diria alguns poucos anos depois:

Resulta daí que a montanha terá que ceder, necessariamente, diante de um assalto que conte com tantos esforços alocados de forma sistemática. Isso rouba da escalada em rocha o sabor de aventura e a incerteza do resultado, sensações próprias de ascensões executadas com meios limitados e que, certamente, são dois de seus maiores atrativos. A experiência única que é a abertura de um novo traçado por uma cordada pioneira cede lugar a um avançar repetitivo, quase monótono, com o uso maciço de recursos materiais e humanos visando apenas completar a via, e não extrair dela experiências enriquecedoras. Para salvar o esporte, enquanto esporte, de uma estagnação total, impunha-se que a comunidade local de escaladores resolvesse, voluntariamente, limitar os meios empregados em conquistas e ascensões subseqüentes. Tal atitude era inclusive urgente, pois o Rio de Janeiro e seus arredores já haviam sido severamente castigados com milhares de grampos absolutamente desnecessários. Estes desfiguram por completo o caráter natural das paredes rochosas e constituem-se, em termos ecológicos, em uma forma de poluição estética tão indesejável quanto o lixo que por vezes vemos espalhado ao longo de trilhas.¹⁰²

¹⁰¹ Silveira, op.cit.

¹⁰² ILHA, André. Manifesto da Escalada Natural. **Mimeo**, 1983.

Portanto, são duas as coisas que se buscam aí: experiências enriquecedoras, que tem a ver com a superação de desafios pessoais, e, de maneira mais geral, resguardar o caráter natural das paredes rochosas. O contato do corpo livre com a rocha – sem o uso de apoios artificiais, quer dizer, sem admitir o uso de “grampinhos” – pode ser visto nesse caso como um veículo que permite ao homem da cidade re-encontrar-se com a natureza. Da mesma forma, e até de maneira mais abrangente, serão recorrentes no montanhismo os artigos e as declarações que expressam esse sistema de representações. Denise Emmer chega a dizer que “o toque da pedra em meu corpo causava-me um prazer quase sensual”.¹⁰³ Nos artigos das revistas institucionais dos clubes também se exalta, quase permanentemente, o fato do montanhismo “conduzir ao seio da Natureza”, o que se faz, quase sempre, em interface as condições de vida da cidade.

O homem, martirizado pelas preocupações da vida civilizada, necessita voltar, sempre que puder, ao contato com a natureza. Assim, poderão dar vazão as suas energias represadas. Reencontrará, no caminhar na floresta, o bálsamo que emana do ar puro, das verdes árvores, do azul do céu e das amizades desinteressadas [...] Benditas atividades excursionistas que permitem ao homem de hoje, asfixiado pela vida sedentária e sujeito às poluições da cidade, voltar ao seio purificante da natureza [...] No alto da montanha, o contato com a natureza é o melhor bálsamo para as tensões da vida moderna.¹⁰⁴

Assim, a forma que o montanhismo praticado no Rio de Janeiro ia assumindo ao longo dos anos 60 e 70, mais do que simplesmente servir como veículo para a concretização desse desejo de natureza, servia para concretizar um tipo de contato com o meio natural qualitativamente diferente e, portanto, mais adequada à nova estrutura de sentimentos da sociedade carioca que, como vimos, por conta da crescente urbanização, passava a valorizar sobremaneira esse íntimo contato com o verde, onde parte da explicação para o crescente interesse de uma parcela da população por esse tipo de esporte parece estar nas re-configurações das representações de natureza desencadeadas por uma

¹⁰³ Emmer, op.cit., p. 52.

¹⁰⁴ PONTUAL, Raul. **A tensão nervosa dos nossos tempos**. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. Boletim informativo. n. 287, mar./abr. 1971, p. 15

determinada ambiência urbana, que produzia certos efeitos mentais.

Escalada esportiva e uma nova estrutura de conflitos

A sedimentação dessas concepções não se realizou de maneira homogênea, ordenada ou pacífica. Em verdade, tudo isso representou, para o montanhismo, o desencadeamento de uma influente e poderosa estrutura de conflitos. Atores se envolveram mais ou menos apaixonadamente a favor de suas convicções e uma clara distinção entre duas concepções pode ser identificada a partir dali.

De um lado, um grupo partidário à manutenção das tradições, que poderiam contar com a incorporação de novas técnicas e equipamentos, desde que não abalassem os princípios mais elementares dos costumes esportivos estabelecidos. De outro, um grupo menos identificados com essas tradições e, em geral, iniciados no esporte já sob um outro sistema de referências, e que evidentemente não partilhavam das antigas escalas de valores.

Na prática, esses novos entendimentos acerca do que deveria ser a escalada e o montanhismo entraram em confronto direto com aquilo que os “mais velhos” achavam que deveria ser. Não é por acaso que, no momento em que as “outras perspectivas de escalar” começam a se desenvolver mais obviamente (momento em que se cria a expressão rochedismo), coincide com a época em que começam a aparecer artigos publicados com sugestivos títulos como “o novo e o velho”, “o porquê das tradições”, “os menos jovens” ou “carta aberta a um principiante”.

Na esteira da efervescente atmosfera do final dos anos 60, um conflito de gerações também se anunciava no montanhismo. No Boletim Informativo do Centro Excursionista Brasileiro de novembro de 1965, J. Pitaluga Filho escreveu: “Há um grupo de jovens, que criticam o CEB, por ser um clube de 'coroas', de velhos [...] Os que ridicularizam os velhos, os que desrespeitam os velhos, os que não gostam dos velhos, temos certeza

poderão ser tudo, menos excursionistas”¹⁰⁵.

Em março de 1971, na mesma revista institucional, Odette Toledo escrevia artigo sob o título “O velho e o novo” onde dizia:

Para os excursionistas, como para todos os afeitos ao convívio da Natureza, é na grande mestra que se encontram os melhores exemplos do velho e do novo em coexistência, harmônicos entre si. Trilhas novas cruzam velhos caminhos. A alegria nova da descoberta e da conquista acompanha o encanto renovado de rever paisagens antigas [...] O velho mar é um contínuo lançador de onda novas na areia povoada de gente jovem. Mas se balanceia em seu dorso, é ao velho e calejado timoneiro que caberá levar os companheiros a porto seguro [...] Há que viver; mais ainda, que conviver. Sem estagnação. Sem intolerância com velhos ou novos [...] Reformular, sim, mas com conhecimento de causa. Transformar sem obliterar.¹⁰⁶

Como vimos, parte das reformulações que estavam em jogo nesse período dizia respeito as desmontagens das vias ferratas. Tratava-se de um esforço de tornar os espaços de prática mais condizentes com as novas aspirações que se desenvolviam no montanhismo carioca. Quando do início das primeiras e ainda tímidas iniciativas de retiradas de trechos de cabos de aço, em 1965, já se podia ver ecoar, em tom de censura¹⁰⁷: “Montanhistas vem modificando lances de escaladas, ora acrescentando, ora retirando artifícios”.¹⁰⁸

O grupo contrário a tais modificações alegava o risco de uma possível elitização. Segundo eles, o aumento da exigência física e técnica colocada em jogo pelas novas concepções, que dispensavam o uso de cabos de aço e quaisquer outros artifícios que auxiliassem a escalada, tornaria o ato de subir uma montanha acessível apenas a um seleto grupo de hábeis e vigorosos atletas. Em sua acepção, a transformação não poderia obliterar.

Outro ponto de discórdia aparecia na tendência de que os clubes organizavam cada vez mais escaladas e cada vez menos excursões recreativas. Em 1968, por exemplo, segundo os relatórios do CERJ e do CEC, cada um desses clubes havia organizado naquele

¹⁰⁵ FILHO, J. Pitaluga. Notas e comentários. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim informativo**. n. 283, nov. / dez., 1965, p. 13.

¹⁰⁶ TOLEDO, Odette. O velho e o novo. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim informativo**. n. 287, mar. / abr., 1971, p. 3-4.

¹⁰⁷ Um costume até hoje vigente no montanhismo é o de que a forma como uma via de escalada fora concebida por seus idealizadores deve ser mantida. Sua alteração só é admissível sob autorização do clube ou dos próprios “conquistadores”. É o que se chama “direitos autorais”.

¹⁰⁸ FILHO, J. Pitaluga. Notas e comentários. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim informativo**. n. 282, set. / out., 1965, p. 17.

ano 182 e 178 excursões, das quais 117 e 167 foram de escaladas, respectivamente.¹⁰⁹

A “supremacia da escalada”, ou o “escaladismo”, causava apreensão à medida que se entendia que outras dimensões do montanhismo, como as excursões recreativas ou as caminhadas na montanha, estariam sendo postas de lado, como de fato estavam. Aliado a isso se tem o fato das escaladas estarem tendendo a um progressivo aumento do nível de dificuldade. Tudo isso desencadeava iniciativas contrárias. Um delas era o início das “excursões públicas”, que pretendia organizar atividades “para aqueles que desejam conhecer o montanhismo sem escaladas”.

Referindo-se especificamente as escaladas, inicia-se a defesa de que estas deveriam se tornar acessíveis a todos. Tais argumentos incluíam uma grande lista de recomendações, entre as quais, a de que, diante da presença de iniciantes, os guias de escalada dos clubes deveriam priorizar “caminhadas leves e escaladas fáceis”, que não causassem frustração, o que afastaria o interesse dos recém-iniciados. Recomendava-se também “velocidade moderada e paradas periódicas”.

A escalada integral, no regime de cordadas, é belíssima porém inadmissível para os novíssimos e novos. Sem exagerarmos, reconhecemos que o desuso das cordas fixas e de segurança é a causa de grande número de elementos desistir logo nas primeiras experiências. Na cordada o participante é obrigado a executar a escalada da mesma forma que o guia, poucos têm aptidões para tal e... desistem.¹¹⁰

Por fim, dizia-se que: “Ao alvorecer do Nôvo Ano, lancemos a nossa vista para os novos da montanha”.¹¹¹ Parece mesmo que os novatos e também os mais jovens eram o foco principal de preocupação. Talvez porque representassem tudo o que “não deveria ser o montanhismo”.

Aproxima-se a época de férias quando se ampliam de muito as possibilidades do calendário excursionista para a mocidade estudantil. A montanha atrai os jovens, ávidos por emoções diferentes e é de grande interesse que incentivemos a freqüenta-la [...] Porém, à afoiteza dos jovens deveremos advertir sobre as precauções

¹⁰⁹ PEREIRA, Antônio Ivo. FCM: disposição técnicas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1968, Edição Esportiva, p.4.

¹¹⁰ PEREIRA, Antônio Ivo. Uma mensagem de anô nôvo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1968, Edição Esportiva, p. 4.

¹¹¹ Ibid.

indispensáveis à segurança na montanha [...] Assim, por força de expressão, reconhecemos que a prudência de mãos dadas à ética excursionista deve estabelecer regras orientadoras de boa prática do esporte.¹¹²

Entre as recomendações que se seguem pode-se ler o de “nunca excursionar sozinho” e “conhecer perfeitamente o terreno ou a escalada”. Além destas, “muito importante, enquanto não tiver suficiente experiência, não se improvise em lagartixa consumado, não se arroje a escaladas ou a caminhos pouco percorridos sem a orientação de guias de clube organizado. Subam muitas montanhas porém sempre com segurança e máxima cautela”.¹¹³ As “peripécias” dos mais jovens deixavam estarecidos os mais velhos.

Em julho de 1969, publicou-se longo texto sob o título “Facilitemos o escaladismo!”, provavelmente em resposta a retirada do cabo de aço do Paredão Secundo Costa Neto. O raivoso texto, quase um manifesto, dizia:

Para facilitar o ingresso de mais um integrante do “esporte diferente” o mais sensato e que muito favorece o próprio esporte é o uso da corda fixa durante toda a prática. É forçoso reconhecer que o escaladismo integral, aquele cujo participante age no estilo do guia, com simples apoio de cordada, exige preparo excepcional, presumindo-se que ele tenha nível técnico e de treinamento quase semelhante ao do guia. Como não há adestramento prévio, salvo um ou outro Campo-Escola ou no Pão de Açúcar, o candidato que não tiver fibra fora do comum sente-se frustrado e desiste completamente de ser escalador. Acresce a circunstância de que nem todos têm predileção ou desejam tê-los para o escaladismo integral e entretanto anseiam para realizar escaladas que não realizadas por cordadas. Por acanhamento ou mesmo considerando-se incapacitados para tal atividade, não prosseguem e assim perdem muitos companheiros que poderiam no futuro ser entusiastas escaladores. Portanto a utilização de corda fixa com a complementar cordada de segurança, sempre que for necessário, representa o primeiro passo para o escaladismo¹¹⁴.

Na seqüência, divulga-se uma lista de benefícios e vantagens na utilização de cordas fixas. Por fim, alerta: “como atravessamos a melhor época para o ingresso de novos no montanhismo, do qual o escaladismo é um dos seus ramos mais fascinantes, é mister que os responsáveis pelos departamentos técnicos meditem no que ponderamos acima.

¹¹² PEREIRA, Antônio Ivo. Prudência jovens! **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1968, Edição Esportiva, p. 4.

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ PEREIRA, Antônio Ivo. Facilitemos o escaladismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 de julho de 1969, Edição Esportiva, p. 4.

Para o bem de muitos e não o privilégio de poucos, facilitemos o esporte”.¹¹⁵

Em suma, a ordem dessas idéias era: facilitem o esporte o máximo possível. Do outro lado, havia a aspiração de um grupo de jovens para quem a ordem era dificultem o esporte ao máximo possível. De acordo com a escala de valores que se desenvolvia na época, e que se nota até os dias de hoje, dificulta-lo nesse caso, não significava torna-lo inacessível, mas torná-lo desafiador e estimulante, sem nunca usar apoios artificiais.

Um último elemento responsável por esse conflito geracional diria respeito ao nível de envolvimento e participação com a vida do clube. Em certos casos, acusavam-se os mais jovens de terem descaso para com os rumos da instituição, evadindo das assembléias e votações para concentrarem-se tão somente nos seus próprios prazeres. Em um Boletim do CEB de 1973, tem-se um artigo de Guttorm Hansem que chama atenção para isso. O montanhista inicia o texto pontuando as diferenças do comportamento dos jovens. No seu dizer:

Dirijo-me aos novos sócios – e aos sócios jovens, na grande maioria dos casos os mesmos, pois a quase regra é a pessoa iniciar-se ainda jovem no excursionismo. Presença animadora nas excursões tem sido esta – a juventude. No curso de adestramento a gente moça tem predominado [...] Tenho visto com satisfação repetirem-se as ocorrências do nosso tempo: jovens, cheio de entusiasmo e coragem escalam uma montanha quando o calor, a ameaça de chuva e a voz – talvez cansada – da experiência o desaconselhavam. Numa Gávea recente, os novos excursionistas, em mais uma aventura, iniciada com calor de quase 40° e nuvens ameaçadoras no horizonte, foram muito bem sucedidos, demonstrando que estavam com a razão. Quando se tem dezoito anos não chove...¹¹⁶

Em seguida, Hansem aborda especificamente a questão da participação jovem fazendo-lhes um apelo.

Apelo, porém, aos novos, em outro sentido: compareçam às realizações sociais na sede, tomem parte ativa nas reuniões e, sobretudo, votem nas Assembléias Gerais. No C.E.B., à maneira da república parlamentarista, é o Conselho Deliberativo que elege a Diretoria e são os sócios, todos, que elegem o Conselho. Ainda por ocasião da última Assembléia Geral perguntei a alguns sócios novos, mas com suficiente tempo de clube para exercer o direito de voto, por que se retiravam, e me responderam: “Isso não sei o

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ HANSEM, Guttorm. Mensagem aos novos sócios. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro, n. 299, mar/jun, 1973, p. 17.

que é...”, “Isso é política, não interessa...”¹¹⁷

Tudo isso evidencia o distanciamento que ia assolando, e cada vez mais, as diferentes gerações de esportistas. Mesmo no momento de reconhecer-lhes a habilidade, como foi na conquista do Paredão Roda Viva, fazia-se questão de ressaltar o papel dos mais velhos. Nesse caso, as suas sobejas realizações seriam presumivelmente impedidas, “não fosse a firme orientação recebida dos seus instrutores” (ver p. 48).

Nos anos seguintes, entre o fim dos anos 70 e início dos anos 80 esse conflito de gerações ganharia proporções de uma pequena batalha campal. A sistematização de concepções, que até aquele momento eram praticadas de maneira mais ou menos espontânea, exacerbaria as discordâncias a cerca do modo mais correto de fazer-se uma escalada. “Surge a idéia da escalada livre que é a formalização da idéia de que você sobe somente pela pedra, chegando ao cúmulo de propugnar a noção de que se usasse um grampo deveria voltar-se a base e fazer tudo novamente”.¹¹⁸

O principal nome nesse processo de sistematização e difusão de novas idéias é, sem dúvida, o de André Ilha. Mais ou menos nessa época, ele desenvolveu a noção de MEPA (Máxima Eliminação de Pontos de Apoio), que era uma espécie de equivalente brasileiro a noção de *First Free Ascent*, “utilizado na Inglaterra e nos Estados Unidos, países cujos escaladores da época promoviam uma revolução na escalada livre e apostavam corrida para ver quem eliminaria primeiro os pontos de apoio artificiais das suas próprias vias”. Com esta noção, “o objetivo era explícito: estimular os melhores escaladores a eliminar aqueles apoios remanescentes”.¹¹⁹

Em seguida, em setembro de 1983, André Ilha publicou o polêmico “Manifesto da Escalada Natural” que foi mimeografado na Pontifícia Universidade Católica, na Gávea, e distribuído em forma de panfleto entre os clubes de montanhismo da cidade. Segundo ele

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Silveira, op.cit.

¹¹⁹ FATOR 2. **Rio décimo grau**. Rio de Janeiro, n. 31, maio de 2007, p. 7.

próprio, essas idéias acabaram servindo como a “base teórica para o desenvolvimento da chamada escalada esportiva, que visa exatamente isso: a pureza de movimentos e a dificuldade técnica [...] foi uma alavanca muito forte para um desenvolvimento técnico brutal que teve a partir do início dos anos 80”.¹²⁰

Assim, com a formalização dessas idéias completa-se o ciclo de esportivização do montanhismo carioca. Sua coroação, seu deu, exatamente, pela idéia de uma “escalada esportiva”, uma espécie de formalização aguda dos ideais que começaram a germinar no final dos anos 50 e início dos anos 60. Poderia dizer-se que cada um dos traços presentes desde os primórdios desse processo fora levado às últimas conseqüências neste desfecho: a valorização da liberdade de movimentos, o gosto pela dificuldade técnica, a diminuição no uso de apoios artificiais e uma predileção por escaladas “externas”.

“Montanhismo” e Antônio Ivo Pereira

Todas essas mudanças na dinâmica interna do montanhismo foram importantíssimas para ajustar o esporte a uma nova estrutura de sentimentos. Assim, sua prática se tornava mais condizente com as demandas de uma sociedade que se alterava a passos largos. Há, porém, mais um aspecto influente nesse processo. Trata-se do surgimento de uma disposição para divulgar o montanhismo.

Nessa época alguns praticantes se envolveram intensamente em esforços que permitissem dar maior visibilidade pública para o esporte. Nesse sentido, as “outras contribuições” daquela geração de montanhistas dos anos 60-70 não se encerrariam ali. Tendo Pellegrini sempre à frente, iniciou-se, num primeiro momento, um processo artesanal de fabricação de equipamentos. As antigas cordas de sisal foram substituídas por cordas de nylon de fabricação nacional, numa alternativa aos modelos importados da

¹²⁰ ILHA, André. Entrevista ao autor em outubro de 2006.

Europa, que já circulavam pelo Brasil, mas que tinham um custo muito elevado. No mesmo sentido, fabricaram-se grampos – que são materiais que os montanhistas fixam na rocha para servir como ponto de ancoragem da corda e que servem a sua segurança em caso de queda. Mais do que tudo, imbuídos de uma vontade de divulgar e promover o esporte, o grupo de montanhistas do CERJ começou a realizar uma série de “demonstrações” do “esporte diferente” a fim de torná-lo menos estranho aos olhos dos leigos.

Já em janeiro de 1964 o CERJ realizara uma desescalada (técnica conhecida também como rapel) no Edifício São Borja, localizado na Avenida Rio Branco, em frente a Cinelândia. Mas uma das iniciativas mais espetaculares seria um rapel no Edifício Municipal, no centro da cidade, realizado à noite (em comemoração ao IV Centenário do Rio de Janeiro). O feito foi noticiado na capa do jornal O Globo, sendo a “descida de 90 metros em vão livre” reconhecida como “a mais alta já efetuada no país”. Segundo a reportagem, o arrojo e a segurança dos lagartixas – como costumavam ser chamados os montanhistas – foi realizado “sob aplausos da multidão”.¹²¹ Além do destaque as demonstrações de segurança, do uso de corda de fabricação nacional e de mosquetões produzidos pelo próprio Departamento Técnico do CERJ, falou-se também da sua repercussão. Segundo reportagem publicada na Edição Esportiva do mesmo jornal: “Foi uma espetacular demonstração de montanhismo, que atraiu a atenção de milhares de pessoas, que, emocionadas, acompanharam durante o tempo todo a descida dos arrojados lagartixas, tendo quase paralisado o trânsito no local”.¹²²

No ano seguinte, outras realizações dessa natureza se seguiriam, com um impacto cada vez maior. Ainda por ocasião do IV Centenário do Rio de Janeiro, o CERJ decidiu conquistar uma nova linha de escalada em homenagem ao aniversário da cidade, que

¹²¹ LAGARTIXAS na Cinelândia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1965, p. 1.

¹²² PEREIRA, Antônio Ivo. Lagartixas; “show” de arrojo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1965, Edição Esportiva, p. 2.

inclusive recebeu o nome de Paredão IV Centenário. A inauguração, no dia 15 de maio, contou com a presença da TV Rio e vários outros órgãos de imprensa. Durante a cerimônia de inauguração da via de escalada o presidente do clube a classificou como um “ponto de atração para os aficionados do esporte da montanha, e também a cidade com esta nova atração turística – visto que, sendo o local de escalada visível da Praia Vermelha, parte da Urca e de Botafogo, despertaria a curiosidade quando escalado”.¹²³

Nota-se alguma intenção no sentido de se fazer presente em lugares que possam ser vistos, e que dessa maneira, aumentem a curiosidade sobre o esporte. Na mesma época, para “promover o excursionismo”, a diretoria do CERJ organizaria ainda uma exposição fotográfica de material de acampamento e de escalada na praça central de Friburgo durante as comemorações do 147º aniversário da cidade, o que fora classificado como “um evento de grande sucesso”. Era um tipo de iniciativa que se tornaria mais ou menos regular nesse período.

No mesmo sentido, por ocasião do aniversário de um clube infantil de Laranjeiras, montanhistas do CERJ realizaram uma “demonstração montanhista” no Morro Dona Marta, “à luz de holofotes que tornaram a atividade perfeitamente visível”. A escalada, que “empolgou os moradores de Laranjeiras e Botafogo”, deu ensejo “a que se apreciasse um espetáculo fora do comum, impressionante para os não afeitos ao esporte diferente”.¹²⁴

Com os mesmos propósitos, em outubro de 1966, desceram a fachada do mais alto edifício de Campo Grande. A realização, que contou com apoio do Jornal do bairro, fazia parte de um conjunto de estímulos para a sedimentação do recém-criado Grupo Excursionista Campo Grandense.¹²⁵

¹²³ PEREIRA, Antônio Ivo. IV Centenário é caminho no céu. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1965, Edição Esportista, p. 4.

¹²⁴ PEREIRA, Antônio Ivo. Como se forma um montanhista escalador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1965, Edição Esportiva, p.4.

¹²⁵ PEREIRA, Antônio Ivo. Cassin é roteiro nas alturas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1966, Edição Esportiva, p.4.

Em 1968, outra aparição espetacular, dessa vez, ajudando mais de 120 turistas, com “muitas senhoras, crianças e pessoas idosas”, a descerem do Morro da Urca a pé por conta de um problema na roldana do bondinho. Em setembro do mesmo ano, vários clubes, particularmente o CERJ, participaram das comemorações da “Semana da Urca”. “Os guias cerjenses Giuseppe Pellegrini e Carlos Carrozino, efetuaram a conquista em descida de um paredão do Morro da Urca, realizando ontem, no citado, uma demonstração de descida com feridos acompanhada por centenas de pessoas, com vivo interesse”.¹²⁶

Tudo isso vai evidenciando um desejo que se fazia presente entre alguns montanhistas daquela época de entabular estratégias que permitissem demonstrar e divulgar para o conjunto da população o fascínio, os atributos e as qualidades do esporte diferente. “Na cidade, as demonstrações de segurança efetuadas nas espetaculares escaladas de altos edifícios têm servido de propaganda e incentivo do montanhismo”.¹²⁷

Nesse sentido, além das demonstrações realizadas pelos sócios do CERJ, a aparição pública de outros esportistas também reiterava esse processo. Membros do Clube Excursionista Light, por exemplo, começaram nessa época a colaborar com pesquisas na exploração de grutas e cavernas, o que lhes garantia alguma presença na imprensa. Do mesmo modo, as viagens internacionais de Ricardo Menescal, desde os anos 50, também recebiam certa cobertura.¹²⁸

Essas aparições permitiam – ainda que de maneira um tanto sutil – que todo o universo esportivo do montanhismo fosse vislumbrado por uma quantidade maior de pessoas. Num país onde tal prática não figura entre as mais populares, sua retratação pública talvez pudesse se transfigurar num estímulo ou num apelo para a atração de novos

¹²⁶ PEREIRA, Antônio Ivo. Lições do montanhismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1968, Edição esportiva, p.4.

¹²⁷ PEREIRA, Antônio Ivo. C.E. Rio de Janeiro: 27 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1966, Edição Esportiva, p.4.

¹²⁸ Por exemplo: NOVA CONQUISTA... de Ricardo Menescal: marco andino do IV Centenário. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1965, p. 13.

adeptos. Ainda mais numa ambiência em que vários praticantes se mostravam dispostos a trabalhar pela promoção e divulgação do esporte. Domingos Giobbi, por exemplo, sócio-fundador do Clube Alpino Paulista (1959), interagiu e se integrou plenamente a este processo, talvez de forma até mais intensa.

Filho de italianos dividiu o tempo da juventude entre São Paulo e os Alpes de Lombardia, onde ingressou no Clube Alpino Italiano, travando contato com grandes nomes do esporte das montanhas como Ricardo Cassin e Walter Bonatti. No Brasil, além da fundação de um clube em São Paulo, viajou regularmente a Cordilheira Andina onde fez mais de 25 conquistas (quase todas no Peru). Ganhou notoriedade nas redes esportivas internacionais e recebeu muitos prêmios e títulos, entre os quais o título de “Acadêmico de Montanha”, prêmio “almejado por mais de 140.000 alpinistas de alto gabarito”, o que lhe colocava como integrante da “nata do alpinismo mundial”.¹²⁹

Tal posição também lhe garantia, em contrapartida, uma presença e algum reconhecimento na grande imprensa brasileira. Além de publicar artigos em veículos especializados internacionais como *The American Alpine Journal*, *Berge Der Welt*, *The Mountains World*, *Del Corriere* ou *Andisnismo Peruano*, passou a figurar ocasionalmente em jornais como a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo e em revistas como Fatos e Fotos, Visão, O Cruzeiro, Manchete ou Revista Geográfica Universal. Provas dos resultados dessa dinâmica podem ser vislumbradas pela maneira como algumas gerações posteriores se socializariam com o esporte.

Acredito que, mesmo inconscientemente, a idéia de um dia escalar montanhas começou quando ainda era criança. Lembro que, ainda pequeno, eu me deliciava ao ver fotos publicadas com destaque pela revista Manchete, das expedições que o alpinista brasileiro Domingos Giobbi fazia à cordilheira dos Andes. O branco das neves, a beleza selvagem das montanhas, as roupas volumosas e coloridas, aquelas fotos transmitiam uma grande e gostosa sensação de liberdade e aventura, que me fascinava.¹³⁰

¹²⁹ PEREIRA, Antônio Ivo. O internacional Giobbi. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 de junho de 1969, Edição Esportiva, p.4..

¹³⁰ BRANDOLIM, Thomaz. **Everest: viagem à montanha abençoada**. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 92.

No mesmo sentido, a criação de uma coluna semanal sobre montanhismo no jornal O Globo também desempenhou importante papel. Conduzida por Antônio Ivo Pereira a partir de 1964, a coluna intitulada “Montanhismo” era publicada às segundas-feiras na Edição Esportiva do periódico. Tornou-se um veículo de divulgação dos acontecimentos do mundo da montanha, constituindo-se como um espaço potencial para a tradução e decodificação dos costumes, hábitos e peculiaridades do montanhismo para a população em geral, os chamados leigos. Tratava-se de divulgar o esporte para um público maior e mais amplo que o das pequenas confrarias de montanhistas cerrados nos seus respectivos clubes.

No esforço de tradução publicavam-se regularmente explicações de ordem técnica, como as diferenças entre “Chaminés e fendas” ou sobre o melhor calçado para a prática do montanhismo. Do mesmo modo, tentava-se explicar “o que eram os refúgios” ou “o que era o excursionismo”. Falava-se da história dos clubes, seus idealizadores e suas principais realizações. Mencionavam-se também as qualidades que deveria ter um bom e verdadeiro montanhista, bem como a maneira pela qual se formavam. Divulgava a agenda dos clubes, as excursões que seriam realizadas ou os eventos que aconteceriam em suas sedes. Falava ainda sobre os sentidos de ser um montanhista e do código disciplinar que deve lhes acompanhar, a sua ética.

Mas eram os apelos quanto às virtudes e qualidades da prática do montanhismo que mais se destacavam, constituindo-se numa espécie de convite para experimentar os prazeres da montanha. Aqui, falava-se das vantagens morais de integrar-se a um esporte marcado pelo companheirismo e pela solidariedade, apresentando os atrativos e as belezas da prática do montanhismo. Numa das primeiras colunas se lê:

Alguém disse... e se consegue, afinal, a glória de se conseguir num grande olhar uma fascinante paisagem! Esta seria, talvez, a lei da compensação do escalador. Mas a verdade é que existe muito mais. O montanhismo é um complexo de esforços e durezas, ensino e belezas. Em nenhum outro desporto o seu praticante está tão sujeito às mesmas. Divulgá-lo não é fácil, pois descrevê-lo ainda menos... Talvez diga melhor

uma vista do Vale dos Lírios, em Itatiaia [...] Então... um convite a quem nunca viu o “Panorama do Alto”!¹³¹

No mesmo sentido, sublinhava com frequência a possibilidade de que só a prática do montanhismo permitiria apreciar o alvorecer, tido como “um dos espetáculos mais fascinantes”, “um dos maiores encantos do montanhismo”, “um privilégio dos que, fugindo ao ar viciado e ruídos enervantes da cidade, buscam no seio da natureza, paz e elevação do espírito”. Na sequência, prosseguindo com a exaltação do esporte se lê:

Na montanha não existe tempo para pensar em política, desigualdade social ou racismo. Todos são irmãos que procuram o mesmo objetivo além do esporte: admirar a natureza. Ninguém mais do que ele está em contato tão direto a nós. Quem melhor teria visto algum dia o nascer ou a despedida do rei dos astros? Quem, com mais frequência respira um ar tão puro e bebe a mais límpida das águas? Quantos já tiveram oportunidade de contemplar as flôres da alta montanha?¹³²

Todas as virtudes do esporte se potencializam diante das circunstâncias da vida moderna. O montanhista, um dos únicos remanescentes capazes de contemplar ternamente a beleza da natureza, é também “o único a ver de perto o longínquo horizonte azul”. Nesses termos, era como se o montanhismo fosse um “brado de alerta contra o ambiente citadino”.

Hoje, em plena era vertiginosa dos foguetes na conquista do cosmo, o homem se vê a braços com a mais trepidante fase da vida que jamais foi submetido. Mergulhando num incrível caleidoscópio de febril atividade, que geram as tensões, neuroses e depressões nervosas, tornando-o passível de males os mais estranhos. Nesta hora de evolução tecnológica, o contato com a natureza e reencontro do homem com o seu próprio “ego”, tem no montanhismo o seu denominador comum.¹³³

Com a chegada do outono, um instinto de evasão nos impele para o seio da natureza, fugindo ao viciado, à vida mecanizada, aos ruídos da cidade. O homem da cidade, em contato com a natureza, sem modificar seu sistema de vida, aumenta seus conhecimentos e aprende a dar às coisas seu justo valor. Este contato faz conhecer-nos melhor e aos nossos semelhantes. A vida em contato com a natureza é uma escola de coragem, de vontade e de energia. Vê-se quem valem, quem se esforça e quem fracassa. Quem ajuda os companheiros e quem é imprestável. Quem trabalha tenazmente e quem está sempre cansado. Na vida em comum do excursionismo, conhecem-se rapidamente os companheiros através do caráter, da sensibilidade, da generosidade e do retraimento. Na vida agitada das cidades, isto seria impossível ou levaria muito tempo. O excursionismo, criando um sentimento de solidariedade, remove certas barreiras convencionais [...] A alegria e o bom-humor são companheiros

¹³¹ PEREIRA, Antônio Ivo. Panorama visto do alto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1964, Edição esportiva, p. 11.

¹³² PEREIRA, Antônio Ivo. Madrugada na Serra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1965, Edição Esportiva, p. 2.

¹³³ PEREIRA, Antônio Ivo. Montanhismo: escola de vida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1965, Edição Esportiva, p.4.

inseparáveis dos excursionistas. Vêm com o ar das montanhas, com o rumor das cascatas, com a luz do luar.¹³⁴

O montanhismo também conhecido como “esporte diferente” é o mais perfeito método de Higiene Mental. Encerramento de ouro para uma semana atribulada de preocupações e problemas rotineiros, trabalhos e formas domésticas, a fuga das mecanizações humanas, cercados de máquinas, engrenagens e instrumentos diversos, o cheiro acre de óleos e gasolinas e toda espécie de poluição no ar. Grupos se formam com a finalidade de aproximar-se da magna dádiva da natureza.¹³⁵

São muitas as representações nesse sentido e seria desnecessariamente exaustivo continuar reproduzindo-as aqui. Importa sublinhar que tudo isso parecia mesmo uma estratégia intencional de convencimento sobre as vantagens de se praticar o montanhismo.

Além dos textos e explicações oferecidas através da coluna, montanhistas também passaram a organizar algumas ações mais concretas na divulgação do esporte. Uma delas eram as “excursões públicas de propaganda”, caminhadas promovidas periodicamente pelo jornal O Globo com fins de apresentar aos interessados o “esporte diferente”. Com o lema “caminhar é viver”, eram tidas como “oportunidades de se conhecer o montanhismo”; “atividade de alto interesse na propaganda do montanhismo”. Essas excursões eram divulgadas na coluna “Montanhismo”, na seção “Rio de bairro em bairro” (do mesmo jornal), além do Rádio e TV Globo. Algumas delas chegaram a contar com mais de trezentos participantes.¹³⁶

Outra iniciativa, que de certa forma também passou pelo crivo da coluna “Montanhismo”, foi a criação de uma Federação Carioca de Montanhismo. A intenção era fazer com que “o esporte diferente” fosse visto e reconhecido como um esporte de fato, projetando-o no cenário esportivo nacional e permitindo-lhe alcançar “o lugar que merece, como em outros países foi conseguido”.¹³⁷

¹³⁴ PEREIRA, Antônio Ivo. O que é excursionismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1965, Edição Esportiva, p.4.

¹³⁵ PEREIRA, Antônio Ivo. Higiene Mental. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1968, Edição Esportiva, p. 4.

¹³⁶ PEREIRA, Antônio Ivo. Multidão no Pico da Tijuca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1966, Edição Esportiva, p.4.

¹³⁷ PEREIRA, Antônio Ivo. Caparaó mais perto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1969, Edição

Desde os meados dos anos 60 iniciou-se uma mobilização nesse sentido. Ainda em 1963, o então governador Carlos Lacerda sugeriu a montanhistas do CERJ e do CEC, que lhe homenageavam numa atividade no Pico da Pedra Branca, que realizassem o I Congresso Brasileiro de Excursionismo e criassem uma Convenção de Clubes Excursionistas para decidir a forma de participação dos esportistas nas comemorações dos 400 anos da cidade. Cogitou-se então a criação de uma Federação Carioca de Excursionismo, que nunca aconteceu.¹³⁸ Mas com a regularidade e o relativo sucesso da coluna “Montanhismo”, para onde convergiam todas as informações e notícias do montanhismo carioca, reaparece com força a idéia de uma instituição que, tal como a coluna, concentrasse os interesses e os esforços dos montanhistas da cidade.

Nessa época, realizaram-se as primeiras reuniões na sede do CEB que contaram com a presença de representantes dos principais clubes de excursionismo da cidade. Em meados de 1966 uma Federação Carioca de Montanhismo já havia sido fundada, mas funcionava extra-oficialmente. Dali em diante o principal desafio seria torná-la uma instituição reconhecida pelos órgãos responsáveis pelo controle do esporte, principalmente o Conselho Nacional de Desportos (CND).

Segue-me mais uma série de reuniões para a discussão do projeto de estatuto a ser enviado ao órgão regulador e em 29 de julho de 1968 sua fundação foi retificada. Na ocasião, Fernando Parga Nina assumiria sua presidência e Antônio Ivo Pereira sua direção. Com o objetivo de “superintender a prática do montanhismo, promovendo e difundindo sempre seu caráter amadorista e não competitivo”¹³⁹ a entidade foi reconhecida em julho de 1969, quando da homologação do parecer número 7/69 do CND que aprovava o estatuto

esportiva, p.4.

¹³⁸ CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. n. 277, ago/set., 1963.

¹³⁹ PEREIRA, Antônio Ivo. Pedra selada: a montanha esquecida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1968, Edição Esportiva, p.4.

da Federação.¹⁴⁰

Uma das principais dificuldades nesse processo de homologação parece ter sido a confirmação da tese de que “montanhismo é realmente atividade esportiva”.¹⁴¹ Nesse sentido, não surpreende que a coluna “Montanhismo” tenha, nesse período, publicado vários textos no sentido de reafirmar a sua esportividade. Em um deles se vê:

A prática esportiva compreende em síntese a competição e seja entre indivíduos, como no atletismo, a natação, o ciclismo, etc., ou entre equipes, o futebol, o basquete, o vôlei e outras. Em quase todos os esportes há também o espetáculo da sua apresentação. São embates que podem ser apreciados até por milhares de pessoas que se empolgam com seus lances e estimulam os protagonistas com suas torcidas. Portanto o interesse é enorme e dá farto material para as seções esportivas [...] NO MONTANHISMO É DIFERENTE – Ora, aqueles que aceitam o “desafio da montanha”, enfrentando-a na aspereza das encostas rochosas ou no âmago das florestas, vencendo distâncias e alturas [...] Praticam realmente o esporte [...] Inexiste a competição entre os seus aficionados porém sobreleva a montanha como grande adversária e amiga ao mesmo tempo.¹⁴²

Por fim, poderíamos ainda mencionar episódios mais pontuais, mas que também se articulavam com todo esse processo de difusão, promoção e divulgação do montanhismo, e mais ainda, no montanhismo enquanto atividade esportiva.

Em meados dos anos 70 a Revista Manchete passa a publicar reportagens em que o alpinista italiano Walter Bonatti relatava suas viagens de aventura ao redor do mundo. Um pouco antes, em 1972, um grupo de austríacos esteve no Brasil para tentar escaladas no Pão de Açúcar. A imprensa carioca deu bastante destaque para o episódio e a atuação dos estrangeiros parece ter mesmo chamado atenção da população, que “observava tudo com olhos atentos”. Em decorrência, montanhistas foram convidados a participarem de um programa na TV Tupi, onde deram maiores informações sobre a presença dos austríacos e sobre os sentidos do esporte de um modo mais geral. No boletim do Centro Excursionista Brasileiro fez-se referência ao assunto, de modo um tanto irônico.

¹⁴⁰ No Diário Oficial da União de 23 de julho de 1969, página 6270, Parte I, Seção I, figura o despacho do Ministro da Educação e Cultura que homologa o parecer número 7/69 do Conselho Nacional de desporto, aprovando o Estatuto da Federação Carioca de Montanhismo e vinculando-o, diretamente, ao CND.

¹⁴¹ Pereira, 11 de agosto de 1969, p. 4.

¹⁴² PEREIRA, Antônio Ivo. O esporte diferente. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1970, Edição esportiva, p. 8-B.

Antes dos austríacos, apenas meia dúzia de brasileiros fazia escalada. Antes deles terem terminado a conquista, já éramos 100 milhões de escaladores! Todo mundo entende do esporte do Barroso. E as vedetes? Ah! As vedetes! Saíram da toca. Como deixar passar a oportunidade de aparecer na televisão? Espetáculo circense! Nessa hora não imitaram os vienenses. Compareceram ao estúdio de TV fantasiados de escaladores, dos pés à cabeça! Houve dois garotos que se apresentaram de cuia na cabeça, só porque os estrangeiros usaram capacetes na escalada. Velhos escaladores, cheios de bolor, aproveitaram a chance de se exibir.¹⁴³

Em 1975, outro grupo de austríacos esteve no Brasil para mais escaladas, dessa vez, no Corcovado. A revista Geográfica Universal acabou oferecendo reportagem de capa para o assunto na sua edição de julho.¹⁴⁴

Em conjunto, esses acontecimentos expressam sensíveis mudanças. A primeira, em que se nota a constituição do montanhismo como um fenômeno cujo alcance e visibilidade passam a ser um pouco mais abrangente. Sua ênfase enquanto ritual coletivo encerrado em si mesmo, onde apenas pequenos grupos reafirmam suas identidades, vai dando lugar a uma dimensão mais tangível aos grupos externos ao seu universo. Em outras palavras, o montanhismo vai se tornando acessível para além dos círculos dos iniciados. Graças ao relativo exibicionismo oferecido pelas escaladas externas e pela visibilidade permitida por meio da exposição do esporte nos meios de comunicação de massa, sobretudo jornais e revistas, muda a imagem pública do esporte. De um passatempo extravagante vai se constituindo num esporte interessante. A regularidade da exposição do montanhismo em jornais e revistas de grande circulação parece ter contribuído decisivamente para essa transformação.

Americanização

Temos aí um quadro curioso. Os dois grupos que se enfrentavam na época colaboraram, cada um a sua maneira, com o início de uma progressiva popularização do

¹⁴³ PAREDÃO, Zé. Austríacos e brasileiros. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. n. 296, set./out., 1972, p. 14.

¹⁴⁴ REVISTA GEOGRÁFICA UNIVERSAL. **O fascínio do alpinismo**, Rio de Janeiro, n.10, julho 1975, p. 38-47.

montanhismo. O fizeram por caminhos diferentes, certamente, mas de uma forma que, em seu princípio, resultou num mesmo fato.

Uns pretendiam um montanhismo “mais fácil” que deveria ser, numa só expressão, “um esporte para todos”. Tentavam assegurar a permanência de certas tradições que se acreditavam capazes de garantir a concretização desse projeto. Outros, por seu turno, se empenhavam no aprimoramento técnico do esporte, favorecendo desafios cada vez mais exigentes. Vimos que esse último entendimento culminou com a sistematização de uma “escalada esportiva”.

Curiosamente, o grupo que representava o oposto disso também acabou se envolvendo, em maior ou em menor grau, num processo de esportivização do montanhismo através da criação de uma Federação. Com efeito, ambas as tendências colaboraram – até mesmo através de seus antagonismos – com a consolidação de uma “outra maneira de escalar”.

Uns através da concretização de princípios esportivos que tornavam o montanhismo mais adequado aos valores e aos quadros mentais da época, buscando contato direto com a natureza ou vivências corporais mais intensas e desafiadoras. Outros se mobilizaram para dar visibilidade ao esporte nos meios de comunicação tentando atrair o maior número possível de novos adeptos ou atuando na sua modulação como prática especificamente esportiva. Pessoas com convicções muito diferentes sobre o que deveria ser o verdadeiro montanhismo chegaram a colaborar entre si, participando desta ou daquela iniciativa, talvez sem se dar conta da polarização que se abatia sobre eles.

As mudanças referentes a essas outras maneiras de escalar fazem parte de um quadro geral mais abrangente e que diz respeito a um conjunto de rupturas, disputas e transformações colocadas em marcha no plano internacional desta comunidade esportiva. É como se os episódios do Rio de Janeiro fossem mais um capítulo de uma longa história

que se desenvolvia simultaneamente em várias partes do mundo. Em verdade, trata-se de mudanças que integravam e correspondiam a um processo análogo e equivalente vivenciado em outros países, sempre no sentido de fazer com que as pressuposições do período anterior deixassem de ser válidas.

Nesse ponto, devemos assinalar que o sistema de organização e funcionamento institucional do montanhismo como um todo é marcado pela solidez. Os muitos anos de existência dos seus clubes faz com que mudanças de conduta sejam difíceis em seu interior. O forte sentimento de pertencimento comunitário que o esporte pode oferecer exige, em contrapartida, um grande comprometimento com relação ao cumprimento de normas e convenções rigidamente arraigadas e propugnadas entre os escaladores.

Isto pressupõe um intenso trabalho de legitimação. Hábitos e costumes são fecundamente reproduzidos a fim de salvaguardar e difundir alguns valores e concepções. Provavelmente por isso, tem-se, no montanhismo, um amplo e complexo conjunto de diretrizes comportamentais que devem ser seguidas.

O alpinismo apresenta a particularidade notável de ser um esporte sem regulamento e sem árbitro (pelo menos até estes últimos anos), o que implica o costume de dispor de princípios éticos suscetíveis de guiar e determinar “a boa maneira de realizar escaladas”. A história do alpinismo é assim permeada por debates e pela pergunta sobre os seus princípios ou, para dizê-lo diferentemente, por um trabalho coletivo de produção e legitimação ética.¹⁴⁵

Jon Krakauer, comentando a mesma dinâmica afirma, na mesma direção:

Ao esporte de escalar montanhas faltam sensivelmente órgãos formais que o administrem, e regras oficiais. Apesar disso – ou, talvez, por causa disso –, a comunidade muito fechada de montanhistas americanos reconhecidos como tais sempre emitiu forte juízo acerca da forma como o esporte deve ser praticado, exercendo uma insidiosa pressão corporativista para persuadir os escaladores a enquadrar-se nesse juízo.¹⁴⁶

Ao mesmo tempo, essa “força tremenda exercida pela comunidade” não se estabelece inequivocamente. Há permanentes disputas no sentido de redefinir qual tipo de prática de montanhismo pode ser considerada autêntica. Assim, temos no montanhismo

¹⁴⁵ HOIBIAN, Olivier. De l'alpinisme à l'escalade libre: l'invention d'un style? **Staps**, Paris, v. 995, n. 36, p. 8.

¹⁴⁶ Krakauer, 1999, p. 37.

uma modalidade que não contraria o entendimento que vê nos esportes um espaço relativamente autônomo, aonde diferentes grupos disputam posições entre si a fim de garantir seus interesses particulares. Ao contrário, neste esporte isso parece ser particularmente verdadeiro.

Nesse quadro associativo, eivado de tensões, o surgimento de novas concepções de escalada a partir dos anos 60, em nível mundial, foi acompanhado por novas divergências. A singularidade é que a partir daí, as diferenças seriam cada vez mais flagrantes abrindo-se franco debate entre as duas visões de mundo. Ambas pretendiam se estabelecer como as mais autênticas, e impôs-se um antagonismo declarado entre as distintas concepções de esporte no momento de definição da modalidade mais legítima de escalar.

O nível de discordância entre uma e outra concepção foi tão grande que alguns analistas já disseram que a escalada esportiva é “uma nova modalidade de montanhismo”. Essa “nova modalidade” pode mesmo ser descrita como uma crescente autonomização da escalada em rocha face ao montanhismo em geral (que compreende outras formas de se subir a montanha, como o trekking, por exemplo). A escalada livre, nas palavras de Eric Léséleuc, “vem de uma prática autônoma cujo objetivo já não era o de se preparar para a montanha”.¹⁴⁷ Era como se a escalada na rocha deixasse de ser um simples treino para as altas montanhas e se constituísse num esporte com vida própria, o que se concretizaria, de maneira inequívoca, ao longo dos anos 80. O resultado da supremacia dessa forma particular de relacionar-se com o esporte é a sua própria esportivização. Não por acaso, no momento em que essas tendências começam a se manifestar no Rio de Janeiro, coincide com o momento em que se cria uma Federação Carioca de Montanhismo.

Em muitos países que se submeteram a esse processo de esportivização, intensos conflitos no nível de sua oferta institucional foram estruturados. Nesse caso, as lógicas

¹⁴⁷ LÉSÉLEUC, Eric de. Etnografía de un acantilado: territorialidad en la práctica de la escalada contemporánea. **Lecturas**. Buenos Aires, año 9, n. 60, may. 2003. Disponível em: www.efdeportes.com

associativas mais tradicionais seriam cindidas, opondo-se diferentes concepções políticas da gestão das suas práticas. Foi esse o caso da França, onde se fundou uma federação dedicada exclusivamente à escalada – e não ao montanhismo – no que pode ser visto como um marco da culminância desse processo de supremacia e dissidência da escalada frente a outras concepções de montanhismo.¹⁴⁸

Minha hipótese é que essa nova estrutura de conflitos gerida nos anos 60 e 70 seja, além de um esforço de adequar o esporte a novas demandas e sensibilidades que se desenvolviam nas cidades, o reflexo de um deslocamento das tradições do mundo do montanhismo em direção aos Estados Unidos. Pois, apesar da França ter protagonizado o desfecho dessas mudanças (com a criação de uma federação de escalada), o papel desempenhado pelos norte-americanos foi sensivelmente mais relevante na construção de todo o processo, cuja Federação Francesa é apenas o desfecho. Era como se escaladores norte-americanos tivessem protagonizado mais enfaticamente mudanças na direção do que mais tarde seria reconhecido como escalada esportiva. Para eles, tais convicções seriam vivenciadas de maneira um tanto mais intensas. Mais ainda, eles a experimentariam como um princípio.

Segundo Dave Cook: “Há vinte anos atrás, a ética inglesa de escalada livre quando foi introduzida nos Estados Unidos, com um impacto fortemente aumentando, ajudou a liberar a escalada de rocha da Europa Ocidental do seu status inferior – como um mero treino para as montanhas”.¹⁴⁹ Seguindo as indicações de Cook, os Estados Unidos foram os principais responsáveis pela liberação da escalada em rocha de seu *status* menor, até mesmo na Europa. De acordo com a sua argumentação, foram os americanos quem produziram uma escalada em rocha que já não era encarada “como um mero treino para as montanhas”, isto é, dotando a escalada em rocha como uma atividade que valesse como um

¹⁴⁸ GLORIA, Aurélien; RASPAUD, Michel. Émergence des compétitions d’escalade en France (1980 – 1987): genèse d’une offre fédérale. **Staps**, Paris, n. 71, p. 99-114, 2006/1.

¹⁴⁹ COOK, Dave. Vive la différence. **Mountain Voices**. São Paulo, ano 5, n. 25, nov./dez., 1994, p. 10-11.

esporte por si mesmo. Ao mesmo tempo, tal processo diz respeito a ampliação de uma ética da escalada livre herdada dos ingleses, num ininterrupto fluxo e contra-fluxo de idéias e concepções.

Nesse sentido, destacar o protagonismo dos Estados Unidos com relação aos novos modelos esportivos que se constituíam no Brasil e no mundo não é o mesmo que dizer que os padrões típicos da cultura esportiva norte-americana governaram inequivocamente os novos rumos e tendências comportamentais do montanhismo. Até porque os fortes vínculos que a mentalidade esportiva do montanhismo tem estabelecido com o continente europeu não se esgarçariam de maneira tão rápida e abrupta.

Quando enfatizo um protagonismo norte-americano na modulação de novos campos esportivos, inclusive no montanhismo, quero chamar atenção para o fato de que a partir desse momento houve uma nova combinação de influências que difere da anterior, onde a incorporação das concepções inventadas nos Estados Unidos será um traço definidor. A tradição de escalada norte-americana – que é ela própria uma alteração de tradições européias – vai se acomodar e se combinar fabricando novos produtos culturais, que em relação àquelas antigas tradições, estabelecem uma confluência de fatores que incorpora novos agentes, sem com isso abdicar dos antigos. E como as tradições esportivas estabelecidas no montanhismo dizem respeito, quase sempre, a símbolos e valores do mundo europeu ter-se-á, portanto, uma nova estrutura de conflitos.

Aqui, deve-se dizer que esta concepção norte-americana a que estou me referindo está ligada a chamada “geração de ouro do montanhismo americano”. Esta geração criou formas de se relacionar com o esporte que divergiam consideravelmente daquele modelo alpino europeu. Em primeiro lugar, porque a sobriedade e a atmosfera heróica, marca do alpinismo¹⁵⁰, fora substituída por um jeito mais irreverente de ser. Essa forma de expressão

¹⁵⁰ Michel Tailland [L'Alpine Journal, une revue savante entre maintien de la tradition et tentation du

parecia mais adequada aos padrões de sociabilidade da época, mais próximo das expectativas e dos valores do mundo jovem que se formava e se difundia ao longo dos anos 60. O comportamento, o linguajar e até as roupas anunciava uma irreverência que se afastava das gélidas e sóbrias tradições do montanhismo europeu.

Destacar esses elementos pode parecer frívolo e insignificante, mas à luz das estratégias de reprodutibilidade dos valores morais (e institucionais) do montanhismo, tais posturas assumem uma outra dimensão. O simples fato de abdicar do uso das roupas e equipamentos tradicionalmente associadas ao montanhismo nos Alpes (o alpinismo) já se constitui numa abrupta recusa. Christian Pociello comenta da seguinte maneira um fenômeno análogo, e que serve para ilustrar tais dinâmicas:

Um respeitado especialista, a quem se perguntava o que mudara – verdadeiramente – no registro particular das práticas culturais normalmente incluídas entre as atividades físicas e de lazer de caráter esportivo, respondia laconicamente: “O que muda? São as cores!...” Ele queria ressaltar, sem dúvida, a importância que adquirem daqui por diante os adornos coloridos do vestuário que enfeitam o gesto lúdico e esportivo. Desde então, o corpo, em jogo, seria exposto à visão, “produzido”, e ter-se-ia mudado de registro de expressão: o esporte é belo e, em todo caso, é mais alegre!... E é verdade que a suavidade dos tons pastéis, a alegria das cores claras ou a acidez das fluorescentes suplantaram, em menos de vinte anos, os macacões que se impunham, então, em conformidade com as obrigações de um trabalho esportivo feito de forma austera.¹⁵¹

Para se ter idéia do quão isto pode ser significativo, basta falar que montanhistas brasileiros, durante muito tempo, escalavam sob tórrido calor tropical com gorros de lã e casacos.

Na época [1981] queríamos ser como os montanhistas europeus, eu tinha na cabeça a figura clássica de um alpinista tirolês. Eu usava calças com bainha um palmo abaixo do joelho, o resto da perna era coberto com meião colorido. Como eu não tinha as botas rígidas, próprias para a neve e gelo que eu considerava boas para o Brasil, improvisei um par de botas de motociclista, que aliás, até proporcionavam boa aderência. Usava ainda camisas de gola com mangas compridas e gorros de lã. Isso

modernisme 1863-2004. **Colloque une montagne de journaux, des journaux de montagne**, La Garde, n. 10, p. 29-49, 2004] destaca a encadernação da revista institucional do clube alpino de Londres como uma marca e expressão da austeridade desejada por aquela instituição. As revistas se apresentavam (e se apresentam ainda hoje, salvo algumas modificações) sob uma cobertura encaixotada azul pálida que continuará a ser a mesma do número 1 ao número 1863 (de 1969).

¹⁵¹ POCIELLO, Christian. Desafios da leveza. In: SANT'ANNA, Denise (org.). **Políticas do corpo**. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 115.

para se usado na cidade do Rio de Janeiro!¹⁵²

Ser montanhista era incorporar a maneira pela qual os alpinistas europeus eram representados em fotos e livros. Ou seja, era usar as roupas que eles usavam e escalar da maneira como eles escalavam. À luz desse quadro geral, a noção de escalada livre e sua formulação conceitual (MEPA) representava para os não-partidários mais do que uma maneira diferente de escalar. No limite, tais concepções representavam todo um novo sistema de referências que tinha seu modelo principal, basicamente, nos Estados Unidos e não tanto na Europa.

Para a maioria dos montanhistas da época tratava-se de uma ruptura grande demais, “um passo maior do que as pernas”. Não por acaso, para a realização dessas transformações foi preciso uma série de mudanças, lentas, progressivas e cumulativas, e que passaram sob a égide de duas ou três gerações de esportistas, e que ainda assim, tiveram que, ora mais ora menos, adequá-las a condições estruturais pré-existentes na figuração do esporte na cidade. Só nos anos 80, junto com o “Manifesto da escalada natural” é que vai se perceber mais explicitamente uma cisão. Surgem os “guias profissionais” e as “escolas de montanhismo”, que são canais de socialização no universo do montanhismo que, pela primeira vez na história do esporte na cidade, não se submetem as estruturas institucionais dos clubes. São autônomos, “independentes” e nesse sentido, vinculam idéias bastante diferentes daquelas que circulam no interior dos clubes.

De certo modo, tudo isso se relaciona com o aumento da influência das concepções norte-americanas. Um dos episódios comumente mencionados como a pedra de toque no desenvolvimento deste novo entendimento do que deveria ser o montanhismo é a presença no Rio de Janeiro de David Austin, um escalador dos Estados Unidos que viveu na cidade no início dos anos 80. David já havia convivido com alguns dos nomes mais celebrados da

¹⁵² FARIA, Antônio Paulo. **Montanhismo brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro: Montanhar, 2006, p. 249.

“geração de ouro do montanhismo americano”, especialmente os lendários escaladores do acampamento quatro do Parque Nacional de Yosemite, a “Meca da escalada em rocha no mundo”.

Esse grupo de escaladores, que de certo modo David integrava, talvez num segundo ou terceiro escalão, foram os principais responsáveis pelo amplo espectro de mudanças na forma de se praticar e de se relacionar com o montanhismo. Eram os principais “mentores espirituais”¹⁵³ da geração de ouro da escalada americana. Eram da “geração yosemítica”.

Nos anos sessenta, o Vale de Yosemite na Califórnia se converte no centro do universo da escalada em rocha. Aqui os jovens inconformistas se refugiam, deambulam e gastam suas energias escalando as grandes paredes e fissuras virgens do Vale. Entre estes “inadaptados” se encontram alguns dos melhores escaladores do mundo, que moldam o futuro do esporte.¹⁵⁴

Os escaladores yosemíticos, ao invés da importação européia de técnicas e idéias, criaram novos materiais.

Obstáculos apresentavam todo um conjunto de problemas com poucos precedentes; obviamente, Yosemite precisaria um novo estilo de escalada. Qualquer um que quisesse subir por uma parede grande do Vale teria que escalar de primeiro entalando em fissuras, inventar material especial para fissuras bastante imperfeitas e idealizar um modo içar grandes cargas pelas paredes quentes e quase verticais [...] Ao ver que o material de então não era adequado para escalar no Vale, uns visionários inventaram algumas ferramentas importantes¹⁵⁵.

Nesse processo, destaca-se o nome de Yvon Chouinard que, desde o final dos anos 50, fabricava e vendia novos materiais de segurança, destinados especificamente à escalada em rocha. Além das motivações de ordem econômico-financeira, tem que se considerar que as demandas geográficas da escalada em Yosemite exigiam equipamentos muito específicos e diferentes daqueles produzidos na Europa.

Fabriqueei meus primeiros pitons com peças inoxidáveis de cromo-molibdênio de uma velha colheitadeira¹⁵⁶, e TM Herbert e eu os utilizamos nas primeiras ascensões da Lost Arrow Chimney e da face norte do Sentinel Rock, em Yosemite. Aqueles pitons mais rígidos e resistentes eram ideais nas fissuras de Yosemite, frequentemente

¹⁵³ É assim que Pat Ament, membro dessa geração, se refere a Royal Robbins em sua biografia. Ver AMENT, Pat. **Royal Robbins: el espíritu de una época**. Madrid: Desnivel, 2003.

¹⁵⁴ ROPER, Steven. **Campo 4: recuerdos de un escalador de Yosemite**. Madrid: Desnivel, 2002.

¹⁵⁵ Ibid., p. 14.

¹⁵⁶ Na versão em espanhol, que estou utilizando para esse trabalho: “aspa de acero al cromo-molibdênio de una vieja cosechadora”.

frágeis, e podendo extraí-los e voltar a usa-los outra vez [...] comecei a vende-los a 1,50 dólares. Os pitons europeus valiam 20 centavos, mas para fazer as rotas vanguardistas que nós estávamos fazendo não havia outro remédio senão contar com meu novo material¹⁵⁷.

Esses novos materiais vão permitir que o processo de colocação de mecanismos de proteção para os escaladores, antes, um processo longo e cansativo, passasse a ser executado muito mais rapidamente e com um dispêndio de energia muito menor. Evidentemente, essa mudança torna a escalada mais atraente, na medida em que menos tortuosa. No Brasil, segundo o relato de Marcos da Silveira, novos equipamentos permitiam escalar “mais leve” e “mais rápido”. Segundo ele, a escalada deixava de ser um ato heróico e passava a ser um ato lúdico, uma brincadeira.¹⁵⁸

Nesse caso, temos um exemplo claro do tipo de protagonismo que os Estados Unidos iria exercer no montanhismo. Pois, embora equipamentos de proteção dessa natureza já existissem na Europa e sobretudo na Inglaterra, a forma final assumida pelos equipamentos de Chouinard representou um aprimoramento que ajudou enormemente na sua popularização. “Os escaladores britânicos vinham utilizando-os em suas zonas de escalada, mas aqueles primeiros modelos eram toscos e portanto geravam pouca confiança e não eram muito conhecidos no resto da Europa nem nos Estados Unidos”¹⁵⁹.

Esse modelo europeu de equipamento dizia respeito ao uso de roscas (*nuts*) de trilho de trem, e eram basicamente usados pelos ingleses. Tratava-se, portanto, de algo bastante improvisado. A versão americana desse material, feita de alumínio e em forma especial, recebeu o nome de *Stoppers* e *Hexentrics*. Num primeiro momento foram distribuídos de maneira informal. Sua circulação estava restrita aos amigos de Yvon Chouinard. No início dos anos 70 (em 1972), a *Chouinard Equipment* – empresa de fabricação de materiais para escalada fundada pelo próprio Chouinard – divulgou o novo

¹⁵⁷ CHOUINARD, Yvon. **Que mi gente vaya a hacer surf**. Madrid: Desnivel, 2006.

¹⁵⁸ Silveira, op.cit.

¹⁵⁹ Ibid., p. 47.

equipamento em um catálogo de vendas, o primeiro catálogo de vendas da nova empresa.

A motivação para esse tipo de material, segundo ele próprio, era elaborar algo que fosse capaz de diminuir o impacto ambiental que a perfuração da rocha para colocação de grampos exigia. Ou seja, baseava-se na idéia de que o escalador devia tentar minimizar o impacto da sua presença na parede rochosa. E o equipamento usado pelos ingleses, impopular e visto como improvisado, não cumpria tais expectativas a contento, especialmente para as singulares circunstanciais das escaladas em Yosemite.

As repetidas marteladas necessárias para colocar e retirar os pitons de duro acero, sempre nas mesmas fissuras frágeis, estava começando a desfigurar severamente a rocha nestes lugares. Depois de uma ascensão da via *The nose* do *El Capitán*, que havia encontrado intacta alguns verões antes, voltei para casa decepcionado pela degradação que pude constatar.¹⁶⁰

Com a ampla divulgação dos *Sttopers* e *Hexcentrics* no catálogo da *Chouinard Equipment*, divulgou-se também uma compreensão diferenciada sobre o montanhismo. Neste catálogo, junto com um editorial, publicou-se um estudo de 14 páginas de autoria de Doug Robinson sobre o uso daqueles novos equipamentos e sobre a “escalada limpa” (*clean climbing*).

Existe uma palavra que o define, e a palavra é limpo. Escalar apenas com entaladores, isto é a escalada limpa. Limpa, porque a rocha permanece inalterada sob a passagem do escalador. Limpa, porque não se mete nada a marteladas para depois lhe tirar, deixando a rocha danificada, e fazendo que a experiência do escalador seguinte seja menos natural. Limpa, porque a proteção do escalador deixa pouco sinal de sua ascensão. Escalar limpo é escalar sem alterar a rocha; um passo adiante até a escalada orgânica para o homem natural¹⁶¹.

Desse modo, acoplava-se a nova invenção um conceito que influenciaria bastante o montanhismo: a noção de escalada limpa. A mudança que se operou em direção a utilização de materiais móveis iria desencadear-se em uma aspiração esportiva de “diminuir o impacto do montanhismo sobre as montanhas”, de “potencializar uma escalada orgânica para o homem natural”, tudo muito próximo de uma “escalada natural”, que no

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ Ibid.

Brasil, teve até mesmo seu manifesto.¹⁶²

Com efeito, mais do que materiais, técnicas e conceitos, os escaladores de Yosemite se empenharam na edificação de um estilo de vida peculiar e que representava símbolos de identificação que encontravam paralelos na “revolução cultural” que se desenrolava na época. Em outras palavras, tornaram o esporte mais jovem, e mais facilmente apreensível como símbolo de juventude.

Eles puxaram, ou melhor, empurraram os limites da escalada livre bastante. Empurraram bastante para cima. Uma ética forte no sentido de evitar ao máximo a utilização de grampos, mas o que também ajuda a criar esse mito era o estilo de vida que eles levavam, que é um estilo de vida que é um pouco o sonho de todo escalador: é ser um *climbing bum*, um vagabundo da escalada. Os caras ficavam largados meses ali naquele *camp four*, muitas vezes catando lata para sobreviver ou roubando restos de comida dos restaurantes locais e, enfim, tinham uma existência absolutamente espartana, mas totalmente devotada a escalada. E isso evidentemente mexia com a imaginação de todo mundo, principalmente os mais novos.¹⁶³

É claro que, simultaneamente, outros grupos de outros países vivenciavam movimentos nesta direção. Além do Rio de Janeiro, poderíamos citar o caso da França, onde escaladores como Michel Dufrance em Nice, ou "o grupo Gama" com François Guillot em Marselha, desenvolviam no início dos anos 60 uma concepção original de escalada muito próxima dessas de Yosemite. Da mesma forma, a partir de 1963, em Freyr, na Bélgica, Claude Barbeiro começaria seus experimentos de escalar uma montanha sem nunca tocar nos grampos de segurança.

Essa simultaneidade de acontecimentos complexifica, e talvez mesmo impeça, uma identificação das origens do processo que não seja precária. A própria natureza das dinâmicas macrossociais colocadas em marcha naquela época explicariam tal sincronia. No momento de consolidação de uma “aldeia global” (uma expressão que é, ela própria, legatária da década de 60), jovens do mundo inteiro podiam saber o que seus colegas desconhecidos do outro lado do Oceano estavam fazendo. A mundialização permitia que se

¹⁶² C.f. ILHA, André. Manifesto da Escalada Natural. **Mimeo**, 1983.

¹⁶³ Ilha, 2006.

tomasse consciência de que a experiência de pessoas diferentes e geograficamente distantes poderia estar sendo surpreendentemente semelhante a sua própria. Pessoas descobriam que estavam usando a mesma roupa, vendo os mesmos filmes e lendo os mesmos livros. A criação de uma ceara mundial, onde as fronteiras eram rapidamente atravessadas, permitia um brutal aumento do fluxo, não só de mercadorias no sentido clássico, mas também de idéias e outros produtos culturais. Dessa maneira, jovens do Rio de Janeiro, da Califórnia, de Marselha ou de Londres podiam ter acesso, quase que simultaneamente, aos catálogos de equipamentos da Patagônia, as revistas *Mountain* ou, como veremos no próximo capítulo, aos filmes de surfe de Bruce Brown ou as músicas dos *Beach Boys*.

Nesse sentido, o esporte – fenômeno global por excelência – ia se integrando e se conformando a um quadro social, marcado pelo intenso compartilhamento de símbolos de toda ordem, onde é inegável a sutil hegemonia exercida pelos norte-americanos.¹⁶⁴

¹⁶⁴ A esse respeito ver CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

O SURFE

A exemplo do montanhismo, o surfe é um esporte perpassado por um forte sentido de busca e de reencontro com a natureza. Não é raro o vermos sendo retratado como um esporte que permite aos seus adeptos intensa comunhão com a natureza. Este, aliás, é um tipo de representação que expressa com clareza os valores comumente atribuídos à cultura do surfe. A produção desses valores está associada, entre outras coisas, a construção de uma narrativa histórica sobre esse esporte, que tende a enquadrar suas memórias em função de uma ligação com a cultura havaiana.

A “redescoberta” do Havaí promovida pela indústria do turismo norte-americana logo nos primeiros anos do século XX, fez com que esse lugar simbolizasse a possibilidade de um novo hedonismo. A saia de capim das mulheres havaianas e sua dança licenciosa (o hula), associada ao colar de flores, a vida à beira-mar e uma existência cotidiana relativamente simples em termos materiais, permitiu que o arquipélago fosse elevado ao *status* de arquétipo do paraíso perdido, onde o surfe foi parte integral dessa nova cultura dos prazeres. A força desse imaginário e das suas vinculações com o surfe chegou a fazer com que a prática fosse reprimida em alguns lugares como a Austrália ou a Califórnia, sob a alegação de que desvirtuava a formação moral dos jovens.

Por outro lado, a presença desses traços também potencializou a adoção desse esporte pela indústria do entretenimento. Isto é, associações simbólicas desse tipo forneceram condições oportunas e convenientes para seduzir parte de uma juventude americana que foi pouco a pouco sendo atraída por uma forte atmosfera intelectual de valorização da transgressão. Essa atmosfera propugnava-se por meio de produções artísticas como livros e filmes.

Por exemplo, em 1948 Jack Kerouac cunharia a expressão *beat* para designar o círculo social de um grupo de jovens escritores que viam o típico estilo de vida norte-

americano do pós-guerra como sendo monótono e excessivamente ordenado, passando a valorizar, em contrapartida, outra forma de existência, com permissividade diante das drogas e do sexo, e celebrando o nomadismo e a vida errante. Nas palavras dele mesmo, a geração *beat* seria uma geração maluca que de repente iria se levantar para percorrer a América: “uma geração séria, curiosa, vagabunda, pegando caronas em todas as direções”.¹⁶⁵

Em 1952, Kerouac publicaria seu ontológico livro “On the road”, romance marginal que vendeu mais de três milhões de exemplares, onde o personagem Sal Paradise (alter ego do autor) viaja pelos Estados Unidos acompanhado por seu amigo desviante Dean Moriarty. A experiência desses personagens, uma espécie de retrato do que era vivenciado cotidianamente pelos membros da *beat generation*, cumpre o papel de personificar a crítica aos valores e estilos de vida americano. A exaltação de um estilo de viver mais nômade e menos comprometido com o materialismo ou com a acumulação de riquezas se repetiria em outros livros dos autores *beatniks*, e mais particularmente de Kerouac. No início de um dos textos que compõem a obra *Viajante Solitário*, de sua autoria, pode-se ler: “Poupei cada centavo e então torrei tudo subitamente em uma grande e gloriosa viagem à Europa ou a outro lugar qualquer e me senti leve e feliz também”.¹⁶⁶

Dessa forma, uma nova escala de valores, contrária em quase tudo aos padrões instituídos, ia se difundindo. Nas palavras de Yves Buin, um dos biógrafos de Kerouac, depois de *On the Road* “a América nunca mais seria a mesma. Kerouac subverteu a ordem social do país, alterou para sempre o imaginário relativo a viagens, deu novo *status* aos marginais e aos vagabundos, e, com tudo isso, cristalizou uma ânsia existencial que os Estados Unidos exportariam para o mundo inteiro”.¹⁶⁷

Essa nova ânsia existencial pelas viagens e pela fuga do cotidiano, feita através de

¹⁶⁵ apud. BUIN, Yves. **Kerouac**. Porto Alegre. L&PM, 2007.

¹⁶⁶ KEROUAC, Jack. **Viajante solitário**. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 165.

¹⁶⁷ Buin, op.cit.

deslocamentos ou do uso de drogas, encontraria um fértil canal de realização nos esportes na natureza. Emblematicamente, num catálogo de equipamentos da Patagônia, a apresentação do Vale de Yosemite é feita nos termos de “um lugar que viu nascer escaladores que se jogavam em suas grandes paredes enquanto Kerouac escrevia *On the Road*”. Os novos ideais propugnados pelos *beats*, além dos elementos que já foram mencionados, incluiu também – mas de maneira um pouco mais tangencial – o desejo de estar em contato com a natureza, da onde talvez os escaladores de Yosemite tenham extraído alguma simpatia.

Em *Vagabundos iluminados*, uma das personagens principais, Japhy Rider, apresentado no livro como um “um grande novo herói da cultura americana”, é um jovem zen-budista adepto do montanhismo, com vida simples vivida com o mínimo de dinheiro necessário, querendo-se alheio à sociedade de consumo e apreciador “de um modo completamente diferente de viver”.¹⁶⁸ Além dos muitos momentos em que se exalta a vida em meio à natureza, dormindo sobre a relva em noites frescas onde se podia sentir o cheiro das velhas árvores da Califórnia, o romance convoca “uma grande revolução de mochilas, milhares ou até milhões de jovens americanos vagando por aí com mochilas nas costas, subindo montanhas”.¹⁶⁹

Da mesma forma que o montanhismo, o surfe seria um outro importante canal de realização dessas novas aspirações. Seria mesmo uma espécie de veículo de concretização para esses ideais. Até os dias de hoje, pode-se notar as ressonâncias desse contexto cultural mais geral, que a bem da verdade, foi onde o surfe se criou.

O fato da principal revista brasileira especializada em surfe sempre ter sido editada na cidade de São Paulo, onde não existem praias, já serve para se pensar, seguindo as sugestões de Rafael Fortes, “a relação estabelecida, nas páginas de *Fluir*, entre as ações de

¹⁶⁸ KEROAUC, Jack. **Vagabundos Iluminados**. Porto Alegre: P&PM, 2006, p. 59.

¹⁶⁹ Ibid., p. 102.

surf e *viajar*”.¹⁷⁰ Reportagens ou edições especiais sobre viagens sempre ocuparam grande destaque nessas revistas: “Surfistas são viajantes por natureza. Não importa se nossa busca nos leva ao outro lado do mundo ou simplesmente à praia ao lado. O que importa é cair na estrada e procurar novas ondas”.¹⁷¹

Além de livros como os da geração *beat*, o lançamento de filmes que abordavam essa escala de valores também concorreu para a criação de um imaginário que exaltava determinado estilo de vida a que o surfe se associaria, e em seguida, exportaria para o resto do mundo. Trata-se de filmes como *O Selvagem* (1954) ou *Juventude Transviada* (1955), que retratam o comportamento delinqüente, a rebeldia e a fissura irremediável entre pais e filhos; elementos que, mais tarde, seriam móveis da ação de uma revolução cultural que entraria em curso em vários países do mundo.

Em conjunto, todas essas produções artísticas evidenciam a descoberta da vida juvenil como tema e como público. E é exatamente em meio a essa ambiência que se testemunha o primeiro grande salto na massificação do surfe. Nessa época, aumenta o interesse em explorar comercialmente os simbolismos que aquele costume havaiano encarnava. Esse interesse mercadológico, explica-se, em parte, pelo desejo em associar-se àquela nova massa concentrada de consumidores chamada jovens.

Os jovens parecem sentir, mais do que nunca, a potencialidade de seus números. Não resta dúvida de que em grande parte isto se deve ao fato de que a máquina publicitária de nossa sociedade de consumo haver dedicado muita atenção aos jovens. Os adolescentes dispõem de um enorme volume de dinheiro e gozam de muito lazer; era inevitável, assim, que passassem a constituir um mercado especial. Foram adulados, utilizados, idolatrados e tratados com uma deferência quase nauseante.¹⁷²

Desse modo, no caso específico do surfe, iniciou-se um processo de produção de filmes, músicas, roupas e outros artefatos que tentavam explorar algum nexos com a cultura juvenil, onde o próprio surfe se tornou mais uma possibilidade de negócios. Em 1959, a

¹⁷⁰ FORTES, Rafael. Entre passado, presente e futuro: a memória nas edições comemorativas da revista *Fluir*. **Esporte e sociedade**, ano 2, n. 6, jul. / out. 2007. Disponível em: www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc.

¹⁷¹ FLUIR. **Fazendo a mala**. São Paulo: Peixes, maio de 2007, p. 54.

¹⁷² ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972, p. 38.

indústria cinematográfica de Hollywood lançaria o filme *Gidget*, roteiro adaptado do livro de Frederick Kohner, de 1957, que narrava o envolvimento de uma garota de classe média com a cultura do surfe da Califórnia. Depois de estrondoso sucesso nos cinemas, em 1965 a história seria adaptada para a televisão, tornado-se um seriado. Nos dois casos, a produção é tida como um divisor de águas na história do surfe.¹⁷³ Seu sucesso parece ter sido capaz de dar grande visibilidade ao desenvolvimento de um conjunto de costumes, cujo desenvolvimento já estava mais ou menos em curso nas praias da Califórnia. Mas com os filmes, uma pequena multidão foi estimulada a experimentar os prazeres hedonistas daquela prática. Em 1956, estimava-se que o número de surfistas na Califórnia atingisse a marca de 5.000 pessoas. Em 1962, esse número já alcançava os 100.000.¹⁷⁴

Na esteira desse sucesso proliferavam novos empreendimentos para explorar comercialmente os símbolos daquela nova cultura esportiva. Em 1960, foi lançada nos Estados Unidos a primeira revista especializada em surfe.¹⁷⁵ No ano seguinte criava-se a banda Beach Boys. Em 1964, Bruce Brown lançava *Endless Summer*, geralmente apontado como um importante filme na difusão mundial do surfe, e mais do que isso, como responsável por definir modelos para a sua prática.¹⁷⁶

Independente do quão fiel era o retrato que esses produtos fabricavam, cada um deles colaborou na construção de uma imagem, de uma experiência e de uma identidade que poderia dali em diante ser compartilhado por um universo ampliado de pessoas. É o que afirma Joaquim Ferreira dos Santos quando se refere a processos mais gerais: “Era a primeira vez que se pregava um rótulo num grupo de jovens com gostos mais ou menos

¹⁷³ KAMPION, Drew; BROWN, Bruce. **Stoked: a history of surf culture**. Utha: Gibbs Smith, 2003; YOUNG, Nat. **The history of surfing**. 2.ed. Utah: Gibbs Smith, 1994.

¹⁷⁴ BOTH, David. Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing. **Journal of Sport History**, vol. 22, n. 3, p. 189 – 206, 1995, p. 192.

¹⁷⁵ Ver GEORGE, Sam (ed.). **The Perfect day: 40 years of surf megazine**. California: Chronicle Books, 2001.

¹⁷⁶ ORMROD, Joan. *Endless Summer (1964): Consuming Waves and Surfing the Frontier*. **Film & History**, vol. 35, n.1, p. 39-51, 2005.

afins”.¹⁷⁷

No caso do surfe, era como se essa prática – e os produtos dela decorrentes – se apresentassem como elementos capazes de cimentar interesses comuns entre jovens de várias partes do mundo. Em suma, a exploração comercial do surfe permitiu “uma comunicação – primeiramente entre o Havaí e a Califórnia, então entre a Califórnia e a Austrália, então entre todo o mundo”.¹⁷⁸ O desejo de lucrar motivou a ampla difusão desses produtos e junto com eles, a própria idéia do surfe.

É desse modo e nesse período que o surfe chega ao Rio de Janeiro, em um momento em que a sua exploração comercial nos Estados Unidos ia se intensificando, e, por conseguinte, promovendo em nível mundial todas as tradições inventadas sobre esse esporte. Ou seja, tratava-se de um momento onde o surfe já dizia respeito, de acordo com as formas de representação dos próprios surfistas, a uma prática dotada de atributos de marginalidade, de *happening*, pouco afeito às convenções e aos decoros comportamentais da “sociedade burguesa”; uma prática jovem, contestatória e libertária. Provavelmente foram essas tradições que o tornaram tão atraentes para um grupo de jovens de classe média da Zona Sul carioca.

Precedentes

Em meados dos anos 50, um grupo de jovens deslizava de pé sobre tábuas de madeira. Na época, esses jovens ainda não reconheciam essa prática pelo nome de surfe. As tábuas, sequer eram chamadas pranchas. Devido ao seu formato chamavam-lhes “portas de igreja”: um retângulo de madeira pesado, com cerca de dois metros de extensão e com bico quadrado.

¹⁷⁷ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 139.

¹⁷⁸ SCOTT, Paul. **Australian surfing magazines: the first wave**. Disponível em: <<http://live-wirez.gu.edu.au/jea.papers/Scott.doc>>. Acesso em: 15 jul. 2006, p. 4.

Seria o grupo envolvido com essas práticas que daria o pontapé inicial para a organização e difusão do esporte na cidade. Tratava-se de um grupo de jovens de alta renda, muitos de origem ou ascendência estrangeira, fluente em dois ou mais idiomas e mais ou menos concatenados aos movimentos da juventude ao redor do mundo. Esses movimentos a que estou me referindo dizem respeito à consolidação daquele imaginário juvenil ligado a noções de rebeldia e transgressão, que se consolidou através do alcance mundial experimentado por filmes, roupas e músicas, quase tudo de origem americana.

A gente via esses filmes e saía do cinema querendo tirar onda de falso mau – lembra Erasmo Carlos [...] E iam para São Conrado imitar os pegs de carro de James Dean em *Juventude transviada*. Colocar dúzias de alka-seltzer no aquário da galeria Menescal, em Copacabana. Quebrar o cinema Rian na apresentação de *O balanço das horas*, com Bill Haley. Ouvir na vitrola hi-fi os berros de Little Richard em *Tutti frutti*. Que tal fazer uma roleta paulista, atravessar as ruas em disparada sem respeitar sinais? Nas festas, incrementar os ponches das garotas com Cantarida, um afrodisíaco da moda. E se colasse, dar o golpe mortal, dizendo baixinho no ouvido dela: – Quero viver o mais intensamente, arriscar sempre. Mesmo que eu tivesse cem anos para viver, ainda não teria tempo para fazer tudo o que eu quero fazer. Sem confessar para a garota, claro, que a frase é de James Dean.¹⁷⁹

Parte dos costumes desse grupo também dizia respeito à frequência cotidiana à praia. Esse era um espaço social que se transformava em uma extensão do que ocorria nas festas e bailes, onde a dedicação ao lazer e as atividades improdutivas já servia para coroar o questionamento a moral instituída. Em última análise, a praia se transformou em um lugar que também servia de palco para as manifestações do comportamento inconformista, da “cultura da revolta”.¹⁸⁰ Atitudes como a de Nélia Paula, que scandalizou a opinião pública carioca da época ao usar biquíni em Copacabana, são bons exemplos nesse sentido.

Nessa mesma época, uma das atividades esportivas preferidas por esse grupo de assíduos freqüentadores da praia era a caça submarina. Ao longo dos anos 50 e dos anos 60 esta prática chegou a experimentar certa popularidade. Havia, por exemplo, colunas específicas em jornais de grande circulação como O Globo ou o Jornal do Brasil. Um dos

¹⁷⁹ Santos, J., 2003, p. 140-141.

¹⁸⁰ CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93 – 106, 2005.

pontos mais freqüentados para a sua prática era o Arpoador, que pouco depois, também seria o lugar onde se daria início o surfe no Rio de Janeiro. Assim, nota-se que a emergência e sedimentação do surfe enquanto um costume nas praias cariocas está intimamente relacionado ao modo de desenvolvimento que a caça submarina teve, especialmente naquele trecho da orla.

A freqüência à praia do Arpoador se inicia de maneira mais intensa no início dos anos 30 com seus primeiros moradores: pescadores do posto 6 em Copacabana e famílias de ingleses e americanos que trabalhavam na Light ou no bonde. Com o passar dos anos, egressos de várias partes da Europa e dos Estados Unidos foram estabelecendo moradia na região. Assim, já em meados dos anos 30, os filhos dessas famílias já se apresentavam como banhistas mais regulares. Freqüentavam a praia diariamente para praticar jogos recreativos, nadar, mergulhar e paquerar.¹⁸¹

Depois da Segunda Guerra Mundial, outros esportes entrariam no repertório, notadamente o mergulho e a caça submarina. Nessa época, um dos principais personagens carioca eram os “playboys”, uma “legião de jovens bem nascidos e bronzeados”.¹⁸² Satiricamente, esse grupo funda o Clube dos Cafajestes, reunião informal de jovens endinheirados com o objetivo de chocar a sociedade. Parte deles ingressa no Clube dos Marimbás, “causando o seu primeiro grande afluxo de sócios”.¹⁸³ Ao aderirem as práticas e costumes daquele clube, dão-lhes visibilidade pública, à medida que, naquele momento, eram eles próprios os protagonistas do *high society* carioca. Divulga-se a informalidade, a jogatina, as festas, a pesca e o mergulho – todos elementos constituintes dos seus modos de vida.

Parte desse grupo convive com os freqüentadores do Arpoador e vice-versa, estabelecendo-se intenso intercâmbio. Não por acaso, a praia do Arpoador foi um dos

¹⁸¹ GASPAR, Claudia Braga. **Orla Carioca: história e cultura**. Rio de Janeiro: Metalivros, 2004.

¹⁸² ISTO É. **Copacabana**. São Paulo: Três, n. 1.578, 29 de dezembro de 1999, p. 54.

¹⁸³ VEJA RIO. **Um clube à moda da praia**. São Paulo: Abril, 13 de novembro de 2002.

principais pólos de irradiação do mergulho e da pesca submarina. Não por acaso também, muitos moradores de Ipanema que se envolveram e se projetam com e no mergulho, tiveram o Clube dos Marimbás como vínculo associativo com o esporte.

A posição e a origem social desses personagens colocavam-lhes em contato com um universo de costumes diferenciados, entre os quais, algumas práticas de lazer na natureza, particularmente o mergulho. Estes eram apreendidos através de filmes assistidos no exterior, de livros importados ou através da mediação de pilotos da aviação civil, freqüentemente viajando à Europa e aos Estados Unidos.¹⁸⁴

Tal como acontecera como o montanhismo, nota-se também importante papel desempenhado pela interação com estrangeiros e/ou com seu universo de referências, que acabou sendo uma pedra de toque fundamental na consolidação desse tipo de lazer. O contanto com estrangeiros ou com os pilotos da Panair, além do início da participação em campeonatos internacionais, intensificou os intercâmbios e o conhecimento técnico.

É dessa forma, entre esse grupo de freqüentadores do Arpoador, entusiastas da caça submarina e amantes do mar e da natureza, que o surfe apareceria como mais uma possibilidade de divertimento praiano. Assim, sempre como “mais uma opção”, alguns dos precursores do mergulho e da caça foram se apresentando também como os surfistas pioneiros da cidade. Muitos dos personagens envolvidos com a caça submarina participariam ativamente do surfe, como é o caso de Arduíno Colassanti, Bruno Hermany ou Irency Beltrão.

Do mesmo modo, nas primeiras tentativas de se organizar mais sistematicamente competições de surfe (o que, como veremos, só ocorreu a partir de 1965), também se tinha a presença de importantes clubes ligados ao mergulho, como eram o Iate Clube do Rio de Janeiro, o Clube dos Marimbás e o Radar.

¹⁸⁴ BRASIL MERGULHO. **Entrevista: Arduíno Colassanti**. Disponível em <http://www.brasilmergulho.com>

Transição

De maneira lenta e paulatina, um concorrente à preferência esportiva dos jovens se apresentaria. A brincadeira de descer as ondas de pé sobre tábuas de madeira tomaria cada vez mais tempo dos divertimentos praianos daquela geração. A progressiva centralidade que o hábito iria ocupar pode ser percebida através da intensidade com que se dedicavam ao aperfeiçoamento das pranchas.

Passado algum tempo em que se utilizavam das “portas de igreja”, Irency Beltrão foi apresentado a um marceneiro naval que costumava fazer reparos nas embarcações dos sócios do Clube dos Marimbás. Irency encomendou-lhe então a fabricação de pranchas de compensado naval, chamadas à época “madeirites”. Esse marceneiro, de nome Moacyr, conseguiu dar certa envergadura para essas pranchas, além de arredondar-lhes o bico, melhorando sua hidrodinâmica.

O aprimoramento das pranchas permite maiores facilidades na prática do surfe. Um equipamento de manuseio mais fácil parece tornar o esporte mais atraente. Assim, o seu progressivo aperfeiçoamento é um elemento importante para compreendermos a difusão desta prática, pois a partir daí, o nível de habilidade e de força exigidos serão sensivelmente menores, garantindo, até certo ponto, mais adesões.

As “portas de igreja”, por exemplo, por conta da sua baixa flutuabilidade, exigiam, antes de tudo, que as ondas estivessem consideravelmente grandes para que se pudesse deslizá-las. Por si só, essa pré-condição já funciona como uma triagem, selecionando apenas os nadadores mais hábeis e mais destemidos. Também por conta da baixa flutuabilidade, era necessário o uso de nadadeiras que pudessem oferecer maior propulsão. Além de tudo, a precariedade da sua fabricação as tornava um tanto incômodas:

A ponta era virada demais e aí se entrasse na onda, ao invés de furar por cima, freava. E a prancha era feita com macho e fêmea, e tinha uns travessões: você estava ajoelhado, você saía e pum, dava com o joelho no travessão. Era bem ruim [...] Em baixo tinha uma ripa cumprida, então, pra entrar no corte – porque nosso barato era cortar – tinha que entrar assim e ir pra esquerda. E pra cortar tinha que enfiar a mão na

água, porque a tendência dela era andar reto. O terço posterior dela era uma ripa de uns três centímetros de altura. Então para entrar nela era fácil: a onda era grande, está aqui. Agora pra fazer *cutbacks* era mais complicado [risos]. Tinha que meter a mão lá em baixo, mas dava.¹⁸⁵

Nesse sentido, as madeirites podem ter cumprido um papel importante na divulgação do novo esporte, à medida que tornava sua prática um pouco menos exigente, e acima de tudo, um pouco menos sofrível. Todavia, as técnicas de utilização do material, e o próprio material, circulavam de forma reservada, restringindo-se a um círculo de relações muito estreito.

Nos anos que se seguiram, 1962 e 1963, dois movimentos simultâneos iriam marcar o esporte. O primeiro refere-se à ampliação das possibilidades de acesso as madeirites. Um carpinteiro da Rua Francisco Otaviano, em Ipanema, inicia um processo de fabricação desses materiais a fim de comercializá-los. A sua disponibilização à compra, transformando-a em mercadoria destinada ao maior número possível de consumidores (já que o objetivo é auferir lucros de sua venda), permitiu que mais pessoas pudessem experimentar o esporte.

Ao mesmo tempo – e este é o segundo elemento – os adeptos daquele hábito continuavam perseguindo formas de fabricar um equipamento mais adequado, sempre tendo em vista seu progressivo aprimoramento. Em 1963, Jorge Bally e Arduíno Colassanti começam a tentar fabricar pranchas de isopor. A essa altura, revistas estrangeiras (de mergulho) já traziam imagens de pranchões que eram usados por pescadores submarinos da Califórnia. Foi inspirado nestes modelos que se experimentou o isopor, que logo se mostrou de difícil manipulação. Durante o revestimento o material derretia, até que Colassanti descobriu uma alternativa para isolá-lo. Então finalmente se conseguiu fazer uma prancha de isopor, tudo de modo bastante artesanal.

As experimentações continuaram. Na praça General Osório havia uma banca de

¹⁸⁵ COLASSANTI, Arduíno. Entrevista ao autor em junho de 2007.

jornal que vendia revistas estrangeiras de todo tipo. Uma delas era a recém criada *Surfer*. Nela, já se podia ver pranchas fabricadas com fibra de vidro. Como se tratava de um material caro, outros experimentos foram ainda ensaiados. E assim seguiam-se os experimentos.

Contudo, também não se deve superestimar a influência dessa dimensão tecnológica na modulação (e compreensão) das culturas esportivas. Outros estudos já têm assinalado a necessidade de se relativizá-los. Olivier Hoibian, por exemplo, critica compreensões sobre o desenvolvimento histórico do montanhismo que estejam excessivamente centradas nas inovações técnicas, num tipo de análise que o autor diz ser uma “versão muito simples e muito coerente da história da escalada”.¹⁸⁶ Nick Ford e David Brown também ponderam sobre esse mesmo tipo de estrutura narrativa na história do surfe. Segundo eles, ao excessivo determinismo tecnológico, que computa mudanças no estilo e na performance dos surfistas em termos de material e formas das suas pranchas, pode ser acrescido fatores culturais mais amplos.¹⁸⁷

Concordando com essas reflexões poderíamos dizer então que existem aspetos mais geais e de caráter propriamente mais sociológico que assumem um sentido mais estrutural e mais profundo para a modulação desses costumes. Tais aspectos acabam determinando numa medida um tanto maior o rumo dos acontecimentos que se desenlaçam na sua história. Nesse sentido, o papel daqueles personagens envolvidos com a prática do surfe no Rio de Janeiro não se resumiria ao de oferecer novos materiais e em quantidade maior. Para além disso, a “patota do Arpoador” cumpriria uma função simbólica chave nesse processo de difusão do novo esporte.

Bruno Hermann, por exemplo, havia se sagrado bi-campeão mundial de pesca submarina, o que o colocara numa posição de destaque no mundo esportivo. Desde então,

¹⁸⁶ HOIBIAN, Olivier. De l'alpinisme à l'escalade libre: l'invention d'un style? Paris: **Staps**. v. 995, n. 36.

¹⁸⁷ FORD, Nick; BROWN, David. **Surfing and social theory**. New York: Routledge, 2006, p. 37.

passou a ser comum referências ao seu nome em reportagens que divulgavam suas imagens, seus feitos e suas realizações. Da mesma forma, Arduíno Colassanti, que era uma espécie de ícone daquela geração, tido como símbolo de beleza e padrão de comportamento. Participou como ator das primeiras produções do Cinema Novo, sendo, inclusive, alçado ao posto de galã do movimento. Atuou, por exemplo, em *Como era gostoso o meu francês* e *El Justiceiro*, ambos dirigidos por Nelson Pereira dos Santos. E na medida em que circulava entre celebridades, tornando-se uma delas, Colassanti acabou dando visibilidade aos hábitos do seu grupo, entre os quais, o surfe. Chegou mesmo a interpretar nas telas de cinema o papel de garotão da praia.

Com isso estou tentando evidenciar que a posição social ocupada por aquele grupo de surfistas pioneiros era, em geral, privilegiada. Ao mesmo tempo, o momento em que o surfe ganhava espaço na agenda de lazeres do Arpoador coincidia com o momento em que artistas, jornalistas e intelectuais, iniciavam a construção e divulgação de uma estrutura discursiva que produziria o mais novo mito carioca da ocasião: Ipanema. Dentro desse processo, os músicos da Bossa Nova, os cineastas do Cinema Novo ou os jornalistas da Esquerda Festiva ganhavam destaque na cena nacional, e na esteira desse sucesso, projetavam seus costumes, isto é, os costumes de Ipanema.

A este movimento mais amplo se integravam alguns personagens freqüentadores da praia e praticantes de surfe, onde Arduíno Colassanti talvez seja o melhor exemplo. Sua participação em filmes de Nelson Pereira dos Santos, sua amizade com Roberto Menescal, com quem estudou desde a infância e que também praticava mergulho no Arpoador, seu namoro com Leila Diniz, Sônia Braga e outras musas da época são exemplos que evidenciam as justaposições dessas redes de relacionamentos.

Tal posição desempenharia grande influência no processo de difusão do surfe. E é nesse sentido que a posição social ocupada por esses surfistas era privilegiada. A

possibilidade de ter surfistas transitando entre essas esferas, que por sua vez, eram projetadas para a cena pública da cidade e do país como portadores de um *habitus* particular foi decisivo para dar visibilidade ao surfe, vinculando-o a toda essa ambiência cultural. Desse modo, foi à sua presença no lugar certo, na hora certa e fazendo a coisa certa que se mostrou como elemento capaz de forjar o surfe como uma caixa de ressonância de todo o estilo de vida que se produzia e se divulgava a respeito de Ipanema.

Nesse sentido, é interessante observar como a Bossa Nova tendeu a ser representada, tal como surfe, como uma coisa “jovem, diurna, de frente para o mar, e esse espírito solar era o de Ipanema e do Arpoador”. As suas letras, do mesmo modo, eram “uma saga oceânica: a nado, numa prancha ou num barquinho, seus compositores prestaram todas as homenagens possíveis ao mar e ao verão. Esse mar e esse verão eram os de Ipanema”.¹⁸⁸ Sua ligação com uma pesquisa sonora mais sofisticada, que rompe com os padrões do passado, atrai o interesse dos mais eruditos e “avançados”. O Cinema Novo, de maneira semelhante, também é fruto de uma sensação de desenvolvimento, daí inclusive seu adjetivo, novo.

É impossível compreendermos a década de 50 e parte de 60 sem levarmos em consideração este sentimento de esperança e a profunda convicção de seus participantes de estarem vivendo um momento particular da história brasileira. A recorrente utilização do adjetivo “novo” trai todo o espírito de uma época: bossa nova, cinema novo, teatro novo, arquitetura nova, música nova.¹⁸⁹

Assim, os significados que o nome Ipanema evocaria dali em diante estariam associados a um conjunto de crenças e valores culturalmente elaborados, isto é, inventados. E o capital social acumulado pelo grupo de surfistas do Arpoador permitia-lhes o convívio estratégico com aqueles que inventavam tais valores e tais imagens. Mais ainda, eles próprios, os surfistas, eram ativos partícipes desse processo de “invenção de Ipanema”.

¹⁸⁸ CASTRO, Ruy. **Ela é carioca: enciclopedia de Ipanema**. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 59.

¹⁸⁹ ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. reimp., 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 110.

Segundo argumenta Marisol Valle, esse processo diz respeito à divulgação de concepções sobre o sentido de viver naquele bairro, bem como a atribuição de certas características que o identifiquem.¹⁹⁰ Numa só expressão, a invenção de Ipanema é um processo intencional de enquadramento de memória. Tal enquadramento possui uma temporalidade bem demarcada, atores bem definidos e características identificáveis.

Ainda segundo a autora, o enquadramento temporal restringe-se, basicamente, à década de 1960. Os atores que o definem, como já mencionamos, são artistas e intelectuais e as características que estabelecem “o verdadeiro espírito do bairro” e “a essência de sua autêntica maneira de ser” são simbolizados, grosso modo, por um pensamento de vanguarda, onde “o gosto pelas novidades se torna um princípio constante e regular”. Esse sistema de valores, seguindo Valle, “se traduziria no valor atribuído ao tema da *mudança* como um modo de se opor a uma visão de mundo tradicional e conservadora”. É desse modo que se constrói a idéia de que Ipanema, e conseqüentemente os “ipanemenhos”, lançam moda, são criativos, boêmios, transgressores, ousados, livres e libertários. “Ipanema teria sido, sob esse ponto de vista, o local onde nasceram costumes e comportamentos que questionaram padrões tradicionais de conduta”.¹⁹¹

O surfe, por seu turno, se integra perfeitamente a essa estrutura narrativa; é instrumento simbólico poderoso a esse enquadramento de memória. Ele é, no plano esportivo, o que representa a inovação, sua essência é a novidade. É, por excelência, o esporte novo. De maneira análoga, ele está imbuído de representações de liberdade. Ser surfista é ter habilidade para transgredir os padrões esportivos estabelecidos; é, amiúde, ser capaz de criar novos símbolos e valores ou mostrar-se disposto para se associar a novas atitudes e comportamentos.

¹⁹⁰ VALLE, Marisol R. **A província da ousadia: representações sociais sobre Ipanema**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

¹⁹¹ *ibid.*, p. 16.

Se Ipanema é entendida como um bairro onde se desenvolveram comportamentos “vanguardistas”, é no espaço da praia – mais propício para a exposição corporal – que as novas moralidades ganharam um destaque público [...] Pode-se argumentar que é na praia que o corpo ipanemense aparece sob sua forma “transgressora”, “polêmica” ou “libertária”.¹⁹²

Nesse sentido, o surfe pode mesmo ser visto, tal como a atitude de Leila Diniz exibindo de biquíni sua gravidez na praia, como a materialização do comportamento transgressor. É dessa forma que o costume de praticá-lo foi se integrando a cada uma das concepções que se pretendia atribuir ao bairro de Ipanema como um todo. Em última análise, o surfe se tornou um elemento relativamente importante dentro do conjunto de imagens que foram utilizadas para a sedimentação de um jeito de ser típico daquele bairro, que, por sua vez, se projetava cada vez na cena nacional como o bairro da vanguarda artística e comportamental.

O crescimento da popularidade desta modalidade, portanto, fora uma espécie de eco do aumento de prestígio que Ipanema testemunhou naquele momento. A “invenção” de um bairro que se pretendia referência comportamental para o resto da cidade (e mesmo para o país), lançando modismos e exportando tendências, criava a ambiência cultural adequada para que o *modus operandi* de uma determinada “patota ipanemenha”, em total sinergia e integração com as demais fosse alavancada ao estrelato. Por intermédio do processo de invenção de Ipanema, ao qual o surfe está inextricavelmente ligado, as praias do Rio de Janeiro se aprontaram para assumir os ares de uma Califórnia carioca.

Surfistas propriamente ditos: a Geração Surf

Com o estabelecimento de Ipanema como centro da produção de uma nova postura diante da vida e com o fim da primeira metade da década de 1960, um ciclo de desenvolvimento do surfe se encerraria. Dali em diante teria início uma nova fase. A brincadeira improvisada daria lugar a um passatempo mais elaborado. O descer de pé sobre

¹⁹² *ibid.*, p. 17.

as ondas se chamaria “surf”. “Portas de igreja” e “madeirites” seriam agora “pranchas”. Seus adeptos seriam, primeiramente, os “pranchistas” e depois os “surfers”.

Sob este aspecto, o aparecimento do surfe enquanto “surf” corresponde à incorporação de modelos de prática vindos dos Estados Unidos. Representa a integração definitiva do lazer praiano carioca à dinâmica mundial de popularização do surfe. Equipamentos, que incluem pranchas, revistas, filmes e toda uma indumentária típica ao surfista, passariam a ser importados. Junto com os materiais vinham as concepções subjacentes a cada um deles. Pranchas de fibra de vidro com flutuabilidade muitíssimo maior do que as que eram utilizadas até então e já concebidas em tamanhos e modelos diferentes para situações específicas ou bermudas floridas *hang ti* representando o culto ao hedonismo havaiano são pequenos exemplos dessa dinâmica.

Desde o início de 1964 seria possível encontrar reportagens que atestavam essas tendências. Em janeiro daquele ano a revista O Cruzeiro dizia: “Há algo de nôvo sobre o sol do Arpoador – que, êste ano, toma feições de praias havaianas, com rapazes deslizando na crista das ondas equilibrados sôbre pranchas. E o esporte tem nome inglês: 'surfing'”.¹⁹³ Do mesmo modo, em outubro do ano seguinte, se encontraria no Jornal do Brasil: “nada é capaz de alegrar tanto um surfista do que um dia de ressaca em Sunset Beach, a mais famosa praia de *surf*, ao norte da Ilha de Oahu, no Havaí, quando as ondas chegam a 10 metros de altura”.¹⁹⁴

Com o aumento de influências estrangeiras, o universo havaiano já se tornava a grande referência. Emblematicamente, em 1964, o baile carnavalesco do Iate Clube do Rio de Janeiro, que reuniu mais de duas mil pessoas, transportou para os seus salões “a geografia, o colorido e os trajes que caracterizam a ilha mágica dos mares do sul”. Naquele

¹⁹³ O CRUZEIRO. Grande “ouverture” do verão 63. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 18 de janeiro de 1964, p. 24-32.

¹⁹⁴ DECISÃO. Surf na véspera da... Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1965, p. 1, Caderno B.

ano, com o tema “Uma noite no Havaí”, a fantasia havaiana, que já gozava de certa popularidade, despertaria fascínio ainda maior sobre os foliões. “*Sarongs* e alegres colares de flores substituíram, ao menos por uma noite de carnaval, as figuras eternas de Pierrô e Colombina”.¹⁹⁵

Outro fator que se mostraria bastante influente é a vinda de estrangeiros. Tal como a importação de materiais, estes personagens trariam consigo uma série de convicções e modelos para o novo esporte. Nesse sentido, o nome do australiano Peter Troy costuma ser apresentado como o impulso definitivo para a consolidação do surfe no Rio de Janeiro.

O australiano aportou nas praias cariocas depois de ter participado de um campeonato internacional de surfe que se realizaria no Peru em fevereiro de 1964. Após as competições, Troy seguiu viagem pretendendo conhecer outros países da América do Sul. No Brasil, especificamente, o surfista ingressara pela Amazônia, onde acabou contraindo doenças. Foi assim, um tanto debilitado, que ele chegou ao Rio de Janeiro alguns meses depois daquele mesmo ano. Fazendo amizade na praia, conseguiu hospedar-se na casa de Irency Beltrão, depois de algumas passagens por obscuros lugares da Lapa. Depois de recuperado, voltou a freqüentar, como esperado, a praia. Lá, teve a chance de estreitar os laços com praticantes de surfe, entre os quais, Arduíno Colassanti. Este último, dono de uma prancha de isopor fabricado por ele mesmo, pôde emprestá-la a Peter Troy num dia em que decidiram ir até a praia do Recreio dos Bandeirantes.

Ele pegou uma onda e “ã”: ficamos boquiabertos. Ele caminhava em cima da prancha e a gente não conhecia nada disso. Fez uma ou duas manobras e na segunda onda ele deu um *boton turn* tão radical que arrancou o fundo da minha prancha. Eu tinha feito o fundo mais fininho porque era caro à fibra de vidro. Ele arrancou, mas eu nem me importei, só porque de ver aquelas duas manobras que ele fez... Pô, é outro esporte.¹⁹⁶

Por essa época, Russel Coffin, jovem estudante do Colégio Americano e morador

¹⁹⁵ O CRUZEIRO. **O Iate atracou no Havaí**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 29 de fevereiro de 1964, p. 66 – 71.

¹⁹⁶ Colassanti, op.cit.

de Copacabana, tinha uma prancha de fibra de vidro fabricada nos Estados Unidos, “uma Bing 9'6”.¹⁹⁷ De posse dessa prancha, com padrão já bem superior àquelas que costumavam ser usadas na cidade, Peter Troy surfou novamente, mas dessa vez, numa praia da Zona Sul. Exibindo-se num palco que permitia o olhar atento de muitos banhistas, deu novos usos ao material: “Aí o Peter Troy arrebentou: hang-ten e todas as loucuras que tinha direito”.¹⁹⁸

Desde então, identifica-se o início definitivo do surfe no Rio de Janeiro. Marcelo Árias, por exemplo, que escreveu um livro sobre a história do surfe no Brasil, chega a dizer que:

Ao sair do mar, centenas de pessoas o aplaudiam! Peter tinha, mesmo sem saber, plantado a semente do verdadeiro surf em terras brasileiras. Sua performance foi tão espetacular, que muitas pessoas são unânimes em afirmar que o surf no Brasil pode ser dividido entre antes e depois da passagem de Peter Troy em nossa terra!¹⁹⁹

É certo que desse momento em diante a modalidade experimental cresceu em popularidade, ingressando, inclusive, numa nova fase do seu desenvolvimento. Mas antes de falarmos a esse respeito, observemos a questão mais detalhadamente.

Inflexões históricas não se desenrolam abruptamente. A História não dá saltos. É certo que a passagem e as exposições do australiano podem ter tido alguma influência, mas é difícil precisar o quanto. De todo modo, antes disso, já se tinha acesso a revistas estrangeiras, que ora mais ora menos, faziam circular novas e mais informações sobre a evolução desse esporte nos Estados Unidos. Da mesma forma, alunos do Colégio Americano, como o próprio Russel Coffin, já desfilavam com suas pranchas de fibra de vidro pelas praias cariocas. De maneira ainda mais emblemática, antes da passagem de Peter Troy, já se falava de um aumento da popularidade do esporte, bem como da admiração que banhistas sentiam pelos malabarismos de quem ficava de pé sobre pranchas.

¹⁹⁷ BOCÃO, Ricardo. O “quarto” boom. **Fluir**, São Paulo: Peixes, janeiro de 2004.

¹⁹⁸ Colassanti, op.cit.

¹⁹⁹ ÁRIAS, Marcelo. Surf Gênese. In: ALMA SURF. São Paulo, n. 12, 2002.

Em janeiro de 1964, portanto antes da passagem de Peter Troy pelo Brasil, a revista O Cruzeiro dava notícia de “NOVE 'pranchistas' que enfeitiçavam os freqüentadores das praias cariocas com seus malabarismos sôbre as ondas [...] Em suas pranchas de 2,5 m êles dominam com graça e arrôjo, as ondas do Arpoador”. Com relação aos praticantes, diz-se que:

DESDE há muito os cariocas do Pôsto 6 e Arpoador invejavam os praticantes do “surfing” das praias havaianas. Faz dois anos que os pioneiros dêste emocionante esporte, no Brasil, resolveram aproveitar as ondas do Arpoador, para conseguir a chamada “Emoção dos Deuses”. A prática difundiu-se aos poucos entre os *habitués* das praias, e formou-se um grupo de apaixonados.

A reportagem de 1964 já faz alusão a um período pregresso de dois anos. E, quando por falta de ondas adequadas os “pranchistas” se deslocam para outras praias, como as da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes, os moradores da Zona Sul ficavam “privados de um espetáculo bonito, a que já estavam acostumados”. Falando de “acrobacias”, “peripécias” ou do “absoluto domínio dos movimentos” que faziam da prática “um esporte fascinante”, a revista atestava que “Atualmente, êste esporte atingiu enorme popularidade. – Os fabricantes de pranchas só aceitam encomenda com duas semanas de antecedência. Elas custam cêrca de Cr\$ 20.000,00”.²⁰⁰

Na mesma reportagem, já se falava que Múcio, um dos nove “pranchistas”, se preparava para as competições do Peru (a mesma que Peter Troy participaria). Portanto, vai se evidenciando que antes mesmo da vinda do australiano ao Brasil um processo de difusão e institucionalização do surfe, sob os moldes em que era praticado nos Estados Unidos, já estava deflagrado. Fala-se, inclusive, de um campeonato que teria acontecido meses antes no Arpoador, dividido em duas classes: os “novos” e os “veteranos”, sendo a primeira vencida por Jaime César Nunes e a segunda por Arduíno Colassanti.

Por tudo, é difícil imaginar que em alguns poucos meses criou-se a disposição

²⁰⁰ O CRUZEIRO. **A nova ordem é de pé sôbre as ondas**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 18 de janeiro de 1964, p. 92.

necessária para organizar uma Federação, uma competição e tudo o mais que se seguiu. Ainda mais uma disposição despertada apenas pela passagem de um único homem através de algumas poucas exposições. Em suma, a influência de Peter Troy para o surfe no Rio de Janeiro teve sua importância, mas uma importância mais relativa do que se costuma dizer. Parece ser mais produtivo considerar que os acontecimentos que se seguiram ao longo dos anos de 1964 se referiam a um processo que já estava deflagrado antes da passagem do australiano. O culto dogmático à este personagem parece muito mais uma reprodução cega dos paradigmas historiográficos que superdimensionam a ação de indivíduos isolados, em detrimento do acúmulo de experiências cotidianas. Um tipo de historiografia que, no limite, mitifica determinadas ações e certos personagens, tornando-os heróis e desconsiderando que o desenvolvimento de uma prática social, tal como o surfe, é o resultado produzido por uma cadeia interdependente de fatores, que incluem uma ampla rede de atores, disputas, conflitos e realizações.

Uma das teias fundamentais dessa rede de interdependência diz respeito à consolidação de uma geração identificada especificamente ao surfe. Nesse sentido, importa sublinhar, apesar dessas polêmicas, que dali em diante apareceria um grupo de jovens que se apresentavam publicamente como surfistas. Agora, já não se tratava de um grupo de jovens adeptos de várias modalidades de praia, entre as quais, o surfe. Este deixava de ser “mais uma opção” e ia se configurando para alguns como “a opção”. Cristalizava-se uma geração cujas identidades se edificariam já em função do surfe, direta e especificamente.

Em abril de 1966, por ocasião da realização de um campeonato no Arpoador, dizia-se: “uma perfeita distinção já está sendo feita em Ipanema (e isto foi comprovado no campeonato do Arpoador): o aparecimento da *Geração Surf*, inteiramente diferente da *Geração Iê-Iê*”.²⁰¹

²⁰¹ KERR, Yllen. Campeonato de “surf” mostrou que americanos são os bons. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1966, p. 18.

As características atribuídas a “Geração Surf” diziam respeito à exibição de um certo “estilo”, que incluía *shorts* e camisas com desenhos e cores vinculadas ao universo do “verdadeiro surfe”, quer dizer, o surfe havaiano, importado e depois exportado pelos Estados Unidos. Ao lado desses caracteres, tem-se a espontaneidade e a descontração – maior do que em qualquer outra geração.

A moda *surf* foi praticamente lançada em grande estilo no concurso de fim de semana. Tanto as moças como os rapazes exibiam um conjunto de cores, que agora fazem parte do *surf*. Para o verão que vem os calções *surf* e as camisas com letreiros e desenhos de onda já estão garantidos [...] As meninas da Geração Surf foram um sucesso absoluto. Coloridas e mais descontraídas que qualquer outra geração – as meninas surf estavam em tôdas.²⁰²

A aparição de determinados hábitos alimentares também é um exemplo bastante esclarecedor do processo de construção de símbolos específicos desta identificação. No fim dos anos 60 foi inaugurada a lanchonete “Balada”, situada à época entre a rua Teixeira de Melo e a praça General Osório, em Ipanema. A lanchonete, que se dedicava especificamente à venda de sucos, acabou atraindo os surfistas que adotaram o consumo de alimentos naturais como uma alternativa. Com o tempo, tais hábitos se espalharam pela cidade e a exemplo de outros simbolismos deste esporte, acabou influenciando os costumes de toda a cidade.

Sem terem sido necessariamente inventados pelos surfistas, o envolvimento deste grupo com tais hábitos atribui-lhes certos significados que diziam respeito ao próprio surfe, conferindo-lhe assim, características análogas. Dessa forma, consumir sanduíches e sucos naturais foi se transformando em sinônimo de autenticidade e inovação nos costumes, algo ligado a pessoas que, tal como os surfistas, prezavam a possibilidade de irmanar-se com a natureza.

No fim, todo este quadro acabou aprofundando a disposição para se buscar no exterior um quadro de referências morais e materiais para o esporte (e conseqüentemente

²⁰² *ibid.*

para a cidade). Equipamentos, roupas e concepções esportivas associadas ao seu desenvolvimento nos Estados Unidos passaram a ser deliberadamente trazidos ao Brasil. Se antes tais influências eram quase circunstanciais, acessadas ocasionalmente através de alguma revista ou de algum filme, agora, eram mais constantes e intencionais. Havia já um conjunto de atores que as desejavam e as buscavam. Pranchas de fibra de vidro passaram a ser importadas sob um valor que variava de 100 a 200 dólares. “O prazer do esporte, segundo os aficionados, vale êsse preço. Mesmo arriscando o pescoço”.²⁰³

No fim dos anos 60 – momento que coincide com o regresso dos primeiros brasileiros que iniciaram as viagens ao Havaí – inicia-se o culto ao surfe como uma atividade que exige grande dedicação, que deve ser “levada a sério”, como um estilo de vida e uma filosofia. Na expectativa de realizar os objetivos dessa experiência existencial um grupo elege Saquarema como “lugar sagrado de peregrinação”.²⁰⁴ Bem nos moldes dos primeiros californianos que “descobriam o Havaí”, esses surfistas se caracterizavam pelo desejo de viajar, pelo desprendimento de posses materiais e por uma vida simples, dormida sob a luz do luar, onde a busca pela integração total com a natureza também permitia aprimoramento de certos costumes, tais como os alimentares.

Anos mais tarde, já nos meados dos anos 70, Guilhermão, antigo freqüentador do Arpoador, jogador de futebol de areia, surfista e “naturalista por natureza” inaugurou, na Barra da Tijuca, o primeiro restaurante vegetariano integralmente natural. “Guilhermão pretende introduzir um costume de muitos surfistas havaianos e californianos que preferem comer mais qualidade substancial em menos quantidade, ao invés de rangos sintéticos”.²⁰⁵

Em junho de 1965 iniciou-se um esforço para a criação da Federação Carioca de Surf. A iniciativa se mostraria importante, e não só por organizar campeonatos, mas

²⁰³ O CRUZEIRO. **Com o Surf você vai na onda**. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand, 20 de novembro de 1964, p. 93.

²⁰⁴ BRASIL SURF. **Saquá sweet Saquá**. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 4, Nov./dez., 1975, p. 36.

²⁰⁵ BRASIL SURF. **Toques**. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, p. 43.

também por fazê-lo com a presença de alguns surfistas americanos, o que alavancaria ainda mais a promoção do esporte. Em março de 1966, por exemplo, Mark Martinson e Dale Stuble estiveram presentes em competições realizadas no Arpoador. Contando com a presença de mais de 60 surfistas, a competição, que teve apoio da revista Fatos e Fotos, também parece ter tido um considerável número de espectadores. “O mar muito calmo, sem ondas fortes, prejudicou o que poderia ser uma grande exibição dos craques americanos, mas não chegou a diminuir o êxito da prova, que foi acompanhada por um grande público”.²⁰⁶

Na ocasião, a incorporação de referências norte americanas da cultura do surfe já se mostrava definitiva, sobretudo entre os mais jovens. Do total de 60 participantes, “a maior afluência ocorreu na classe dos juniores que, com o uso das pranchas de fibra de vidro, estão atingindo um ótimo aproveitamento”.²⁰⁷

Oito meses depois, no final de novembro, a Federação organizaria outra competição. Esta contou com o apoio da Coca-Cola e do Governo da Guanabara. A entrega da premiação pôde contar, inclusive, com a presença do governador Negrão de Lima. Sem maiores precisões, fala-se também de grande número de aficionados: “apesar do mar bastante calmo, com ondas relativamente baixas, a não ser quando em algumas 'séries', o carioca de surf foi coroado de êxito. O tempo estava em boas condições e foi grande a afluência de banhistas a praia do Arpoador, que assistiram o desenrolar da competição tomando banho de sol”.²⁰⁸

A presença de mulheres – na verdade meninas – também servia como atração. Se assistir a homens fazendo aquilo já era mais ou menos espetacular, em se tratando de mulheres, o sentimento de estranhamento e de deslumbre poderia ser ainda maior. “Para

²⁰⁶ Kerr, op.cit., p. 18.

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ SURF... deu bicampeonato carioca a Fernanda. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1966, p. 14.

muitos era surpresa ver moças enfrentando ondas com pranchas grandes”.²⁰⁹ Não por acaso, a imprensa deu grande destaque a presença das meninas nas competições, especialmente Fernanda Guerra e Maria Helena. Do mesmo modo, a participação de Bruno Hermann, a essa altura já bastante conhecido, também ganharia certo relevo. Por ocasião do I Campeonato Carioca de Surf, realizado em setembro de 1965, sua presença e seu comportamento foram muito destacados, pois, doente quando da realização das competições, decidiu assim mesmo participar. Na reportagem do jornal O Globo, que trazia uma foto do bi-campeão mundial de mergulho, pode-se ler: “Destaca-se o espírito esportivo de Bruno Hermann, que, doente há quase uma semana, ainda fez questão de participar das provas de ontem, sabendo de antemão que não conseguiria classificar-se”.²¹⁰

Esse conjunto de acontecimentos vai evidenciando um aumento do interesse pelo esporte. Na cobertura deste primeiro campeonato realizado pela federação já se dizia que “em poucos meses, o surf provou que se fixará entre nós, pois é um esporte bem atraente”.²¹¹ Pouco a pouco a organização desses eventos parece ter facilitado o desabrochar de mais curiosidades a respeito do novo costume. “O público ainda não está acostumado com o *surf*, mas já há os que vão aos dirigentes e fazem perguntas de como é feito o julgamento”.²¹²

Desse modo, deve-se mesmo destacar o papel que a Federação Carioca de Surf desempenhou naquele contexto. A iniciativa, que se resumira a um empreendimento extra-oficial, já que o Conselho Nacional de Desporto não chegou a autorizar sua efetiva criação, organizou, assim mesmo, competições com a presença de surfistas prestigiados no exterior e que contavam com apoio e patrocínio, sem mencionar a cobertura dos meios de comunicação que ajudavam a divulgar o novo esporte.

²⁰⁹ Kerr, op.cit., p. 18.

²¹⁰ FERNANDA... campeã carioca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1965, Edição Esportiva, p.6.

²¹¹ *ibid.*

²¹² *ibid.*

Os principais idealizadores deste empreendimento, e que estiveram à sua frente como presidente e vice-presidente, foram Yllen Kerr e Walter Guerra, respectivamente. Este último, provavelmente se envolveu por conta do empenho e dos bons resultados alcançados pela sua filha, Fernanda Guerra, que se sagrou bicampeã carioca nas competições de 65 e 66.

O primeiro, era um norte americano naturalizado brasileiro. Típico artista *bon vivant*, Yllen Kerr dedicou à vida a atividades bem diversificadas que iam das artes plásticas à fotografia, passando pelo jornalismo à vida esportiva. Nascido em 1924, estudou na antiga Escola Nacional de Belas Artes e participou do Salão Nacional, aonde chegou a receber medalha de ouro em gravura. Alguns dos seus trabalhos estão expostos no Museu de Arte Moderna e no Museu Nacional de Belas-Artes. Entre outras coisas, trabalhou no Jornal do Brasil, onde, em 1963, ganhou uma menção honrosa do prêmio Esso de jornalismo. No ano seguinte ganharia novamente o prêmio, dessa vez, na categoria “jornalismo esportivo”. Neste mesmo jornal, Yllen Kerr mantinha uma coluna semanal sobre mergulho, chegando a ser informalmente reconhecido como “o intelectual do mergulho”. A influência e o papel de Yllen Kerr seria ainda mais profunda para o surfe.

Para muitos, ele era o *Homo ipanemensis* original, o protótipo. Seu uniforme de trabalho era a pele queimada de sol e a dita bermuda. O gabinete em que dava expediente, na maior parte do ano, era o Arpoador. Ali, a partir de 1950, Yllen Kerr foi uma espécie de alto sacerdote de pelo menos três fornadas de jovens que viram nele a possibilidade de combinar esporte e cultura. Era um criador, um intelectual, um homem informado sobre arte, jazz, literatura, só que sem o menor ranço acadêmico ou bacharelesco – e, ao mesmo tempo, sabia tudo de mergulho, caça submarina, motocicleta. Muito por sua causa, rapazes e moças da geração de Arduíno Colassanti voltavam para casa, guardavam os arpões e iam ler, escrever ou pintar. Yllen era amigo de Millôr Fernandes, Paulo Francis, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, freqüentava a casa do pintor Enrico Bianco. Em seu rastro, muitas portas se abriram para aqueles moços.²¹³

Cumprindo a função de canal de comunicação entre o mundo do esporte e o mundo da cultura, uma das portas abertas por esse “alto sacerdote do Arpoador” está naquela que, possivelmente, foi a primeira coluna de jornal a tratar especificamente sobre surfe.

²¹³ Castro, op.cit., p. 398.

Publicada semanalmente no diário O Jornal, sua origem está alguns anos antes quando Yllen Kerr foi convidado para assinar uma coluna sobre esporte naquele periódico. Ao invés de fazê-lo, indicou o nome de Arduíno Colassanti. A idéia original era, amiúde, que fosse uma coluna dedicada a esportes em geral, daí seu primeiro nome: “Esporte é gente”. Como Arduíno se identificava mais com o mergulho, com a caça submarina e com o surfe, seu nome e seus assuntos passaram a ser, depois de um período, “Surf e caça”. E é claro que a possibilidade de já ter uma coluna semanal num jornal de considerável circulação, tratando do cotidiano do esporte constitui-se em mais um trampolim para sua divulgação. Temos aí então um exemplo claro do papel que Yllen Kerr desempenharia no surfe, sem mencionar a possível influência para a entrada de Colassanti nas produções do Cinema Novo que, como vimos, também ajudaram a projetar aqueles ideais.

Nesse período também começam a surgir as primeiras iniciativas comerciais “mais sérias” do surfe. Em 1965 um coronel da aeronáutica chamado José Freire Parreiras Horta abriria uma fábrica de pranchas: a São Conrado Surfboards. Pouco tempo depois, em 1969, o coronel Parreira, como era conhecido, compraria licença para fabricar pranchas de poliuretano, importadas ao Brasil pela empresa Clark Foam, cujo representante nacional era Russel Coffin, o mesmo que emprestou sua prancha para Peter Troy em 1964.

No mesmo sentido, cita-se o aparecimento da primeira loja especializada na venda de acessórios e roupas ligadas ao surfe: a loja Magno, situada na rua Gomes Carneiro, em Ipanema. A Magno, além de importar roupas, oferecia premiação nas competições. Logo em seguida, inaugurou-se mais duas lojas, a Ala Moana e a Ocean Pacific (OP). Esta última de propriedade do Cidão., que segundo Rico de Souza, “foi um dos primeiros a encarar o surf no Brasil com uma visão empresarial. Ele começou com lojas de varejo e depois partiu para a indústria, com confecção própria [...] Em 1976 Cidão levou o surf para

a região sul do país, promovendo competições em Florianópolis, Santa Catarina”.²¹⁴

Em 1966, a loja Magno, que já havia premiado competidores nas disputas realizadas anteriormente, organiza um campeonato: o Campeonato de Surf da Magno. Nesse mesmo período, o fluxo de pessoas e informações seguiria um sentido inverso. Dessa vez seriam os brasileiros a viajarem para o exterior aprofundando ainda mais o processo de institucionalização do surfe. O primeiro nome de que se tem notícia nesse sentido é o de Carlos Eduardo Soares, o Penho, que viajou ao Havaí em 1966. Lá, participou de campeonatos e conheceu nomes consagrados do esporte. Na sua volta ao Brasil, Penho trouxe na bagagem as “minimodels”, pranchas muito menores do que aquelas que se usavam, e que entre outras coisas, permitia maior mobilidade ao surfista.²¹⁵ Trouxera também novas técnicas e materiais para se fabricar pranchas, sem mencionar outros hábitos como os de viajar, a vida simples e assim por diante.

Pier de Ipanema: surf e contracultura

Entre o fim dos anos 60 e o início dos anos 70 Ipanema e todos os seus costumes já eram sucessos. O Cinema Novo já havia consagrado Deus e o diabo na terra do sol (1964) e Terra em transe (1967). Os ipanemenses Roberto Menescal, Tom Jobim e João Gilberto já haviam realizado o lendário concerto no *Carnegie Hall* em Nova York (1962), que dera notoriedade internacional a Bossa Nova. Com o prestígio, Ipanema se tornou um bairro desejado. O Arpoador, por exemplo, passou a receber uma legião de banhistas, que consciente ou inconscientemente, tentavam partilhar os valores e visões de mundo que haviam sido protagonizados naquela faixa de areia. Os antigos *habitués* da praia, em contrapartida, passaram a buscar refúgio em outros locais. Fugindo da multidão, um novo

²¹⁴ SOUZA, Rico de. **A importância do pier de Ipanema**. Disponível em <http://www.blogdorico.globolog.com.br/archiv>

²¹⁵ A esse respeito ver MARCUS, Ben. **A história das pranchas de surf**. In: ALMA SURF. Ano 7, n. 39, jul./ago. 2007.

trecho se consagraria. Segundo Ruy Castro, “o Arpoador, recém-descoberto pela multidão, começava a exportar seus excedentes para a região que, finalmente colonizada, ganhara um nome: Castelinho”.²¹⁶

De uma perspectiva mais geral, a época testemunhava a consolidação de uma revolução cultural, que tinha o jovem no centro dos acontecimentos, e que incidia poderosamente no plano dos comportamentos. Coerente com sua “vocação” de vanguarda, Ipanema continuaria sendo palco privilegiado para a manifesta  o de muitos desses novos costumes. Entre eles, o mais conhecido de todos talvez seja a contracultura, imortalizada na figura dos hippies.

Seus comportamentos eram um espécie de materializa  o de idéias contestat  rias. Para os hippies a questão não era se adaptar a vida moderna, mas, inversamente, nega-la. Tratava-se de uma iniciativa para contestar a cultura no conjunto de sua organiza  o. Nesse sentido, seus comportamentos exóticos, seus descasos para com o decoro e com a etiqueta comportamental, o uso de batas indianas e roupas multicoloridas, longe dos padrões ocidentais tradicionais, a ado  o de misticismos e outros orientalismos como a moda dos rituais budistas “Om” sintetizam seus ideais.

A valoriza  o da segurança e da previsibilidade cedia lugar a liberdade e a dimensão imprevisível da vida através da exalta  o de um estilo de vida nômade. A impessoalidade e a superficialidade das rela  es deveriam dar lugar a uma vida marcada por relacionamentos interpessoais mais íntimos. A artificialidade das grandes cidades seria substituída por uma vida em contato mais próximo com a natureza numa organiza  o social de caráter mais comunitário com vida simples, dimensionada numa perspectiva coletiva, afastada da cultura do consumo, praticando a agricultura orgânica em perfeito equilíbrio com o meio ambiente: “os bens e aptidões são repartidos no seio da comunidade

²¹⁶ Castro, op.cit., p. 97.

hippy. O sentido comunitário é a própria base do movimento, e sôbre êle repousa o nôvo estilo de vida que os hippies querem afirmar e difundir”.²¹⁷

Tais convicções vão impregnar também o mundo esportivo, e o farão mais notadamente por intermédio do surfe. No Rio de Janeiro, o resultado dessa aproximação é a saída de cena da “geração surf”, muito mais comedida, que dá lugar aos extravagantes “surfistas hipongas” e pouco depois para a “geração cocota”, seus herdeiros indiretos.

Os hábitos dessa geração, confluentes a todo o imaginário contracultural da época, ganharam certo destaque nos meios de comunicação. Seus trajes e comportamentos iam atraindo atenção pelo exotismo e excentricidade que representavam. Por exemplo, um hippie que usava sempre um chapéu de palha e uma bola de natal pendurada na orelha se tornaria figura comum nas praias da Zona Sul, sobretudo Ipanema. Igualmente, personagens como Sandro, um profeta viajante e amigo de Thimoty Leary, se tornaria famoso nas areias da Zona Sul pela sua pregação por uma vida em comunhão com a natureza, realizada quase sempre ao lado do seu cachorro adepto da macrobiótica.

Os ritos, festas e cerimoniais também chamavam atenção. No verão de 72-73 popularizou-se em Ipanema a “Recepção ao Pai Sol”. Na mesma época, um outro profeta das areias cariocas difundiu rumores de que um maremoto de proporções bíblicas atingiria o Rio de Janeiro em 18 de janeiro de 1973. Criou-se certa expectativa para ver o Cristo Redentor transformado em Estátua da Liberdade, cercado de água por todos os lados. O palco privilegiado para a expressão desse tipo de conduta já não seria o Castelinho.

O início de obras para a construção de um emissário submarino criou um lugar que entraria definitivamente para o folclore da cidade: o píer de Ipanema. Reunindo artistas, intelectuais e “pessoas que agraciam a visão do mar, da montanha, o sol e tocam flauta de madeira”, o píer seria um dos principais palcos da contracultura carioca. Os surfistas, mais

²¹⁷ “HIPPIES”... a utopia da década de 60. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1969. p.29.

do que integrados a paisagem, seriam os atores responsáveis pela “descoberta” do lugar.

No início, tratava-se de território pouco freqüentado. Como diz uma reportagem da Veja: “o píer foi durante muito tempo o único ponto de Ipanema imune à corrida rumo ao mar”. A única exceção, segundo a mesma reportagem, era um grupo de aproximadamente 30 surfistas, que “havam descoberto, que por causa dos tubulões que avançavam pelo mar, as ondas ficavam mais fortes e quebravam mais longe da praia. Os surfistas, autênticos representantes da *jeunesse dorée* do Rio de Janeiro, inclusive pelo tom da pele, trouxeram as suas meninas, as gatinhas”.²¹⁸

As influências da tribo do surfe extrapolariam o simples pioneirismo. A própria denominação píer, fora uma homenagem a uma construção similar que havia na Califórnia, ou seja, numa referência muito próxima ao recém-descoberto universo simbólico do surfe. Além disso, o grupo de surfistas compunha a “linha de frente” da pequena e caricatural comunidade dos “pieranos” que passaria a freqüentar o local. “Bem junto ao mar, na primeira fila desse show em que a platéia se confunde com o palco, ficavam os surfistas cercados de pranchas e gatinhas”.²¹⁹

Seguindo o receituário woodstockiano, a sociedade do píer, da qual os surfistas eram um dos principais partícipes, preocupava-se basicamente em não se preocupar. Uma das suas principais ocupações era não fazer nada, e sempre tentando fazê-lo com grande entusiasmo. Assim, o hedonismo e a ludicidade eram vertentes culturais que iam predominando na edificação daquele *ethos* esportivo.

Segundo Gilberto Velho, que por ocasião de sua tese de doutoramento analisou etnograficamente esse grupo social em 1971, podia-se notar uma forte tendência ao espontaneísmo, isto é, uma certa despreocupação em justificar intelectualmente seus comportamentos.

²¹⁸ VEJA. **Foi apenas sonho e acabou: a história de um esgoto, de uma festa em Ipanema e de um maremoto.** São Paulo: Abril, 07 de março de 1973, p. 41.

²¹⁹ Ibid.

Esses jovens estão permanentemente em disponibilidade para a brincadeira e o prazer. Não existem horários, atividades, etc., em que, em princípio, tenham que abrir mão dessa aspiração. De certa forma, “não têm horário”, ou seja, não respeitam nem seguem os horários vigentes de acordo com um determinado calendário oficial [...] Não se coloca, por exemplo, a possibilidade de um emprego fixo, mais ou menos convencional. Não há projetos nem planos que visem ao desempenho de papéis sociais ligados ao mercado de trabalho regular [...] Critérios de sucesso da sociedade abrangente, como prêmios, fama, dinheiro, são secundariamente valorizados [...] Não só não trabalham, como não aceitam o papel que a ideologia dominante tenta lhes impor – o de estudantes ou de jovens que se preparam para produzir [...] A expressão “primeiro o estudo, depois o divertimento” não faz sentido para esse grupo. A própria idéia de férias perde muito o significado original, pois de certa forma estão permanentemente em férias [...] A idéia de uma vida universitária voltada para uma profissionalização soa repugnante [...] Tudo que não seja fonte de prazer, que frustre a possibilidade de prazer, que adie ou dificulte é ruim, não vale a pena, é desinteressante.²²⁰

Discutir contracultura para aquelas “maravilhosas crianças do underground carioca” era “discutir a cotação do dia da maconha”.²²¹ O clima de informalidade predominante fazia do cotidiano algo mais permissivo. O sexo, por exemplo, aparecia como “uma possibilidade permanente”.²²² A valorização do corpo e sua constante exibição pública, quase sempre em estado de seminudez, reforçavam essa dimensão erótica e festiva de seus comportamentos. A própria celebração do uso de drogas e dos “estados de consciência não comum” também se articulavam com essa escala de valores, numa dimensão que também repercutira profundamente no surfe. Em suma, “o hedonismo do grupo gira em torno do sexo, dos tóxicos e do esporte”.²²³

Diante da constante recusa em se engajar nos processos de preparação para um futuro profissional produtivo, é o surfe quem se apresenta como uma das principais atividades capazes de realizar tais aspirações. Em outras palavras, o surfe, configurado como um elemento central nos seus estilos de vida, nas suas atividades cotidianas, torna-se fonte de realização dos impulsos hedonistas. A busca por uma vida de prazer se realiza na busca por uma vida dedicada quase que exclusivamente ao surfe.

²²⁰ VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 159, 160, 161, 163, 177, 178.

²²¹ Veja, 07 de março de 1973.

²²² Velho, op.cit., p. 144.

²²³ Ibid., p. 174.

A geração seguinte, dos “cocotas”, manifestaria esses traços de forma ainda mais explícita. Composta por jovens da Zona Sul entre 12 e 16 anos, eram retratados como “descendentes diretos dos ripongas”. Um dos seus traços mais marcantes seria a paixão pelo surfe, que os consumia e os justificava. Assim, umas das características mais marcantes desse grupo seria:

o culto ao surfe, praticado com devoção todas as manhãs ou algumas palavras do limitado vocabulário hoje conhecido como “surfês” [...] Praticamente todo o dinheiro da mesada dos cocotas – quase sempre pertencentes a uma classe média mais ou menos alta – é gasto com apetrechos destinados a fazer com que deslizem sobre as ondas mais altas.²²⁴

Ou seja, era o surfe quem se apresentava como um dos elementos básicos e fundamentais para designar o pertencimento ao mundo dos cocotas. Em linhas gerais, todo o grupo geracional obedecia a um determinado estilo, em quase tudo ligado ao surfe. Os mais bonitos e comportados eram identificados como gatos e gatas. Os desamparadamente feios eram reconhecidos como bregas. Os mais arrojados nas manobras sobre as ondas eram chamados de feras, uma espécie de título honorário reservado apenas aos mais audaciosos de fato. As vestimentas, reconhecida máscara de *status* e diferenciação, também os tornavam facilmente identificáveis. O cóis das calças rebaixadas e com boca estreita eram a preferência geral. Meninas sem maquiagem com predileção por rapazes de cabelos louros e cumpridos estimulavam o uso de água oxigenada ou mesmo da parafina aplicada nas pranchas nos cabelos. Outra característica era o uso de “camisas americanas hang-ten, com dois pés estampados como marca registrada. Aliás, no mundo dos cocotas, tudo o que é americano é melhor”.²²⁵

Aqui, uma vez mais, percebe-se como a construção desse sistema cultural busca inspiração no exterior, tendo como foco básico de interesse a cultura norte-americana de maneira geral, que pode ser representada tanto pela música pop, como pelos filmes de

²²⁴ VEJA. **Geração cocota**. São Paulo: Abril, 04 de junho de 1975, p. 52.

²²⁵ Ibid., p. 53.

Hollywood, quanto pelos esportes californianos. Sob este aspecto:

O tipo físico do surfista é bem característico e funciona como estereótipo, na população local, para identificar esse grupo de jovens. Geralmente são louros ou alourados, com o cabelo queimado de sol e muitas vezes oxigenado, com intenção explícita e consciente de estarem de acordo com a imagem adequada de um surfista.²²⁶

Essa “imagem adequada de um surfista” é fornecida pela profusão de produtos tais como o filme *Endless Summer*, por exemplo, que conta a história de dois jovens californianos que saem em busca das melhores ondas do mundo, apresentando os surfistas como pessoas que apreciavam a aventura e uma vida nômade, devotando suas vidas quase que exclusivamente ao esporte. A partir dele, o resto do mundo poderia ter um olhar desobstruído do surfe como um estilo de vida. E de fato, o modelo divulgado por esta película se estabeleceu inequivocamente e de forma hegemônica. Desde então, noções e valores vinculados naquela obra, tais como a idéia de viagem a lugares paradisíacos ou o desapego a bens materiais, nunca mais deixariam o esporte.

Grosso modo, estamos tratando de uma estratégia de formação moral pautada num parâmetro de modernidade relativamente original, menos europeu e mais americano, menos literário e mais imagético. Sob este aspecto seria interessante considerarmos as teses de Victor Melo, para quem o processo de fundação da sociedade moderna sempre esteve perpassado pela imagem, que desempenhou um papel central, particularmente através do cinema. Seguindo suas indicações, pode-se afirmar que tal processo de supervalorização da imagem (ou a adoção do critério padrão-imagem como símbolo de modernidade) não se deu somente a partir da linguagem cinematográfica, mas envolveu também outras manifestações, que incluem aí, o esporte. Ainda de acordo com o autor, a exacerbação contemporânea desses traços através da espetacularização do corpo, do movimento e da velocidade podem ser visto como “o auge de um longo processo”.²²⁷

Por outro lado, Melo adverte: “o americanismo foi um polarizador das discussões

²²⁶ Velho, op.cit., p. 138.

²²⁷ MELO, Victor. **Cinema e esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006, p. 27.

relacionadas às peculiaridades da modernidade”, onde, a partir da segunda metade do século XX, os Estados Unidos exerceriam grande influência e demonstrariam inquestionável hegemonia no que toca ao uso dos meios de comunicação de massa, sobretudo aqueles ligados ao mundo da imagem. Não por acaso, “o esporte somente seria controlado pelos norte-americanos com o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos mecanismos imagéticos e quando fosse definitivamente englobado pela economia capitalista”.²²⁸

Nesse sentido, o surfe é um exemplo emblemático. Sua difusão global passa, fundamentalmente, pelo crivo da imagem, que inclui, além dos filmes e fotografias, os anúncios publicitários. Trata-se de um esporte que potencializa todo um *modus operandi* que “é construído, em grande medida, pelo universo da comunicação”.²²⁹ Não é por acaso portanto, que, no Brasil, a geração que o adotaria como “estilo de vida” seria exatamente a “geração 68”, ou seja, uma geração de jovens que, nas palavras de Zuenir Ventura, “se socializou através de imagens e não através de livros”.²³⁰

A referência à cultura norte-americana será, a partir daquele momento, um traço típico das classes médias urbanas do Brasil. Desse modo, tem-se, por exemplo, a estratégia da produtora de cinema Vera Cruz, que se dirige a incorporação dos padrões cinematográficos hollywoodianos. Segundo os argumentos de Renato Ortiz, “ao produzir um cinema mais sofisticado não se está tomando como parâmetro o filme de autor, por exemplo o neo-realismo italiano, mas uma dramaturgia que se assenta na conquista tecnológica e na produção industrial de caráter empresarial”. O autor continua afirmando, de modo ainda mais esclarecedor:

Os anos 40 marcam uma mudança na orientação dos modelos estrangeiros entre nós.

²²⁸ Ibid., p. 37.

²²⁹ FORTES, Rafael. O surfe nas ondas da mídia: uma proposta de abordagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

²³⁰ VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não temrinou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 34.

Os padrões europeus vão ceder lugar aos valores americanos, transmitidos pela publicidade, cinema e pelos livros em língua inglesa que começam a superar em número as publicações de origem francesa [...] Os padrões de orientação vigente são, portanto, os do mundo do *star system* e do *american broadcasting*. Nas rádios, este é o período em que a música americana se expande.²³¹

Neste quadro geral, as possibilidades de reproduzir as experiências hedonistas e “improdutivas” tais como apresentadas pela indústria cultural norte-americana só será possível a uma fração de classe mais ou menos restrita. Será graças ao seu *status* de classe média alta, partilhado por boa parte dos surfistas dos anos 60 e 70, que o sonho do verão sem fim se tornará factível. De acordo com as conclusões de Gilberto Velho, “o estilo de vida do grupo, mesmo que seus membros não estejam voltados para as atividades valorizadas pelas suas famílias de origem, apóia-se na possibilidade de usufruir a posição sócio-estrutural deles”. Ou seja, “o estilo de vida e a visão de mundo do grupo só pode se manter, nas características descritas, apoiados na posição sócio-estrutural de suas famílias”.²³² Trabalhar não é exatamente uma necessidade e no caminho inverso, não trabalhar deixa de ser apenas uma simples opção e torna-se um recurso potencial.

É a partir desses universos de possibilidades, abertos tanto pelo contato com produções culturais norte-americanas quanto pelas condições materiais de existência fornecidos por uma classe média bem cuidada, que o surfe se consolida como algo que vai muito além de um esporte. Nesses termos, surfe é cultura ou um estilo de vida, que compreende uma forma de se vestir, de se alimentar e de gozar a vida.

O surf deixou de ser somente um esporte para se transformar em algo transcendental. Como diz Otávio, o campeão, “surf tem muito a ver com as transas do astral. Surf é ioga”. Vegetariano, macrobiótico na medida do possível – principalmente quando sua mãe não esquece de comprar arroz integral nas “Casas da Banha” –, Otávio, vinte anos, fala das ondas como se fossem entidades para serem adoradas: “Uma onda é um troço lindo. Ela dá a você sem nada pedir em troca. Você se desinibe perto dela. Na onda você entra no Nirvana, onda é Zen, é andar andando, fazer fazendo, é isso aí, morou”?²³³

Mas é óbvio que a realização do sonho de verão sem fim não seria sustentado pelas

²³¹ Ortiz, op.cit., p. 70 – 71.

²³² Velho, op.cit., p. 167 e p. 168.

²³³ Veja, 07 de março de 1973, p. 41.

famílias *ad infinitum*. Cedo ou tarde as maravilhosas crianças do underground carioca teriam que crescer e garantir seu sustento com recursos próprios.

Um caminho possível para conjugar a vida nômade do surf com as necessidades de emancipação da maioria era profissionalizá-lo, isto é, garantir meios de se extrair do próprio divertimento formas de subsistência. Nesse sentido, amplia-se um movimento de tentar organizar o esporte em termos comerciais. Na prática, isto se traduz num esforço de garantir ou de expandir uma organização institucional capaz de promovê-lo nos moldes esportivos convencionais e estabelecidos, qual seja, com premiações, patrocínios, campeonatos, rankings e etc. Valendo-se de uma racionalidade empresarial, que ganhava cada mais espaço nas mentalidades brasileiras, o surfe se integraria as dinâmicas mais gerais de ampla e irrestrita comercialização de bens simbólicos que marcariam os anos 70.

Profissionalização

Desde o início dos anos 60 o universo do surfe se viu envolto numa grande cisão. De um lado, um grupo de surfistas, sobretudo australianos, militando a favor de uma profissionalização do esporte, com o incremento de organizações institucionais e aumento da quantidade de competições, que deveriam contar com prêmios em dinheiro e patrocínios. De outro lado, identificado ao que se convencionou chamar *soul surfing* (surfe de alma), um grupo formado basicamente por californianos e havaianos alegavam ser o surfe um estado de espírito, onde esse tipo de iniciativa desvirtuaria os verdadeiros sentidos do esporte.

Em 1964, contudo, criou-se a Federação Internacional de Surfe, em Manly, na Austrália, o que representou a formalização das expectativas ligadas ao desejo de profissionalização do esporte, onde se acreditava que as competições consolidariam uma nova imagem, não tão atrelada à vagabundagem e a uma vida ilícita. Abriu-se franco

debate entre essas duas perspectivas.²³⁴

Em 1966, com a conquista do título mundial pelo australiano Nat Young, começou a falar-se de uma “nova era”, onde a concepção australiana (competitiva) prevaleceria. Em 1968, um produtor de televisão e um surfista criaram a Associação Internacional de Surfistas Profissionais, coroação definitiva desta concepção. As diferenças quanto às formas de conceber o surfe se manifestavam, inclusive, no estilo de surfar. O surfe australiano ia se caracterizando por uma certa agressividade, enquanto o norte-americano “dançava com as ondas” de maneira mais fluída.²³⁵

Daí em diante as divergências ganhariam maiores proporções. Na Califórnia, Mickey Dora passou a combater ferrenhamente a popularização do hábito de surfar, em larga medida proporcionada pela massiva distribuição das imagens do esporte através de filmes e produtos que iam atraindo uma multidão para as praias. O crescente número de praticantes causava o descontentamento de alguns, tais como o próprio Mickey Dora, que acusavam tal processo como sendo o responsável pelo incômodo aumento do número de surfistas.

Em 1975, depois de ter tido um bom desempenho nas ondas havaianas, o australiano Rabbit Bartolomew regressou ao seu país onde escreveu um artigo dizendo que o estilo australiano era o melhor do mundo, servindo de inspiração aos próprios havaianos. No ano seguinte, ao voltar ao Havaí, Bartolomew “foi cercado por havaianos sedentos por um acerto de contas. Sem dó, os locais socaram e deformaram a cara do australiano, que perdeu os dentes da frente, teve seu nariz quebrado e sua cara rasgada em vários lugares”.²³⁶

No Brasil, polêmicas envolvendo posições contrárias ou partidárias a

²³⁴ BOTH, David. Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing. **Journal of Sport History**, Vol. 22, No. 3, 1995, p. 193.

²³⁵ Ford, Brown, op.cit.

²³⁶ FLUIR. **Localismo no século XXI**. São Paulo: Peixes, Junho de 2005.

comercialização e institucionalização do surfe não replicaram com essa intensidade. Provavelmente porque nos anos 60 ainda não havia um público consumidor de surfe em número tão considerável assim e, por conseguinte, os mecanismos de comercialização não seriam tão ostensivos. O próprio processo de industrialização da cultura de uma forma mais geral ainda era bastante precário entre nós. Cinema, rádio, televisão, imprensa, teatro, música, tudo era comercializado de modo bastante improvisado, não conseguindo criar uma cadeia produtiva com alcance suficientemente abrangente.²³⁷ Os primeiros passos de comercialização do surfe não fugiram a regra.

No entanto, com o golpe civil-militar de 64, a continuidade e mesmo o aprofundamento no desenvolvimento de padrão de produção e sociabilidade de tipo capitalista estariam assegurados. O novo regime permitiu a ampliação dos recursos materiais para a industrialização da cultura, bem como, através de suas políticas econômicas, o fortalecimento das classes médias, aumentando assim o número de consumidores possíveis. As consequências de tais dinâmicas para o campo esportivo, e particularmente para o surfe, se fariam notar nos anos 70. Nessa época já se tem uma massa de consumidores disponíveis para a aquisição de produtos relacionados ao novo esporte, já devidamente estabelecidos como uma cultura e um estilo de vida.

Cada vez mais, pode-se notar a presença de surf, surfistas ou correlatos em revistas, jornais e televisão. Este fato pode ser parcialmente explicado porque, quase que de uma hora para outra, uma “explosão surfográfica” fez com que invadisse as casas deixando atônita uma geração que não conseguia entender bem o que estava acontecendo. De repente viram seus filhos com uma maneira diferente e característica de falar, se vestir e até de pensar. Além desses próprios surfistas, que procuram ter acesso a todo tipo de informação que lhes diga respeito, essa geração surpresa se constitui num excelente mercado para estes jornais, revistas e televisão.²³⁸

A disposição desses consumidores está ligada tanto a disponibilidade financeira para a compra de materiais, quanto a disponibilidade moral para a recepção e aquisição desses produtos e de todos os valores que eles encerram. Da mesma forma, já se tem

²³⁷ Ortiz, op.cit.

²³⁸ BRASIL SURF. **Editorial**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, nov./dez., 1975, p. 7.

também um aparato técnico mais elaborado que permite a produção de acessórios e equipamentos mais sofisticados e em quantidade maior. Por último, pode-se citar ainda a sedimentação de uma mentalidade mais gerencial entre os próprios praticantes, que além de precisarem de receitas para sua emancipação econômica, vão se embebedando nessa nova sensibilidade industrial-comercial que assola o país em vários segmentos, incluindo o esportivo.

Já em 1973, Maraca, um surfista que havia abandonado o curso de administração de empresas da PUC para “viver do esporte” já dizia que o surfe estava mudando.

Imagine que veio aqui um cara do programa “Flávio Cavalcanti” propor para a gente agitar a Vera Fischer como “Miss Surf”. É um troço ridículo, mas, se pintar alguma grana, a gente vai ter que topar [...] Eu me toquei a tempo. Rompi com as engrenagens e hoje vivo do surf. Mas, pô, não é fácil, podes crer. Faço prancha para vender, mas já fui obrigado a vender até a minha prancha para descolar o leite da criança.²³⁹

Em princípio, a transformação do surfe em algo comercializável sofria de certo paroxismo, sem que isso chegasse a ser percebido propriamente como uma polêmica ou um dilema. Na prática, isto significava a abertura à possibilidade de fabricar e vender materiais, numa atitude que se queria alternativa e contrária ao “sistema”, “rompendo com as engrenagens”, ao mesmo tempo em que iniciativas de exploração comercial mais abrangentes e com alcance maior eram avaliadas como ridículas, mas possíveis, caso envolvessem dinheiro.

O limite entre essas duas opções, estabelecido de maneira bastante intuitiva e esotérica, parece ser a cultura da subsistência, ou seja, enquanto se comercializa em pequena escala, para o próprio sustento, isto não representa uma distorção de valores. A partir do momento em que se tem a produção de excedentes, o lucro excessivo ou a mais valia, então o processo está sujeito a críticas.

De maneira mais geral, poderíamos dizer – parafraseando David Both – que “existe uma ambigüidade no prazer e na disciplina”. A institucionalização do esporte, que significa

²³⁹ Veja, 04 de junho de 1975, p. 75.

sua modulação nos termos do espetáculo esportivo, encerra algum nível de disciplinarização. É preciso, por exemplo, determinar antecipadamente um calendário para as competições. Nem sempre o local das disputas será aquele que tem as melhores ondas ou o da preferência dos surfistas. Em suma, trata-se de um processo que traz, inevitavelmente, alguns embaraços, tais como a necessidade de treino, o cumprimento de contratos e uma série de outras responsabilidades e compromissos. Nesses termos, o conteúdo libertário, transgressor e transcendental fornecidos pela experiência do contato com o mar, que denota uma vivência quase espiritual, seria substituído por uma mentalidade mais convencional, isto é, mais condizente com a competição e com a busca de lucros e resultados. O esporte seria então profanado.

Por outro lado, e paradoxalmente, essas serão as circunstâncias que produzirão as condições necessárias para a concretização de uma vida que se realiza no surfe. Ou seja, para o surfista, ter um aparato institucional a disposição significa a possibilidade de ter patrocinadores que lhe permitirão ser surfista vinte e quatro horas por dia, realizando todos os seus ideais. Shaun Thomson, famoso surfista dos anos 70, exprime bem esse sentimento numa entrevista concedida a Rico de Souza. Quando perguntado sobre o que pensava a respeito dos campeonatos e do surfe profissional ele dissera que “o profissionalismo é, indiscutivelmente, a melhor maneira de unir o útil ao agradável. Dinheiro para pegar onda”.²⁴⁰

Alguns outros casos são emblemáticos dessa ambigüidade. Mickey Dora, como vimos, tornou-se famoso no mundo do surfe não só por seu estilo, mas também por ser um dos principais difusores de um discurso de ódio contra a comercialização do esporte. Em artigos escritos na revista *Surfer*, criticou frontalmente iniciativas como o filme *Gidget*, que segundo ele, convertia uma horda de garotos em novos surfistas que invadiam a praia

²⁴⁰ BRASIL SURE. **Shaun Thomson**. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, set./ out. 1975, p. 33.

de Malibu. Logo ele que, curiosamente, não só contribui para o roteiro do filme como trabalhou de dublê nas cenas de praia. O tom hostil e agressivo das suas idéias também não lhe impediram de fabricar seu próprio modelo de prancha para comercialização, tampouco de ser garoto propaganda das marcas Hang Ten e Greg Noll, aparecendo em anúncios de página inteira de revistas especializadas.²⁴¹

No Brasil, o discurso e as práticas de alguns surfistas também expressavam tais contradições. O já mencionado Maraca é um exemplo interessante nesse sentido. Além dele, outros praticantes se arriscavam em pequenos empreendimentos, sobretudo os de fabricação e venda de pranchas. A frequência cada vez mais constante às paisagens internacionais, sobretudo os Estados Unidos, pode ter contribuído nesse processo, pois assim os brasileiros se colocavam em contato direto com os últimos movimentos de esportivização do surfe, participando de campeonatos organizados por uma associação profissional e testemunhando *in lócus* o crescimento da sua indústria. “A rapaziada viajou, se deu bem lá fora, trouxe idéias novas, nome, experiência, que influiu decididamente, amadurecendo o surf nacional [...] O contato com o surf internacional mostrou ao surfista brasileiro a possibilidade de se conseguir uma remuneração pela qualidade do surf que pratica”.²⁴²

Tudo isso pode mesmo ter influenciado as expectativas deste segmento no Brasil, que passariam a desejar a inserção do esporte brasileiro nessas últimas tendências. Não por acaso, é exatamente depois do início das viagens que se inicia uma febril multiplicação de fábricas de pranchas, bem ao estilo *soul garage* californiano. O surfe brasileiro saía da era dos pranchões importados e ingressava na fase das pranchas e pranchinhas de fabricação nacional.

O inverso também acontecia. Surfistas de prestígio visitavam o Brasil com

²⁴¹ D'OREY, Fred. Desconstruindo Mickey Dora. **Fluir**, São Paulo: Peixes, abril de 2006.

²⁴² BRASIL SURF. **Um futuro próximo**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, set./ out. 1975.

frequência cada vez maior. Mickey Dora, por exemplo, esteve no Brasil em 1969. Em 1972 foi a vez de Garry Linden, que chegou a permanecer no país por um tempo relativamente longo. Produtores como Homero, o primeiro a fabricar pranchas em São Paulo, atribuem a sua presença importância especial.²⁴³ Johnny Rice também esteve no litoral paulista, onde segundo Marcelo Árias, “ter uma prancha dele era extremamente *cool*”.²⁴⁴ Por essa época, Mark Jackola também esteve no Brasil. “Fez centenas de pranchas por aqui, influenciando inúmeros fabricantes locais com seus designs inovadores”. Pode-se ainda citar os nomes de Terry Fitzgerald, Doug Warren, Barry Kanaiaupuni, Mike Tabelling, Tom Parrish, Cheyne Horan, Ian Cairns e Jim Banks, que estiveram no Brasil e por estarem imersos nos últimos acontecimentos relacionados à explosão comercial do surfe nos Estados Unidos, acabavam propugnando, de certo modo, tais ideais.

Em 1972, tem início o primeiro Festival de Surf de Ubatuba, competição que reuniria surfistas de todo o Brasil (especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde a prática também já se encontrava difundida). Iniciativa de Paulo Jolly Issa, que no ano anterior havia fundado a Associação de Surf de Ubatuba, a competição é um indício importante do crescimento de uma mentalidade de esportivização. Já na sua segunda edição, no ano seguinte, que reuniu aproximadamente mil pessoas (entre público e competidores), reivindicava-se que a Confederação Nacional de Desportos (CND) reconhecesse a prática do surfe como um esporte e não como um mero passatempo.²⁴⁵

Mais ou menos no mesmo sentido, em 1975 a loja Magno iniciaria a fase do incentivo aos atletas. Naquele ano, um grupo de seis surfistas cariocas²⁴⁶ foi à competição do litoral paulista como a “equipe Magno”, tendo a loja fornecido transporte, uniforme, alimentação e hospedagem. A presença da equipe foi marcante e chamou muita atenção.

²⁴³ FERNANDES, Adriana. **História do surf no Brasil**. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/surf>>

²⁴⁴ Árias, op.cit.

²⁴⁵ VEJA. **Surfe: em busca de apoio**. São Paulo: Abril, 01 de agosto de 1973, p. 61.

²⁴⁶ São eles: Paulette, Kadinho, Ricardo Bocão, Marquinho Boronguer, Paulo Proença e Otávio Pacheco.

Com “toda a assistência possível e todos os detalhes previamente preparados [...] a Equipe Magno, composta por seis dos melhores surfistas do momento, formou um excelente time, o que vem demonstrar que o 'surfista brasileiro' já começa a encarar o surf profissional de maneira diferente”.²⁴⁷ Na mesma época, a loja chegaria até mesmo a financiar viagens internacionais para alguns surfistas, como o fizera com Rico de Souza, e, na seqüência, organizar competições, como o fora o Campeonato Magno no Arpoador.

No mesmo ano (1975) acontecia o primeiro Festival de Surf de Saquarema, que se realizariam com freqüência anual até 1983 (com exceção de 1979 e 1980). Durante esses eventos, a “onda de reconhecimento do surfe enquanto um esporte” se tornaria cada vez mais ostensiva. Falava-se de forma crescente da necessidade de elevar o *status* de seus praticantes de “feras” para “atletas amadores”. Quando da realização do Festival de 77, já se dizia que: “cultivado em níveis de competição, o surfe brasileiro já não é apenas uma desorganizada atividade de lazer. Os torneios são disputados com regras definidas e a vitória, como em qualquer outro esporte, depende principalmente de treino e experiência”.²⁴⁸

No entanto, o estabelecimento de equivalências entre o surfe e “qualquer outro esporte” não era tão fácil. Esse empreendimento esbarraria na barreira moral colocada pela “ambigüidade do prazer e da disciplina”, que fazia com que muitos surfistas se mostrassem arredios a tais mudanças. Assim, a principal e mais séria dificuldade para reconhecê-lo como esporte seria encontrar esportistas dispostos a tal.

Colocados ante a expectativa de abandonar a liberdade e relativa anarquia com que vêm se dedicando à sua prática, muitos surfistas reagem à perspectiva de se transformarem em cartolas com a irreverência de Ricardo Lima, o Ricardo “Bocão”, de 19 anos, um dos favoritos do IV Festival: “Esse negócio de burocracia não é comigo. Meu negócio é tirar onda, bicho, não sentar atrás de mesa”.²⁴⁹

²⁴⁷ BRASIL SURF. **Ubatuba**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, set./ out. 1975, p. 14.

²⁴⁸ VEJA. **Surfe: atletas da onda**. São Paulo: Abril, 06 de julho de 1977, p. 91.

²⁴⁹ Ibid. Atualmente, Ricardo Bocão é colunista da revista Fluir e, entre outros empreendimentos empresariais, é sócio-proprietário do *Woohoo*, canal televisivo dedicado aos esportes de ação.

Ao mesmo tempo em que os Festivais de Saquarema evidenciavam o impulso inequívoco rumo a esportivização, eles também seriam o lugar onde todas as contradições e ambigüidades colocadas pelos dilemas do prazer ou da disciplina se manifestariam, talvez de forma ainda mais aguda. Produto de uma época onde a “mentalidade do crescimento do esporte” já se encontrava mais amadurecida, os Festivais de Saquarema ampliaram o grau de atratividade a grandes empresas patrocinadoras. A primeira edição do evento, que teve 120 surfistas convidados, contou com a promoção da Ala Moana Surf Shop, da Rio Tur e da TV Rio, além do patrocínio da companhia aérea PanAm, que oferecia as premiações do campeonato, a saber, uma passagem de ida e volta para Honolulu para o vencedor da categoria sênior, e uma passagem de ida e volta para o Chile para o vencedor da categoria júnior.²⁵⁰

Do mesmo modo, nos Festivais de Saquarema foram se apresentando um grupo de surfistas que, nos anos seguintes, seriam os primeiros atletas propriamente ditos, um grupo que passaria a se dedicar ao surfe já tendo em vista certas performances nas competições. Exemplo desta geração de esportistas é encontrado na trajetória de Pedro Paulo Lopes, o Pepê, que venceu o Festival de 76, obteve, no mesmo ano, a sexta colocação no *Pipeline Master* (um prestigioso campeonato disputado no Havaí) e, no fim da década, se tornaria ainda campeão mundial de asa delta, marcando o início da geração dos “atletas da natureza”, uma “geração de saudáveis atletas campeões [que] perseguem o brilho do sol com pranchas, velas e asas deltas”.²⁵¹ Tida como uma geração “jovem e bronzeada”, esses “modernos adoradores da natureza” seriam estereotipados ou estereotipáveis de forma cada vez mais flagrante: “Dormem cedo, elegem a simplicidade em vez dos conflitos, procuram ar puro em lugar de fumaça de cigarros, bebem suco de cenoura e adoram um recheio de

²⁵⁰ BRASIL SURF. **Campeonato de Saquarema**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, mar. / abr., 1975, p. 28.

²⁵¹ VEJA. **Os atletas da natureza**. São Paulo: Abril, n. 700, 03 de fevereiro de 1982, p. 54.

ricota entre duas fatias de pão preto”.²⁵²

Por outro lado, as influências comportamentais (e contraculturais) que grassavam sobre o esporte também se manifestavam intensamente e eram avaliadas como empecilhos. A conduta de muitos surfistas ou simpatizantes, pautada na experimentação de drogas e no sexo livre, repercutia negativamente na cobertura da imprensa, criando, supostamente, uma imagem contra-produtiva para o esporte. Esportivizá-lo, nesse caso, significava moralizá-lo, isto é, associá-lo a imagens de saúde e bem estar físico.

A forma como os Festivais de Saquarema eram retratados representavam o oposto disso. “Parece ter havido a intenção de dar ao que estava programado um caráter dos festivais do fim dos anos 60”²⁵³ e “até os jornaizinhos de bairro publicavam manchetes difamatórias do tipo 'A verdade sobre o Festival de Surf’”.²⁵⁴ Confusões de toda ordem e prisões eram a tônica do evento que, além das competições de surfe, contava também com um festival de música. Os eventos seguintes chegaram a ter um clima de “insegurança e incerteza quanto à sua realização”.²⁵⁵ Ainda assim, e talvez por isso, os primeiros festivais obtiveram sucesso em termos de repercussão. Sua imagem, porém, estava longe daquela desejável para torná-lo respeitável, segundo os que desejavam sua profissionalização.

Contrapondo-se a essas imagens, buscava-se fortalecer a idéia do surfista como alguém que “dava duro no dia-a-dia, trabalhando na manufatura de pranchas, acessórios e vestimentas”.²⁵⁶ Nesse sentido, a criação de uma revista especializada, escrita, editada e produzida por agentes autóctones, apresentava-se como uma possibilidade de inversão dessas representações. Acreditava-se que se retratados pelos próprios surfistas, o esporte não seria tão estereotipado. Por iniciativa de Alberto Pecegueiro e Flávio Dias, em 1975 lança-se a *Brasil Surf*, primeira revista especializada neste esporte no país. Seus objetivos e

²⁵² Ibid.

²⁵³ BRASIL SURF. **Saquarema 76**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, jul.ago., 1976, p. 19.

²⁵⁴ SILVEIRA, Bento Xavier da. Editorial. **Brasil Surf**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, jul.ago, 1977, p., 7.

²⁵⁵ BRASIL SURF. **Saquarema 77: deitando na fama**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, jul.ago, 1977, p. 11.

²⁵⁶ Árias, op.cit., p. 8.

propósitos eram claros: divulgar o esporte no país e torna-lo estável, adulto e digno, bem como formar uma nova consciência voltada para o futuro do esporte no Brasil. Logo no editorial do primeiro número se lê:

Nosso propósito é divulgar o **surf** e o surfista brasileiro [...] BRASIL SURF pode ser o primeiro passo concreto para a tão almejada união dos surfistas brasileiros. União que se faz necessária. Já é tempo deste esporte se tornar estável, adulto, digno da força que conseguiu entre seus inúmeros adeptos. Número que aumenta a cada dia e que precisa ser mais ainda incrementada. É por isso que surgiu essa revista. BRASIL SURF tem um objetivo prioritário: formar uma nova conscientização, voltada para o futuro do **surf** no Brasil.²⁵⁷

No editorial do terceiro número, fala-se da repercussão e da receptividade que o meio surfístico teve para com a revista, o que se media, em parte, pela curiosidade na aquisição do primeiro número e na resposta da publicidade. Sua tiragem que se iniciou com 6.000 exemplares na primeira edição fora aumentada para 20.000 na quarta. Segundo os editores: “O primeiro número praticamente se esgotou em uma semana o que nos forçou a imprimir uma segunda edição, já que a primeira não chegou a sair do Rio de Janeiro, ou melhor, da Zona Sul”. Em meio ao entusiasmo, seus editores tentaram manter prudência ante um entusiasmo fora de hora.

Este resultado, é claro, nos deu muito entusiasmo, mas não nos surpreendeu já que é considerado natural, no campo editorial, que o primeiro número de uma revista tenha uma boa vendagem principalmente no nosso caso que se entra na faixa da curiosidade. Foi no segundo número que começou a se especular sobre uma definição no mercado, levando em conta um fator exclusivo no nosso caso, a assuidade, e o interesse do surfista, o que nos diferencia um pouco dos outros casos. Brasil-Surf é uma revista nova, recém-nascida praticamente. O mercado, que a princípio não nos pareceu tão grande, nos surpreendeu, e já nos deu a segurança de auto-suficiência, que é o caminho inevitável para uma maturidade profissional, o que é só uma questão de tempo.²⁵⁸

Com isso quer-se destacar a idéia de uma “maturidade profissional” no surfe brasileiro. Pouco a pouco surge o entendimento de que um mercado se consolida em definitivo no Brasil, o que traz estabilidade para futuras iniciativas de investimento. O mercado, que a princípio não parecia tão grande, surpreende. Esta surpresa, por sua vez, traz segurança e fortalece a convicção quanto à necessidade de incrementar-se o número de

²⁵⁷ BRASIL SURF. **Editorial**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, mar/abr., 1975, p. 5.

²⁵⁸ BRASIL SURF. **Editorial**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, set./out., 1975, p. 9.

praticantes através de outras iniciativas.

É emblemático sob esse aspecto que, em 1976, no mesmo ano em que o jornal O Globo oferece ampla cobertura ao Festival de Saquarema e repentinamente passa o surfe das páginas policiais para a de esportes²⁵⁹, Alberto Pecegueiro e Flávio Dias, idealizadores da Brasil Surf, tenham, um ano depois da criação da revista, se articulado com Livio Bruni Júnior e Nelson Machado, proprietários da loja Waimea Surf Shop, para a realização de uma grande competição internacional. A disputa, que de fato se realizou anualmente entre 1976 e 1982, seria, nas palavras de Marcelo Arias, o “terceiro membro da trilogia sagrada dos campeonatos de surf dessa época”²⁶⁰ (ao lado dos de Ubatuba e dos de Saquarema).

O Waimea 5000, como foi batizado o evento, ofereceu cinco mil dólares em prêmios e atraiu um público espectador de dez mil pessoas. Para sua realização, seus promotores se empenharam em convencer os membros da *International Professional Surfers* (IPS) da viabilidade financeira do surfe brasileiro. No ano anterior, alguns surfistas estrangeiros fizeram escala no Rio de Janeiro depois de participarem do Guston 500, uma competição na África do Sul. Aproveitando-se da estadia ocasional realizou-se, de maneira mais ou menos improvisada, uma pequena disputa entre estes e os brasileiros. Com a organização da loja Magno e da Aquacenter tentou-se potencializar a atividade da melhor maneira. “É claro que se pretendia dar uma idéia da diferença de uns e de outros. Ocorreu então, que, já que o campeonato tinha atrações internacionais fez-se larga e intensa propaganda nos meios de comunicação”.²⁶¹ Para acompanhar as provas, uma “massa de gente” acabou indo ao local, o que teria inclusive forçado a realização da competição mesmo sem condições ideais de ondas. Com isso, a idéia de organização de grandes eventos internacionais – que estava de acordo com aquele sentimento de surpresa desencadeado pela receptividade dos consumidores diante da oferta de certos produtos, tais

²⁵⁹ Brasil Surf, ano 2, n. 1, jul.ago., 1976, p. 19.

²⁶⁰ Arias, op.cit.

²⁶¹ BRASIL SURF. **Campeonato internacional**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, set./out., 1975, p. 40.

como a própria revista Brasil Surf – ganhou fôlego.

Usando o argumento de que o Rio de Janeiro era, além de tudo, parada quase obrigatória para quem saísse da África do Sul em direção aos Estados Unidos, conseguiu-se, finalmente, fazer do Waimea 5000 um grande e importante campeonato internacional. “A partir de então, o que se seguiu foi uma série de megaeventos que impulsionaram verdadeiramente o surf nacional, uma vez que o público sempre foi gigantesco, e isso atraía o interesse de inúmeros patrocinadores, tais com a US top, a CCE, a Volkswagen”.²⁶² A essa altura a TV Globo já patrocinava Rico de Souza e a cervejaria Brahma fazia o mesmo com Daniel Fredman.

Encerrava-se assim o início do surfe no Rio de Janeiro. Daí em diante, o esporte estaria definitivamente, e cada vez mais integrado a paisagem da cidade. Sua participação na cena carioca de esporte e de lazer seria crescente. Ao longo da década de 80 surgiriam moradores de favelas e mesmo dos subúrbios que se identificariam com a prática, rompendo cm suas origens, circunscritas inicialmente a Zona Sul da cidade. Sua grafia nos jornais vai deixando de recorrer às aspas, ao destaque em itálico ou negrito, a ortografia inglesa do surf ou surfing para se tornar tão somente “surfe”. E mesmo com a permanência de alguns estereótipos mais grosseiros – que também acabam incrementando a sua difusão – o surfe finalmente deixa de ser retratado como um hábito excêntrico, um modismo ou uma novidade extravagante e passa a ser visto como um esporte.

Ainda assim, tal como no montanhismo, mas por motivos distintos, o surfe continuaria sendo “um esporte diferente”. Sua estrutura organizacional convive até hoje com um forte sentido de ambivalência. Mesmo diante do aumento progressivo das premiações e da sua indiscutível institucionalização, preserva-se o sentido de que surfe “é muito mais do que um esporte”.

²⁶² Árias, op.cit.

Meu argumento é que essa ambivalência é mesmo uma estrutura-estruturante e desde sempre esteve presente nesse esporte. Vimos como desde a primeira metade dos anos 60 esboços de uma organização nesses termos já estavam assinaladas com a presença de carpinteiros que vendiam madeirites ou com eventos organizados por uma federação extra-oficial que contavam com apoio do governo e patrocínio da Coca-Cola.

A questão é que naquele momento as condições materiais para esse tipo de desenvolvimento ainda eram muito incipientes; uma mentalidade empresarial ainda não estava absolutamente estabelecida entre os brasileiros, o mesmo podendo ser dito dos surfistas, evidentemente. Nesse sentido, idéias ligadas à profissionalização ainda eram idéias “fora do lugar”, isto é, eram ideais que não tinham as circunstâncias materiais que as produziram em outros contextos nacionais. Mesmo assim, já se pode notar os rudimentos do que, nos anos seguintes, apenas ganharia um corpo mais bem delineado. Trata-se, nos termos sugeridos por Fernando Mendonça Lima, o Fedoca, da passagem de um “comércio dos bastidores” para um “comércio com perspectivas mais amplas”, mas sempre um comércio.

Praticamente, desde que começou o surf no Brasil, desenvolveu-se paralelamente a ele uma atividade de como ganhar dinheiro com surf. Inicialmente essa atividade baseou-se no comércio puro e simples que originou a formação e o crescimento do mercado surfístico. Esse comércio incluía e abrangia todas as variações de transação que têm pintado a até pouco tempo. A primeira atividade que pintou foi a venda dos artigos principais para o surf, como calções, parafina, etc..., que era feita pela moçada que viajava e trazia esses artigos e os vendia sempre em pequena quantidade para uma rapaziada conhecida. Com o tempo, esse “comércio dos bastidores” abriu perspectivas tão amplas que originaram a abertura das “surf shops”, que atualmente só tem se multiplicado.²⁶³

A própria visão de mundo dos surfistas, “preocupados em não se preocupar”, favoreceu a marcha desse processo de comercialização com perspectivas mais amplas. Seus praticantes, a partir das referências de comportamento típicos à esta modalidade, instituídos nos termos próximos de uma *communitas*, tendiam a uma postura de “deixa pra

²⁶³ FEDOCA. Um futuro próximo. **Brasil Surf**, Rio de Janeiro, ano 1, n.3, p. 38.

lá”, “tudo bem”. Em última instância, essa característica, diferente do montanhismo, garantiu as condições para que todos esses processos se instituíssem de forma mais rápida quando comparado com aquele.

Mas isso não significa que a força exercida pela comunidade ou pelas estruturas do esporte fossem menores, pois definitivamente não o eram. O surfe tem também seu código de condutas que emite seus juízos sobre a boa e a má maneira de se relacionar com o esporte. Nesse caso, as interdições não eram nem menores nem maiores, mas de naturezas diferentes, ligadas às trajetórias históricas de cada um desses esportes e tudo o que elas representam. Talvez por isso vê-se no surfista um comportamento mais “desbundado”, para usarmos uma expressão da época.

Com a popularidade que alcançou nesses últimos anos, o surf se tornou alvo da curiosidade de uma imensa massa popular que compensa os investimentos feitos no campo surfístico. A transmissão de campeonatos através da televisão, as notícias de jornais e revistas, se tomam uma imensa propaganda para qualquer patrocinador desses campeonatos [...] Eu, pessoalmente falando, acho que tudo isso vai trazer um clima de competição dentro do surf (que aliás já existe em grande escala no exterior), que vai ser bom para o sistema todo, mas que atinge frontalmente a minha filosofia e concepção de surf, onde ele faz parte da vida como lance importante por si mesmo, pela harmonia com a natureza. Como uma realidade desligada de interesses financeiros e competições, em que a disputa existe numa escala natural só como uma motivação a mais para melhorar. Mas deixa pra lá tudo isso, enquanto a rapaziada estiver em cima das pranchas pegando as ondas por aí e arrepiando e lei da gravidade, tudo bem, vamos nessa que é o boi.²⁶⁴

Em suma, a presença de um mercado parece não ter inviabilizado, ao menos não completamente, a realização dos ideais da cultura surfe. Ao contrário, talvez tenha sido esse mercado que os tornou possíveis, levando os simbolismos do esporte até as casas das pessoas. Por tudo, é difícil pensar o surfe em termos dicotômicos, como sendo a expressão de um impulso libertário e contestador, por um lado, ou a manifestação de lógicas de lucro e mercantilização por outro. É pouco produtivo tentar enquadrá-lo como sendo isto ou aquilo, quando na verdade, ele parecer ser isto e aquilo ao mesmo tempo. Não é possível abstrair o desenvolvimento do surfe do contexto social mais geral em que este se deu. O

²⁶⁴ Ibid.

surfe e os surfistas são produtos de uma época marcada pela industrialização de várias esferas sociais. Seu impulso no Brasil coincide com o surgimento de uma indústria da cultura e é neste e por este quadro que o esporte se propagou.

CONCLUSÕES

Um dos argumentos centrais deste trabalho foi de que o campo esportivo no Rio de Janeiro se submeteu a uma considerável mudança a partir dos anos 60. Essa época testemunhou os primórdios de uma fase de progressiva popularização de atividades realizadas na natureza, que se apresentaram desde então como uma das grandes peculiaridades da configuração contemporânea do fenômeno esportivo.

O resultado desse processo é a constituição de um novo segmento esportivo especializado e com relativa autonomia frente ao campo esportivo mais geral: os esportes na natureza. Sua figuração é produzida, basicamente, por uma combinação de diferentes tradições esportivas que têm, de um lado, o montanhismo, com fortes vínculos históricos com a Europa; e do outro, o surfe, decodificado como esporte nos Estados Unidos e expressão de uma outra dinâmica evolutiva.²⁶⁵

O primeiro pode ser visto como o precursor do hábito de buscar a natureza para a prática esportiva e o segundo, como uma espécie de subproduto mais direto do desenvolvimento da contracultura, dos símbolos de identificação da juventude e da indústria do entretenimento norte-americana.

No caso do montanhismo, vê-se que alguns países da Europa têm nesse esporte, até os dias de hoje, uma das principais expressões da sua mentalidade esportiva. Já o surfe sempre esteve associado ao aparecimento de um estilo de vida jovem, que através de uma permanente celebração do prazer, se apresentava menos comprometido com o sistema de valores dominantes – especialmente a ética do trabalho. Nesses termos, o esporte rapidamente se transformou num símbolo de identificação coletiva para a “juventude

²⁶⁵ Entre os surfistas é muito comum a referência e o estabelecimento de uma continuidade entre o surfe praticado pelos polinésios e a manifestação moderna e especificamente esportiva desse costume. No entanto, no contexto deste trabalho, estarei considerando apenas o hábito modulado no seio da vida moderna, isto é, americana. As conotações ritualísticas e mesmo religiosas dotavam o surfe polinésio de significados bastante diferentes daqueles vinculados pelo fenômeno esportivo.

dourada da Califórnia”.

Essas origens distintas fazem com que cada uma dessas modalidades carregue consigo traços culturais que são também distintos. Ou seja, ao passo em que um esporte é uma representação lúdica e simbólica de um dado arranjo social, as origens diferenciadas de dois esportes tendem a fazer com que cada um deles represente um conjunto de valores que também diferem entre si, pois há uma inexorável interdependência entre os jogos e as culturas.²⁶⁶ Logo, a expressão final dessas representações, isto é, a expressão final do esporte, vai se apresentar de forma diferente, carregando e dramatizando aspectos culturais do grupo que os produziu, exibindo suas cumplicidades.

Assim, um esporte será diferente de outro na mesma medida da diferença entre os traços culturais dos contextos que lhes deram origem. Por isso o futebol, por exemplo, carrega consigo uma série de elementos simbólicos ligados a sua origem inglesa. Do mesmo modo que o seu desenvolvimento no Brasil atribui-lhes usos e formas características e próprias a “cultura brasileira”.

Se pensarmos no contexto que deu origem ao montanhismo, fica claro como os valores românticos e vitorianos da Inglaterra do século XIX acometeram esse esporte.²⁶⁷ As noções de amadorismo ou a preferência pelos clubes como forma de organização, refletem suas origens sociais e que o acompanham até os dias de hoje. No surfe, diferentemente, poderíamos vislumbrar claramente os traços daquilo que Gramsci chamara de americanismo.²⁶⁸

Em contrapartida, se tomarmos como referência o campo simbólico ao quais essas e várias outras modalidades esportivas fazem parte, encontraríamos algum nível de

²⁶⁶ HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

²⁶⁷ Sobre o esporte em geral ver HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern history**. Oxford: Clarendon, 1992. Sobre o montanhismo em especial ver HANSEN, Peter. Albert Smith, the Alpine Club, and the invention of mountaineering in mid-victorian Britain. **Journal of British Studies**, vol. 34, 1995.

²⁶⁸ C.f. GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de cárcere**. vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

compartilhamento de significados. Nesse caso, deve-se destacar que, na prática, diferenças ou semelhanças são sempre questões relativas a certos referenciais, dependendo apenas do ponto de observação do enunciador. A identidade brasileira é diferente da Argentina, na mesma medida em que a identidade carioca é diferente da paulista. Ao mesmo tempo, é inegável que tanto o carioca quanto o paulista, apesar das suas diferenças (e divergências), integram uma nacionalidade comum, isto é, um modo de ser a que chamamos de brasileiro.

Transportando esses exemplos para o âmbito esportivo, pode-se concluir que a compreensão dos mecanismos pelos quais se formaram os símbolos dos esportes na natureza, assim como o entendimento dos seus pontos de articulação, se resume a questões de ordem cultural, naquilo que isso tem de arbitrário e aleatório. Aí, “não devemos pensar a diferença como um Ser, uma essência; ela é sempre relacional e encontra-se situada num contexto determinado”.²⁶⁹

Nesse sentido, devemos considerar que a partir dos anos 60, os dois principais universos de referência que compõe o costume de buscar a natureza para o esporte vão se encontrar, se combinar e dar origem a um novo produto cultural.

Já no final da década de 70, notei que vários surfistas passaram a velejar e a andar de skate, alguns sem largar o surf. Nos anos 80, alguns skatistas e velejadores que iniciaram nessas atividades o seu contato com os esportes de prancha fizeram o inverso – passaram também a surfar. Talvez por essa característica de multi-prática, esses esportes, com forte filosofia de vida por trás de alguns deles, se tornaram primos ou até irmãos. Os praticantes dessas atividades têm afinidades enormes quanto ao estilo de vida, modo de pensar, jeito de se vestir, tipo de música, à maneira como encaram o meio-ambiente, etc...²⁷⁰

É correto dizer, portanto, que o intenso fluxo entre diversas práticas isoladas é a expressão de uma mesma resposta a uma mesma dinâmica geral. O cruzamento e as influências mútuas entre esses esportes permitem-lhes compor um mesmo *ethos* gerando um produto híbrido e que pode ser visto como a intercessão de diversas sub-culturas

²⁶⁹ ORTIZ, Renato. Anotações sobre o universal e a diversidade. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Autores Associados, vol. 12, n. 34, jan./abr. 2007, p. 14.

²⁷⁰ BOCÃO, Ricardo. O surf é o pai de todos os esportes de prancha. **Fluir**, São Paulo: Peixes, ed. 259, ano 24, maio de 2007.

esportivas. Desse modo, a combinação e a hibridização entre símbolos e equipamentos será uma dinâmica característica a esses esportes. O montanhismo e o esqui, por exemplo, historicamente interagem muito intensamente. É comum que alpinistas sejam também exímios esquiadores e que muitas vezes essas duas modalidades sejam praticadas em conjunto, esquiando-se no inverno e escalando-se no verão.

A maneira como Heinrich Harrer anotou suas memórias sobre o início da sua carreira esportiva é bastante ilustrativa: “resolvi concentrar-me nos dois esportes que mais amava pela sua íntima associação com a natureza – o esqui e a escalada de montanhas”.²⁷¹ Do mesmo modo, a maneira como as personagens Vigo e “seu amigo” são representadas no filme “A Montanha Sagrada”, de Arnold Frank, destaca exatamente essa dupla dimensão na constituição dos seus estilos de vida: a prática do alpinismo e do esqui.

Pode-se citar também o windesurfe, uma combinação dos fundamentos do surfe e da vela criado nos anos 60. Idealizado inicialmente por velejadores que desenvolviam ao longo da década de 1950 o conceito de *free-sail*, uma vela feita com equipamentos mais leves e mais manobráveis, a nova invenção só ganharia novas possibilidades sob o domínio dos surfistas. Baseados nas manobras do surfe, o windesurfe ganhou maior versatilidade e cresceu em popularidade.

Do mesmo modo, o paraglider, um variante do vôo livre e mais conhecido pelo seu nome em francês, *parapente*, nasceu do hábito difundido por alpinistas europeus de descer as montanhas usando pequenos pára-quedas. Em verdade, esse esporte nasceu exatamente da fusão entre o pára-quedismo com o montanhismo, da onde vem, inclusive, a origem do seu nome em francês: “para” do pára-quedismo e “pente” que significa encosta, inclinação.

Outro exemplo é o kitesurfe: produto de uma combinação entre a prancha de wakeboard (nascido de uma evolução do esqui aquático, onde ao invés do esqui, utilizava-

²⁷¹ HARRER, Heinrich. **Sete anos no Tibet**. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 15.

se uma prancha mais ou menos similar a do surfe sendo, nesse sentido, uma combinação do surfe com o esqui aquático) com o parapente. Os modelos mais modernos do kite são apenas aprimoramentos dessa combinação inicial. Emblematicamente, um dos principais divulgadores do kitesurfe é o norte-americano Robby Naish, tido como uma lenda viva do windesurfe.

Em outros casos é comum vermos pessoas se dedicarem a várias dessas modalidades ao mesmo tempo. Têm-se escaladores que se tornam voadores de asa delta, surfistas que se tornam escaladores, voadores de asa delta que são também surfistas e assim por diante. O filme *Menino do Rio*, de Antônio Calmon, pinta um interessante retrato dessa nova geração de jovens esportistas. Nele, Ricardo Valente, personagem principal interpretado por André de Biase, tinha no surfe “e” na asa delta os dois elementos principais na constituição da sua identidade.

O filme, produzido em 1981, pode ser visto como o espelho dos resultados daquelas dinâmicas comportamentais e esportivas que se desdobraram na cidade entre os anos 60 e 70, cuja principal característica seria, exatamente, a busca pela natureza e a incorporação desse tipo de esporte no cotidiano da cidade. No limite, o filme representa uma geração de jovens da classe média carioca que pretendiam desfrutar livremente os prazeres da vida através da fruição da natureza, e o fariam através da prática de certos esportes, nesse caso, mais de um.

Essas interseções, onde técnicas e equipamentos usados num determinado esporte se combinam e se alteram criando um outro, ou onde praticantes de uma modalidade adotam outras, ou as praticam simultaneamente, ajudam a evidenciar o quanto todos esses esportes se influenciaram mutuamente, compondo um mesmo quadro. Por tudo, quem pretende analisar em profundidade o fenômeno social da busca da natureza com finalidades esportivas, deve mesmo considerar que o diálogo entre as diversas modalidades que o

constituem está na base da sua formação.

Lembremos que o impulso inicial para a visitação de áreas naturais dizia respeito a uma nova sensibilidade frente ao mar e também as paisagens de montanha e de florestas. O processo Ocidental que deu origem ao reconhecimento de beleza na natureza esteve associado, simultaneamente, a um estímulo de visitação as paisagens montanhosas e marítimas.²⁷² Portanto, dizem respeito, numa só palavra, ao um impulso para interagir e confrontar-se com a natureza selvagem. É nesse sentido que o impulso para a busca por interações lúdicas com o mar e a montanha devem ser vistas como integrantes de um mesmo processo. O desejo de fruição do mar e da montanha acaba respondendo a uma mesma dinâmica.

No Rio de Janeiro dos anos 60 e 70 – e aí um segundo argumento central desse trabalho – essas dinâmicas de “redescoberta da natureza” diziam respeito, mais particularmente, às re-configurações da malha urbana da cidade. Nesse caso, ambos os processos – o da cidade e o dos esportes – estabeleceram um tipo muito particular de relação dialética, influenciando-se mutuamente. Não se trata, no entanto, de uma relação direta, objetiva e redutível à determinações causais. Trata-se, isso sim, de uma espécie de “afinidade eletiva”, onde o desenvolvimento do campo esportivo, tanto quanto do campo urbanístico, integravam uma única, grande e complexa cadeia de significados, ou se preferíssemos, uma conexão de sentidos.

Nesse caso, tais conexões passam, fundamentalmente, por cinco eixos de interpretação, que se apresentam em separado apenas por questões didáticas, pois em verdade, todos eles se encontram profundamente articulados entre si.

O primeiro, diz respeito a uma determinada condição de classe. O ajustamento da

²⁷² CORBIN, Alain. **Território do vazio: a praia e o imaginário social**. São Paulo: Companhia das letras, 1989; MACFARLANE, Robert. **Montanhas da mente: história de um fascínio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. THOMAS, Keitch. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das letras, 2001; TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

malha urbana do Rio de Janeiro a novos meios de produção, notadamente a indústria automobilística, acabou significando a modulação do território da cidade em função do seu uso. Grosso modo, podemos dizer que as reformas representaram um ajuste da cidade à recepção de veículos, que, na condição de bens de consumo duráveis, eram acessíveis somente às classes médias e altas, constituindo-se em símbolos de um novo-riquismo. E à medida que a cidade era preparada para privilegiar o automóvel, pode-se dizer, por conseguinte e em última instância, que ela era preparada para a nova classe média, onde não deixa de ser curioso que o mesmo governo que tenha implementado a maior parte das reformas da época, o de Lacerda, tenha sido acusado de elitista por promover remoções de favelas.

No mesmo sentido, entende-se porque algumas construções foram criticadas. Vimos que o uso quase exclusivo da Ponte Rio-Niterói por automóveis chegou a fazer com que a chamassem “avenida Ipanema-Búzios”. Os recém-construídos túneis acabaram tendo o mesmo destino, com acesso restrito a carros particulares, sendo mesmo proibido a circulação de ônibus por algum período. O plano de urbanização da Barra da Tijuca, de maneira análoga, privilegiou os mesmos estratos sociais, sendo visível até os dias de hoje, os efeitos dessa dinâmica, com sua paisagem dominada por condomínios de alta renda denunciando o legado dessa história.

No plano esportivo, o desenvolvimento dos esportes na natureza também esteve diretamente ligado à posição social do grupo de atores que o praticavam. A disponibilidade de tempo, configurando-os como uma “classe ociosa”; o domínio de idiomas, que permitia o acesso quase imediato as principais inovações de toda ordem do exterior; o capital social acumulado, que os integrava a determinadas redes de relacionamento que, naquele momento, eram estratégicas, pois garantiam o acesso a jornalistas, intelectuais e artistas, pessoas que, enfim, determinavam o parâmetro de vanguarda comportamental; e,

evidentemente, a relativa disponibilidade de recursos financeiros para a aquisição de onerosos equipamentos importados.²⁷³

Uma segunda conexão de sentidos pode ser encontrada – ou construída – a partir da possibilidade de materialização de um novo conjunto de representações da natureza. Nessa época, em escala internacional, desenvolvia-se uma nova sensibilidade ecológica, com a militância ambientalista ganhando projeção internacional e estabelecendo interfaces com um sem número de outras esferas sociais, da ciência a política, dos comportamentos a arquitetura.²⁷⁴ De um ponto de vista urbanístico, multiplicam-se as iniciativas de tentar trazer a natureza para dentro da cidade. No Rio de Janeiro, especificamente, temos a construção de parques e áreas verdes em geral e, fundamentalmente, a elaboração do Plano Lúcio Costa, cujas matrizes conceituais estavam assentadas sob a idéia de “preservar o ar agreste da Barra da Tijuca” e “permitir ao homem da cidade maior comunhão com a natureza”.

Nos comportamentos em geral vê-se a popularização de hábitos ligados a esse mesmo corolário de idéias, onde o modismo da alimentação macrobiótica e orgânica, a jardinagem ou o aparecimento de costumes de lazer na natureza como as férias em hotéis fazenda, o *camping* ou os esportes na natureza podem ser citados como exemplos. Estes últimos, por sua vez, desenvolvem-se quase sempre no sentido de buscar intenso contato com a natureza. Com efeito, são possibilidades de fugir do ambiente das cidades, avaliado como sujo, poluído, decadente e decrépito.

As interfaces entre a aparição desses comportamentos e o desenvolvimento da

²⁷³ Alguns praticantes se referem ao período que compreendo o final dos anos 70 e início dos anos 80 como um período de decadência. Poderíamos nos perguntar o quanto este processo, que viu o fechamento de clubes de montanhismo, a diluição de federações ou a falência de empresas (como a revista Brasil Surf, por exemplo), não estaria relacionado com as dificuldades econômicas da própria classe média brasileira, que a partir desse período, enfrentou grande crise recessiva. Por se tratar do grupo social que dava (e dá) sustentação a tais esportes é possível que tais efeito estejam bastante inter-relacionados.

²⁷⁴ DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; LEIS, Hector. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. São Paulo: Vozes, 1999.

urbes são mais profundas do que parecem a primeira vista. Não por acaso, nessa mesma época, passa a retratar-se o fim de semana das grandes cidades como um tempo onde prevalecia um “impulso irresistível, inquietante até, de se entregar às oportunidades de fugir da cidade”, um período em que prevalecia “a aventura da fuga”: “Sociólogos, psicólogos e urbanistas tentavam explicar as razões que levam uma multidão de pessoas a deixarem a cidade como quem se livra de um pesado fardo”²⁷⁵. Mudanças nas composições demográficas e nos modos de vida das grandes cidades brasileiras, tal como o Rio de Janeiro, impulsionavam o aparecimento de novos hábitos, sobretudo àqueles ao ar livre ou na natureza.

Uma terceira conexão se vislumbra naquilo que poderíamos chamar do “fetiche da tecnologia”. Vê-se ganhar corpo um sentimento de admiração pelas inovações tecnológicas. A realização de obras se encaminhava sempre no sentido de utilizar a última moda em termos de tecnologia de construção: monitoramento de túneis por radar, controle eletrônico de poluição, as mais avançadas técnicas de perfuração de rocha, complexos sistemas de pontes e viadutos, iluminação pública com lâmpadas de mercúrio e assim por diante.

Mais do que simplesmente serem utilizadas, essas tecnologias eram destacadas e, acima de tudo, adoradas. Muitas das obras eram visitadas e algumas delas se transformaram em atrativo turístico. É possível que esse mesmo sentimento de admiração ante ao tecnologicamente mais avançado, também tenha colaborado para a criação de uma disposição para a assimilação dos esportes na natureza. Isto porque sua realização só é possível pelo incremento de novas tecnologias. Em última instância, eles podem ser tomados como a expressão mais acabada de uma racionalidade que tem na técnica e na tecnologia um dos seus fundamentos primeiros. A asa delta, por exemplo, é fruto de

²⁷⁵ VEJA. **A aventura da fuga**. São Paulo: Abril, 15 de novembro de 1978, p. 55.

experimentações de engenheiros da NASA que resultou numa pequena aeronave triangular composta por tubos de alumínio e que hoje é um equipamento esportivo.

A evolução do surfe, do mesmo modo, também esteve ligada a inovações, sobretudo da indústria química. Nos anos 50, a madeira foi substituída pela espuma de poliuretano na fabricação de pranchas, tornando-as mais leves e conseqüentemente um pouco mais fáceis de se utilizar. Mais tarde, se utilizaria o poliestireno, o epox, o poliéster e o mekp (peróxido de etilmetil cetona). Todos produtos químicos que servem como catalisador da resina de poliéster e passam a fazer parte do cotidiano dos surfistas.

O montanhismo, do mesmo modo, vê aparecer o duralumínio e o cromomolibdênio que usados nos materiais os tornam mais leves e resistentes. Tem-se ainda o nylon que utilizado nas cordas substitui o sisal, dando-lhe elasticidade. Por último, pode-se ainda mencionar os calçados com solado de borracha superaderente, que elevaram à enésima potência a capacidade de realização esportiva dos montanhistas. Nesse sentido, a assimilação desses esportes no Rio de Janeiro corresponde a uma economia moral propensa a exaltação da tecnologia, onde cada um deles se apresenta como mais um canal de realização dessa escala de valores, que se consolida nessa mesma época.

A quarta “afinidade” entre essas esferas está na tendência de americanização que perpassou o desenvolvimento urbanístico da cidade, tanto quanto o do campo esportivo. Ter-se-á o cúmulo do pragmatismo. Tudo deve ser de algum proveito. A projeção de ruas nos projetos urbanísticos deve se concentrar em aproveitá-las para o escoamento do tráfego. Nesse sentido, seu planejamento está reduzido a medida da sua utilidade. No esporte, a racionalidade instrumental ou a mentalidade empresarial, tipicamente americanas, profissionaliza até o amadorismo. Até no montanhismo, cujas relações associativas serem estiveram marcadas inequivocamente pelas suas antigas tradições clubísticas inglesas, se vê envolto ao aparecimento de uma lógica contratual, onde um

aluno contrata um “guia profissional”, no que substitui antigos modos de organização e iniciação esportiva.

A quinta e última diz respeito ao surgimento de um sentimento de admiração pelo novo, onde isso parecia compor um parâmetro de modernidade e sofisticação. Aqui, é interessante observar como Negrão de Lima, o governador que empreendia reformas no Rio de Janeiro sob o lema “Construindo um Rio do ano 2000”, que pretendia fundar uma nova cidade, da “Era Espacial”, semelhante a do “Flash Gordon” era o mesmo que se fazia presente nas competições de surfe. Para uma nova cidade, um novo esporte.

É claro que cada um desses cinco elementos “afins” compõe uma imbricada cadeia de interdependência. Esse desejo de modernidade, por exemplo, passa pelo desejo de natureza e vice-versa. Assim, a valorização da beleza cênica e o valor paisagístico são, mais do que nunca, celebrados como elementos de uma cidade mais moderna, mais humana, esteticamente mais sofisticada e, porque não, mais eficiente.

A incorporação da natureza ao mundo urbano, quer seja através de reformas urbanísticas, quer seja através da assimilação de costumes de lazer na natureza significa que todo o modo de ser urbano, isto é, a sua urbanidade, passa a se constituir a partir do binômio modernidade-natureza, que, por sua vez, passa pelo fascínio ante a tecnologia, a admiração pelo *american way of life*, disponível, em geral, a um estrato social bem determinado. É dessa forma que surge uma urbanidade “mais moderna” e que se caracteriza pela sua disponibilidade ao contato com o verde. Natureza e Cidade, nesse caso, não se excluem. A sofisticação dos costumes da cidade estará eivada pela busca do que não é urbano. Essa urbanidade da natureza re-significa, ao menos em alguma medida, os próprios sentidos do que é ser urbano. Suas principais consequências têm relação com a constituição de uma nova modernidade, ou para dizer melhor, com a fundação de uma moderna tradição brasileira.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Geralmente, para um trabalho dessa natureza, lêem-se muitos e muitos livros. Eu não fugi a regra. Por uma questão de justiça, devo dizer que foram vários os trabalhos que me influenciaram e de cujas idéias me apropriei, ainda que não necessariamente os tenha citado aqui. E esta foi uma decisão de ordem prática. Comentar minhas vinculações teóricas ou as suas implicações, talvez nos afastasse dos objetivos dessa publicação. Limitei-me, portanto, a listar apenas aqueles textos que foram mencionados explicitamente. Outras obras, embora tenham sido seminais, foram deliberadamente postas de lado nessa lista bibliográfica. Esse pequeno comentário serve apenas para reconhecer essas dívidas, amenizar minha culpa e tentar, talvez inutilmente, restituir o que lhes é de direito.

AMENT, Pat. **Royal Robbins: el espíritu de una época**. Madrid: Desnível, 2003

ÁRIAS, Marcelo. Surf Gênese. **Alma Surf**, São Paulo, n. 12, 2002.

BOCÃO, Ricardo. O “quarto” boom. **Fluir**, São Paulo, janeiro de 2004.

_____. O surf é o pai de todos os esportes de prancha. **Fluir**, ed. 259, ano 24, maio de 2007.

BOLETIM INFORMATIVO. Rio de Janeiro: Clube Excursionista Brasileiro. 1960 – 1979 (bimestral).

BOTH, David. Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing. **Journal of Sport History**, Vol. 22, n. 3, p. 189 – 206, 1995.

BRANDOLIM, Thomaz. **Everest: viagem à montanha abençoada**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

BRASIL MERGULHO. **Entrevista: Arduíno Colassanti**. Disponível em <http://www.brasilmergulho.com>

BRASIL SURF. Rio de Janeiro: Brasil Surf, 1975 – 1979 (bimestral).

BUIN, Yves. **Kerouac**. Porto Alegre. L&PM, 2007

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93 – 106, 2005.

CASTRO, Ruy. **Ela é carioca: enciclopedia de Ipanema**. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO. **Relatório de Excursões**. Livro XV.

CHOUINARD, Yvon. **Que mi gente vaya a hacer surf**. Madrid: Desnível, 2006.

COLASSANTI, Arduíno. Entrevista ao autor em junho de 2007.

COOK, Dave. Vive la dference. **Mouintain Voices**. São Paulo, ano 5, n. 25, nov./dez., 1994, p. 10-11.

CORBIN, Alain. **Território do vazio: a praia e o imaginário social**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CORRÊA, Roberto L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167 – 185.

COSTA, Lúcio. **Plano-piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca: pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**. Guanabara: Agência Jornalística Image, 1969.

DA CUNHA, Ruy Vieira. França – crise e esperança. In: A GUERRA DE NOSSOS DIAS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1968. p. 9.

DIAS, Cleber; ALVES JUNIOR, Edmundo. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói, RJ: EdUFF, 2007.

_____. Esporte, cidade e natureza: um estudo de caso. **Licere**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 37 – 53, 2006.

DIAS, Cleber; MELO, Victor. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente. In: Victor Molina; Jose Fernando Tabares. (Org.). **Ocio y ciudad: dialogos para la construccion de espacios ludicos**. Medellin: Civitas, 2007, p. 69-90.

D'OREY, Fred. Desconstruindo Mickey Dora. **Fluir**, abril de 2006.

KAMPION, Drew; BROWN, Bruce. **Stoked: a history of surf culture**. Utha: Gibbs Smith, 2003.

DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

EMMER, Denise. **Memórias da montanha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FATOR 2. **Rio décimo grau**. Rio de Janeiro, n. 31, maio de 2007.

FARIA, Antônio Paulo. **Montanhismo brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro: Montanhar, 2006.

FERNANDES, Adriana. **História do surf no Brasil**. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/surf>>

FORD, Nick; BROWM, David. **Surfing and social theory**. New York: Routledge, 2006.

FORTES, Rafael. Entre passado, presente e futuro: a memória nas edições comemorativas da revista *Fluir*. **Esporte e sociedade**, ano 2, n. 6, jul. / out. 2007. Disponível em: www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc.

_____. O surfe nas ondas da mídia: uma proposta de abordagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael. Comunicação, consumo e lazer: o caso da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. In: FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael. **Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2005.

GARRIDO, José. Entrevista ao autor em fevereiro de 2007.

GASPAR, Claudia Braga. **Orla Carioca: história e cultura**. Rio de Janeiro: Metalivros, 2004.

GEORGE, Sam (ed.). **The Perfect day: 40 years of surf megazine**. California: Chronicle Books, 2001.

GLORIA, Aurélien; RASPAUD, Michel. Émergence des cométitions d'escalade en France (1980 – 1987): genèse d'une offre fédérale. **Staps**, Paris, n. 71, p. 99-114, 2006/1.

- GONÇALVES, Ayrton L. **Barra da Tijuca: o lugar**. Rio de Janeiro: Thex, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de cárcere**. vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HANSEN, Peter. Albert Smith, the Alpine Club, and the Invention of Mountaineering in Mid-Victorian Britain. **Journal of British Studies**, vol. 34, 1995.
- HARRER, Heinrich. **Sete anos no Tibet**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- HOIBIAN, Olivier. De l'alpinisme à l'escalade libre: l'invention d'un style? **Staps**, Paris, v. 995, n. 36, 2005.
- HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern history**. Oxford: Clarendon, 1992.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ILHA, André. Entrevista ao autor em outubro de 2006.
- _____. Manifesto da Escalada Natural. **Mimeo**, 1983.
- INFORMATIVO DO CLUBE EXCURSIONISTA CARIOCA. Rio de Janeiro: Clube Excursionista Carioca. 1960 – 1979 (bimestral).
- ISTO É. **Copacabana**. São Paulo: Três, n. 1.578, 29 de dezembro de 1999.
- KEROUAC, Jack. **On the road**. Porto Alegre: L&PM, 2006a.
- _____. **Viajante solitário**. Porto Alegre: L&PM, 2006b.
- _____. **Vagabundos Iluminados**. Porto Alegre: P&PM, 2006c.
- KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- _____. **Sobre homens e montanhas**. 2. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- LEFREVE, Henri. **O direito à cidade**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998.
- LEIS, Hector. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. São Paulo, Ed. Vozes, 1999.
- LEITÃO, Gerônimo. **A construção do eldorado urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988**. Niterói: EdUFF, 1999.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.
- LÉSÉLEUC, Eric de. Etnografía de un acantilado: territorialidad en la práctica de la escalada contemporánea. **Lecturas**. Buenos Aires, año 9, n. 60, may. 2003. Disponível em: www.efdeportes.com
- LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Nova sociedade emergente: consumidores de produtos ou produção discursiva? São Paulo: **Cadernos de Campo**, 2004, n. 12.
- MACFARLANE, Robert. **Montanhas da mente: história de um fascínio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- MARCUS, Ben. **A história das pranchas de surf**. In: ALMA SURF. Ano 7, n. 39,

jul./ago. 2007.

MASCARENHAS, Gilmar. A leviana territorialidade dos esportes de aventura. In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloísa. (orgs.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

_____. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**. Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, n. 23, 1999.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. v. 4. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MELO, Victor. **Cinema e esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006

_____. **Cidade sportiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MENEZES, Waldinar Santos de. Entrevista ao autor em fevereiro de 2007.

MOTTA, Marly Silva da. **Saudades da Guanabara**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Diários Associados de Assis Chateaubriand. 1960-1975 (semanal).

OLIVEIRA, Carmem L. **Flores raras e banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Apresentação. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org.). **Cidade: história e desafio**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 8-15.

ORMROD, Joan. Endless Summer (1964): Consuming Waves and Surfing the Frontier. **Film & History**, vol. 35, n.1, p. 39-51, 2005

ORTIZ, Renato. Anotações sobre o universal e a diversidade. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Autores Associados, vol. 12, n. 34, p. 7-16, jan./abr. 2007.

_____. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. reimp., 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PADILHA, Valquíria; CARNEIRO, Laura. Vendem-se ilhas de prazer: o lazer nos anúncios publicitários de apartamentos de alto padrão. **Impulso**, Piracicaba - SP, v. 39, p. 69-82, 2005.

PELLEGRINI, Giusepe. Entrevista ao autor em fevereiro de 2007.

PEREZ, Maurício Dominguez. **Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Odisséria, 2007.

POCIELLO, Christian. Desafios da leveza. In: SANT'ANNA, Denise (org.). **Políticas do corpo**. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

REVISTA GEOGRÁFICA UNIVERSAL. Rio de Janeiro, n.10, julho 1975.

REZENDE, Vera, **Planejamento urbano e ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

_____; LEITÃO, Gerônimo. **O plano piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá: intenções e realizações após três décadas**. Rio de Janeiro, CREA-RJ/UFF, 2004.

RIESS, Steven. **City Games: the evolution of American urban society and the rise of**

- sports**. University of Illinois Press, 1991.
- ROPER, Steven. **Campo 4: recuerdos de um escalador de Yosemite**. Barcelona: Desnível, 2002.
- ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- RYBCZYNSKI, Witold. **Esperando o fim de semana**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SANTOS, Angela Moulin S. Penalva. **Economia, espaço e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SCOTT, Paul. **Australian Surfing Magazines: The First Wave**. Disponível em: <<http://live-wirez.gu.edu.au/jea.papers/Scott.doc>>. Acesso em: 15 jul. 2006
- SILVEIRA, Marcos da. História do montanhismo brasileiro. Depoimento, 09 de janeiro de 2006, CD 1.
- SOUZA, Rico de. **A importância do piér de Ipanema**. Disponível em <http://www.blogdorico.globolog.com.br/archiv>
- TAILLAND, Michel. L'Alpine Journal, une revue savante entre maintien de la tradition et tentation du modernisme 1863-2004. **Colloque Une montagne de journaux, des journaux de montagne**, La Garde, n. 10, p. 29-49, 2004.
- THOMAS, Keitch. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- VALLE, Marisol Rodriguez. **A província da ousadia: representações sociais sobre Ipanema**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- VEJA. São Paulo: Abril, 1968 – 1979 (semanal).
- VEJA RIO. São Paulo: Abril, 1995 – (semanal).
- VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- YOUNG, Nat. **The history of surfing**. 2.ed. Utah: Gibbs Smith, 1994.
- WEID, Jean Pierre von der. **Horizontes Verticais**. Rio de Janeiro: J. P. Weid, 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)